

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA E CULTURAS

LUCIANA DE MOURA FERREIRA

**MEMÓRIA SOCIAL, IMAGINÁRIO E REPRESENTAÇÃO NO ÁLBUM DO
CENTENÁRIO DE SOBRAL - 1941**

FORTALEZA
2010

LUCIANA DE MOURA FERREIRA

Memória social, imaginário e representação no álbum do centenário de Sobral- 1941

Dissertação submetida à Coordenação do Curso de Pós-graduação em História e Culturas, da Universidade Estadual do Ceará. Como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em História.

Orientação: Prof. Dr. Gisafran Nazareno Mota Jucá

FERREIRA, Luciana de Moura.

Memória social, imaginário e representação no álbum do centenário de Sobral
-1941/Luciana de Moura Ferreira. – Fortaleza, 2010.

178p.: il.

Orientador: Prof. Dr. Gisafran Nazareno Mota Jucá

Dissertação (Mestrado em História)- Universidade Estadual do Ceará- UECE.
Centro de Humanidades.

1. Sobral (Ce) – Memória Social. 2. Imagens. 3. Imaginário.

1. Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades.CE.

CDD-302

Lygia Conceição Leitão Teixeira – CRB-31619

LUCIANA DE MOURA FERREIRA

Memória Social, imaginário e representação no álbum do centenário de Sobral- 1941

Dissertação submetida à Coordenação do
Curso de Pós-graduação em História e
Culturas, da Universidade Estadual do
Ceará. Como requisito parcial para a obtenção
do grau de Mestre em História.

Aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Gisafran Nazareno Mota Jucá (Orientador)
Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr^a. Chrislene Carvalho dos Santos
Universidade Estadual Vale do Acaraú

Prof^a. Dr^a. Zilda Maria Menezes Lima
Universidade Estadual do Ceará

Ao Tio Teúnas, (in memorian),
a Tia Helena e Tia Lúcia,
mais que tios,pai, mães, avós,
amigos, sempre comigo em todas as horas!
Obrigado pelo carinho, amor e confiança.

AGRADECIMENTOS

Sinceros agradecimentos a todos os que direta ou indiretamente, contribuíram para a concretização das palavras escritas.

Aos Prof^{os}. Drs. Chrislene Carvalho dos Santos e Erick de Assis Araújo, por participarem do meu exame de qualificação e, desse modo, contribuírem à proposta de pesquisa com suas recomendações.

Ao amigo Prof. Dr. Gisafran Nazareno Mota Jucá, por acreditar em mim, mesmo quando eu fraquejava. Obrigado pela paciência e por guiar minha escrita calorosamente.

À Prof^a Dr^a. Chrislene Carvalho dos Santos e a prof^a. Dr^a Zilda Maria Menezes Lima, pela gentileza em aceitar participar da banca de defesa.

Ao Prof. Dr. Dênis Mello. pelo incentivo, pelos diálogos e pelos livros.

Aos professores(as) e amigo(as) do MAHIS/UECE, por caminharem comigo, entre conversas e caminhos construídos, durante a produção deste trabalho.

Às minhas “irmãs e amigas”, Delizier e Arine, pelo carinho, apoio incondicional e também pelos puxões de orelha.

A Biblioteca Menezes Pimentel, por possibilitar a pesquisa no acervo, principalmente a Gertrudes, companheira de longas tardes na pesquisa.

À Daniele Alves, Marismênia e Alex Oliveira, minha família de coração com quem construí laços de amizade, ternura e carinho. Sem esquecer, é claro, das crises, diálogos que entravam pela madrugada(...) Juntos compartilhamos alegrias, aflições, sonhos e alguns desencantos...

A Cícero Joaquim dos Santos, por fazer parte dessa dissertação, pela amizade, carinho e por sempre acreditar em mim...

A meus pais, Stênio e Maria Tereza, guias do meu caminho, segurança e força.

A meus irmãos, Ticiane e Stênio, meus melhores e eternos companheiros, incentivo e confiança.

À CAPES, por financiar o desenvolvimento da pesquisa.

A todos os narradores da pesquisa, que gentilmente me cederam momentos em sua companhia, além de compartilharem comigo suas lembranças e histórias

FORÇA SEMPRE!

RESUMO

Nesta pesquisa procuramos compreender a formação das representações da cidade de Sobral, a partir da produção do álbum do seu centenário, no ano de 1941. A utilização das imagens como objeto de memória, nos proporcionou entender como a cidade foi instituída no imaginário da população. O trabalho com o jornal Correio da Semana nos levou a conhecer os desejos de transformação da cidade, de um grupo social, que instituiu alguns espaços, como símbolo do seu progresso e transformação. A partir da memória social, foi possível perceber que a cidade, cristalizou-se de forma ambígua no imaginário da sua população, pois as narrativas dos velhos nos levaram a conhecer uma outra cidade, que existia entre as Praças e os Clubes locais. Uma cidade onde o cotidiano era díspar do divulgado e enaltecido pela memória oficial. Dessa forma, as imagens divulgadas no álbum revelaram que a cidade pode ser lida e compreendida de múltiplas formas.

Palavras-chave: Centenário, Memória Social, Imagens, Sobral

ABSTRACT

In this research we seek to understand the formation of representations of the city of Sobral, from the album's production of its centenary in the year 1941. The use of images as objects of memory, provided us understand how the city was established in the minds of the population. Working with the newspaper *Correio da Semana* us to meet the desires of transformation of the city, a social group, which established certain areas, as a symbol of progress and transformation. From the social memory, it was observed that the city, crystallized somewhat ambiguously in the imagination of its population, because the narratives of elders led us to know another city that existed between the Squares and the local clubs. A city where daily life was reported from disparate and enhanced by the official memory. Thus, the images showed the album showed that the city can be read and understood in multiple ways.

Keywords: Centennial, Social Memory, Images, Sobral.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO:	10
1. MÚLTIPLOS OLHARES, DIVERSAS MEMÓRIAS E UMA CIDADE: SOBRAL	29
1.1.A cidade e o jornal Correio da Semana: desejos da cidade ideal.....	31
1.2. Dom José: controle e civilidade em Sobral.....	36
1.3.O centenário de Sobral: organização e construção de um passado glorioso.....	46
1.4.A produção da comemoração.....	52
1.5.Craveiro Filho e o álbum do centenário.....	56
2. LEGIBILIDADE DA CIDADE NA VISÃO DA ELITE: ESPAÇO E IMAGENS NA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS	62
2.1.Álbum do centenário: Sobral monumentalizada.....	67
2.2. Sobral retratada: a cidade em imagens instituindo a memória.....	71
2.3. A cidade nos seus primórdios: imagens do passado como exaltação do presente.....	82
2.4. A cidade revelada: espaços públicos e poder público no centenário.....	92
2.5. Lugares de passagem e do “desejado” progresso.....	105
2.6. Praça: usos e abusos do lazer.....	116
3 OLHAR, LEMBRAR E CONTAR: IMAGENS COMO OBJETO DE MEMÓRIA	124
3.1. Imagens como memória da cidade: narrativas da cidade.....	134
3.2. Memórias do centenário: silêncios de fragmentos.....	154
4.CONSIDERAÇÃOESFINAIS	162
5.FONTES	167
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	169

O Auto-Retrato

No retrato que me faço -
traço a traço -
às vezes me pinto nuvem,
às vezes me pinto
árvore...

às vezes me pinto coisas
de que nem há mais
lembrança...
ou coisas que não existem
mas que um dia
existirão...

e, desta lida, em que
busco
- pouco a pouco -
minha eterna semelhança,

no final, que restará?

Mário Quintana

Introdução

Não se sabe se Kublai Khan acredita em tudo o que diz Marco Pólo quando este lhe descreve as cidades visitadas em suas missões diplomáticas, mas o imperador dos tártaros certamente continua a ouvir o jovem veneziano com maior curiosidade e atenção do que qualquer outro de seus enviados ou exploradores¹

A justificativa desta pesquisa está intimamente envolvida com a capacidade de perceber as cidades não apenas em suas formas concretas, nem em seus registros oficiais, mas na possibilidade de ouvir os sussurros que ecoam pelas calçadas e observar olhos que se deparam com os espaços da cidade desejada, ao reviverem os encantos e os sonhos que habitam entre a frieza do concreto e o calor dos desejos.

Assim como Kublai Khan não questionava a veracidade dos relatos de Marco Pólo, não temos o direito de questionar a verdade daqueles que nos receberam amavelmente e nos presentearam com suas memórias sobre os “tempos antigos”, revelando-nos outras formas de perceber e sentir o cotidiano, mostrando que a cidade não era apenas desejo dos que a “reordenavam, controlavam, transformavam”.

Havia também uma outra cidade, fruto do desejo daqueles que nela viviam e a delineam através da memória. Era também desejo dos que a observavam transformar-se, remodelar-se, preservando o perfil de uma cidade ideal. A cidade pertencia àqueles que, mesmo não podendo ir aos bailes no Pallace Club², ficavam na calçada, vendo as pessoas entrarem e saírem. Eles observavam como a elite se vestia e ouvia música, pois também faziam parte da cidade, mesmo não estando inseridos oficialmente nos espaços exclusivos dos privilegiados.

¹ Calvino, Ítalo. **Cidades Invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

² Um dos primeiros clubes diversionais da cidade, fundado em 1909, com o nome de Grêmio Recreativo Sobralense, sendo em 1926, inaugurado sua nova sede na Praça da Meruoca, hoje Praça de Cuba. O estilo do Prédio é neoclássico, destacando-se arquitetonicamente pelos detalhes. Durante cinquenta anos o Palace Club movimentou a sociedade sobralense com requintadas festas, apresentações de cantores líricos, recitais, shows e festivais.

Sobral surgiu meio por acaso em nossa vida. Na verdade, sempre ouvíamos histórias sobre sua opulência, sua grandiosidade e seu “apego a um passado e suas tradições”, sobre seu desejo de copiar os modismos americanos e, por isso, chegando a ser conhecida popularmente como “Estados Unidos de Sobral”.

Esses “ouvir dizer” sobre Sobral afastavam o desejo de conhecê-la. No entanto, por um desses imprevistos que ocorrem em nossas vidas fomos morar em Sobral, uma terra estranha e nada amigável pelo que se ouvia falar. Contudo, aos poucos fomos sendo envolvidos por um encanto natural, o orgulho dos sobralenses não assustava tanto e até tornava-se motivo de piadas entre os “estrangeiros”³. Aos poucos, fomos aprendendo a reconhecer os sobralenses por seu gosto pelo luxo, pela boa educação e receptividade quando se trata de falar sobre a cidade e seus símbolos. Dona Zuleica Viana⁴ é um exemplo dessa tipologia, pois não permite que nenhuma visita saia da sua casa sem levar algo consigo. É preciso reconhecer sua receptividade e carinho, ao abrir as portas das suas lembranças e nos encaminhar a um mundo novo e diferente daquele que encontramos nos estereótipos sobre a cidade, a nos ensinar a ver outra cidade que vai além do concreto e invade o campo sentimental. Andar pelas ruas de Sobral é surpreender-se a cada instante, com o Arco do Triunfo, com o Boulevar, com sua arquitetura peculiar, com o Alto do Cristo, com as procissões e devoções, com o gosto pelo luxo. Um mundo globalizado, onde circulam lado a lado o luxo e a simplicidade do cotidiano.

Em meio a estas descobertas urbanas e ao aprendizado de olhar sempre além do que os olhos vêem, descobrimos outra forma de enxergar a cidade, através dos seus cronistas, poetas, jornalistas, fotógrafos, habitantes comuns, simples observadores da cidade, com eles

³ CF: FREITAS, Nilson Almino de. **Sobral Opulência e Tradição**. Sobral: UVA, 2000. O autor usa a palavra “estrangeiros” para denominar todos aqueles que vivem em Sobral, porém não são naturais da cidade.

⁴ Secretária da Diocese de Sobral e uma das entrevistadas na pesquisa.

fomos descobrindo uma cidade que era dita de várias formas, inclusive pela sua historiografia que permite, em pleno século XXI, a exaltar os grandes homens e seus feitos.

Entretanto, quanto ao que se tem produzido sobre a cidade, fugindo desta perspectiva positivista, seus autores ainda estão restritos às paredes do mundo acadêmico. Veja-se “Sobral: Opulência e Tradição”⁵, onde o autor realiza um mapeamento da cidade e das origens da sua tradição, questionando os espaços sociais e a aura de poder que os circunda, analisando as condutas e regras de sociabilidade ali presentes e a construção do sentimento da decantada “Sobralidade”.

Na dissertação de mestrado *Construção social do corpo feminino: Sobral 1920/1925*⁶, Chrislene Carvalho dos Santos, tendo por base os jornais ‘*Correio da Semana*’ e ‘*A Lucta*’, e da ‘*Revista da Semana*’, apresenta uma análise do comportamento feminino na cidade, a partir do “embate”, estabelecido entre a igreja e as idéias modernas divulgadas no período, pelos liberais. A autora constrói, dessa forma, uma análise das apropriações realizadas pelos conservadores, sobre a modernidade do comportamento feminino, institucionalizando idéias, proferidas no discurso da igreja e do Correio da Semana, de forma a instituir o comportamento de uma “mulher ideal”, no que se refere ao pensamento católico de orientação “ultramontana”.

A importância da pesquisa revela-se por nos levar a perceber, como a partir da publicidade e dos discursos proferidos pela igreja, o comportamento feminino era controlado e coordenado pelo “poder ordenador da cidade”. É importante salientar que a igreja, tinha na personalidade do seu primeiro Bispo, D. José, o principal defensor da modernidade e do

⁵ FREITAS, Nilson Almino de. **Sobral Opulência e Tradição**. Sobral: UVA, 2000.

⁶ SANTOS, Chrislene Carvalho dos. **Construção social do corpo feminino Sobral 1920-1925**. Dissertação de Mestrado em História-Universidade Federal de Pernambuco/UFPE, Recife, 2000.

desenvolvimento da cidade. No entanto, no que se relacionava ao comportamento feminino, o mesmo era retrógrado e incentivava a continuidade da submissão feminina.

Agenor Soares Júnior, na sua dissertação de mestrado, *A cidade disciplinada: a igreja católica e os trabalhadores urbanos em Sobral- Ceará(1920-1925)*⁷, apresenta as relações construídas entre a igreja que ordenava e controlava as transformações da cidade em prol do progresso e desenvolvimento, mas que controlava as idéias que circulavam no espaço urbano, especialmente o espaço do trabalho e das idéias consumidas e divulgadas pelos trabalhadores.

Ainda sobre Sobral, identificamos um artigo escrito pela professora Teresa Maria Frota Haguette, onde aborda o processo crise iniciado na cidade, a partir da construção da estrada, que ligaria Fortaleza a Sobral. Ela analisa o processo de crise vivenciado pelas elites da cidade, que antes mantinham contato direto com a Europa sem o intermédio da Capital.

Neste sentido, o artigo mostra outra visão sobre o início do processo de transformação dessa elite e da cidade, levando em consideração a sua formação educacional, as transformações econômicas registradas e forte influência da Igreja na construção de um tempo ideal da elite, moldado na valoração das famílias.

A igreja, através do clero, influiu fortemente como instituição de controle social para a manutenção de padrões de conservadorismo moral e político junto à população, haja vista o repúdio dos “crentes”, ao comunismo e às modas femininas mais afoitas. Por outro lado, sua contribuição positiva também era sentida no campo da cultura em geral e dos princípios cristãos que difundia.⁸

⁷ SILVA JÚNIOR, Agenor Soares e. “**A Cidade disciplinada**”: a Igreja católica e os trabalhadores urbanos em Sobral- Ceará (1920-1925). Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal do Pernambuco – UFPE, Recife, 2002. p.37.

⁸ HAGUETE, Tereza Maria Frota. As elites sobralenses na década de 40. IN: **Revista do Instituto do Ceará**. Fortaleza. Vol. 105, ano CV. 1991.p. 397.

A Igreja católica, na primeira metade do século passado, funcionava como instituição ordenadora da vida social e das famílias. Em Sobral essa atuação era ainda mais forte por ser ela a mantenedora de ações assistencialistas⁹, das festas religiosas, que com suas procissões apresentavam-se como verdadeiros espetáculos, assim como as inúmeras igrejas da cidade que se transformavam em núcleos centrais de praças, em torno das quais a população construía suas residências. A Igreja influenciava a constituição da sociedade e de seus valores, assumindo a responsabilidade na “construção” da cidade.

A produção acadêmica, anteriormente indicada, expressa outras visões sobre Sobral, que diferem em grande parte da historiografia local, consolidada por Dom José Tupinambá da Frota¹⁰ e Padre Francisco Sadoc de Araújo¹¹. Na conhecida produção, eles apontam a cidade como espaço detentor de um poder e de uma soberania,, independente de raízes portuguesas e de seus habitantes. Dentre eles, o de maior destaque, Dom José Tupinambá da Frota, que o imaginário local denominou o “segundo pai” fundador da cidade, pois foi justamente após seu retorno à cidade, em 1918, que se iniciou um processo de ordenação urbana, higienista, social e cultural.

⁹ A diocese de Sobral antecipou-se ao estado as ações assistencialistas com a construção da Santa Casa de misericórdia inaugurada por Dom José em 1925, e a Sociedade de São Vicente de Paula com seus dispensários para atender os necessitados, sendo a sociedade criada em 1885 e o dispensário em 1939, além da existência de diversas associações pias.

¹⁰ José Tupinambá da Frota foi o primeiro Bispo da cidade. Nasceu em Sobral no ano de 1882, onde iniciou seus estudos, sendo no ano de 1895 enviado por seus pais para o Seminário Arquiepiscopal na Bahia, onde ficou até 1899, quando embarcou para Roma onde se graduou em Filosofia e Teologia. Ordenou-se Presbítero no ano de 1905, retornando para o Brasil em 1907; no ano de 1908 retorna a Sobral sendo em 1915 eleito Bispo da terra. É o autor da obra: **História de Sobral**. Fortaleza: Henriqueta Galeno, 1974.

¹¹ Cronologia Sobralense- 5 volumes (1974-1990); A Ciência Criadora (1976); História da Cultura Sobralense (1978); Estudos Ibiapabanos (1979); História Religiosa da Meruoca (1979); Ceará: Homens e Livros (1981); Traços Biográficos de Dom José Tupinambá da Frota (1982); Dicionário Biográfico de Sacerdotes Sobralenses (1985); História Religiosa de Guaraciaba do Norte (1988) e Padre Ibiapina, Peregrino da Caridade- entre outros. É, também, membro da Academia Cearense de Estudos e Letras, Sócio do Instituto do Ceará, do Instituto Genealógico Brasileiro e do Colégio Brasileiro de Genealogia.

A visão de Dom José como o grande realizador de ações de natureza social teve continuidade através da ação de seus seguidores, dentre eles José Teodoro Soares¹², que produz uma vasta obra sobre o período em que o bispo esteve à frente da cidade, fortalecendo o mito de Dom José.

Enfim, foram estas as razões que nos despertaram o desejo de conhecer e entender as representações que se constituíram em torno da cidade e da figura de Dom José na década de 1940, quando a cidade foi dotada de um amplo processo de modernização, alimentada pela idéia de progresso e desenvolvimento sócio- cultural, quando comemorou seu primeiro centenário.

Parece-me importante considerar o imaginário, nesta pesquisa, como forma de abordar os sistemas simbólicos de idéias e imagens de representação coletiva, que conduz os historiadores a captar a multiplicidade de sentidos e construção de significados diferenciados sobre o acontecido e sobre suas formas de representação, expressas em textos, imagens e memória.

Pesavento¹³, ao discutir o imaginário apresenta-o como “outro real”, um real que partindo de representações, construídas pelo homem, vão dando significado às coisas. Ou seja, o mundo que vemos, em que acreditamos é o mundo “real”, no sentido em que é transformado, pensado e vivido pela maneira como cada um o interpreta e compreende. O imaginário emerge entre o concreto e o onírico, legitimando a forma como percebemos a realidade.

¹² José Teodoro Soares é natural de Reriutaba- Ceará, onde nasceu a 28 de dezembro de 1940. Bacharel em Direito e Filosofia, Licenciado em Ciências Políticas pelo Instituto de Estudos Políticos da Universidade de Paris (1968), e em Ciências Sociais pelo Instituto Católico de Paris no mesmo ano. Mestre em Administração Pública pelo Instituto Internacional de Administração Pública de Paris(1970). Autor de vários livros entre eles: “Em defesa da educação e da universidade cearense. Sobral: Edições UVA, 1997”; “Universidade – regionalização e Cultura. Crato/Fortaleza: URCA/UFC, 1990”; “Pensar e Repensar a Universidade (série) nº 1 a 5. Sobral:UVA, 1996”, entre outros.

¹³ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano** – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. 2. Ed. – Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002, p.11.

Entre as muitas possibilidades de estudar a cidade optamos pela história cultural¹⁴, que se propõe a estudar a cidade partindo de suas representações, sendo elas uma das fascinantes formas de ouvir os sons, e perceber os sentidos que a cidade emite por meio de sua literatura, arquitetura, cotidiano, práticas sociais, imagens, costumes e tradições que constituem o imaginário da Cidade.

Compreendendo a cidade pelo olhar de Pesavento¹⁵, a definimos como “ objeto de múltiplos discursos e olhares, que não se hierarquizam, mas que se justapõem, compõem ou se contradizem, sim, por isso, serem uns mais verdadeiros ou importantes que os outros”. Assim, pensamos a cidade como espaço de experiências, construção de saberes e reflexões que estão muito além do espaço físico, dando forma e significados a sentimentos, a sociabilidades que se constituem em representações.

Neste contexto, buscamos entender a cidade de Sobral através das representações que foram construídas em torno dela e da comemoração do seu primeiro centenário, durante a década de 1940. Nessa perspectiva, podemos pensar sobre o poder que essas representações tiveram no modelo idealizado e como influenciaram nas transformações registradas. Entendemos que a cidade tem seus espaços transformados e produzidos, a partir das relações de significados socialmente estabelecidos, que são resignificados por seus usuários em forma de representações.

Nosso objetivo é, pois, entender a cidade, nos anos quarenta do século passado, através da memória daqueles que tiveram, direta ou indiretamente, contato com esse marco temporal, ressaltando o processo de constituição das representações reveladas. Visualizar Sobral, a partir do prisma da memória social é possibilitar o conhecimento de outra Sobral,

¹⁴ Sobre história Cultural ver: BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro; Zahar, 2005.; ROSSINI, Miriam de Souza; WEBER, Nádia Maria; PESAVENTO, Sandra Jatahy. (orgs.). **Narrativas imagens e práticas sociais: percursos em história cultural.** Porto Alegre: Asterisco, 2008.

¹⁵ PESAVENTO. **Op. Cit**, p. 17

levando em consideração não apenas o papel dos “homens ilustres”, mas de outros agentes que, na simplicidade de suas experiências cotidianas, nos fazem melhor entender a complexidade das práticas urbanas, vivenciadas em espaços diferenciados, mas constitutivos de uma paisagem social.

A interpretação desse cotidiano, revelado por diferentes memórias de múltiplas opções de fazer possibilita-nos, assim, pensar o período estudado como a apresentação de uma paisagem urbana, composta por desejos múltiplos, de transformação, definidora de uma identidade, composta pelo “verso e reverso” da cidade.

A opção pela elaboração de um trabalho acadêmico, onde a memória social e as fotografias constituem fontes elencadas prende-se ao fato de ser um costume sobralense utilizar fotografias da cidade, como forma de apresentar, aos visitantes ou observadores da cidade, o seu passado e sua tradição, visível nas imagens, seu sentido simbólico que elas trazem em si. Somos cientes de que muitas destas ações de “re” avivamento da cidade ocorrem com fins de propaganda, de divulgação da cidade pela administração pública ou mesmo por entidades privadas, que buscam atrair público a partir da sua associação com a tradição da cidade.

Reconhecendo o poder que as fotografias têm de representação do real, por nós compreendidas, como fragmentos de um dado momento e produto de uma visão particular de seu produtor que pode ser direta ou indireta, pensamos serem elas uma das possibilidades de ler a cidade.

Destacamos as fotografias como uma das possibilidades de ler a cidade. Reconheçamos o poder que elas têm de representação do real, pois se afiguram como fragmentos de um dado momento, produto de uma visão particular do seu produtor, que pode ser direta ou indireta.

As imagens aqui utilizadas como memórias fazem parte do “álbum Histórico comemorativo ao primeiro centenário da cidade de Sobral”, organizado pelo Jornalista Craveiro Filho com o apoio e incentivo de Dom José, no ano de 1941.

As fotografias que ilustram o álbum retratam os espaços da cidade que representavam as ações do Bispo e do poder público rumo ao seu desenvolvimento e progresso. A utilização das imagens, como representação dos desejos de transformação e constituição do imaginário da cidade, funcionam como precioso guia, na busca pela compreensão de como a cidade era desejada pelos produtores dessas representações, além de serem utilizadas como objeto desencadeador da memória. Afinal, “a imagem é uma espécie de ponte entre a realidade retratada e outras realidades, e outros assuntos, seja no passado, seja no presente. E por isso ela não se esgota em si”¹⁶, o que nos possibilita um maior número de interpretações da cidade, pois, pensando a memória não apenas como coletiva, como Halbwachs¹⁷, mas também como individual, voltada para o todo, pois podemos visualizá-la através de duas lentes: uma individual e outra social, que não se dissociam mas se complementam.

Em si e por si, a memória é simplesmente subjetiva. Ao mesmo tempo, porém, a memória é estruturada pela linguagem, pelo ensino e observação, pelas idéias coletivamente assumidas e por experiências partilhadas com os outros. Também isso constrói uma memória social.¹⁸

A tradição de que a memória é apenas reflexo da produção da verdade pela história soa absurda nos dias atuais, pois ambas estão envolvidas em questões bem mais complexas que uma simples busca pela verdade absoluta e a objetividade não parece ser a maior das

¹⁶ PAIVA. Eduardo França, **História e Imagens**. Belo Horizonte: Autentica 2002. (Coleção História & Reflexões), p. 19.

¹⁷ Halbwachs. Maurice, **A Memória coletiva**. São Paulo: Vértice Editora, Revista dos Tribunais, 1990.

¹⁸ FRENTRESS. James, **Memória Social**: Novas perspectivas sobre o passado. Ed. Teorema, Lisboa, 1992, p.10.

particularidades de ambas. Neste sentido a memória, nesta pesquisa, é considerada por seu aspecto social, contribuindo assim para a constituição da história. Para Jucá¹⁹, o sentido das memórias nos leva a saberes sobre o mundo social a partir do indivíduo, nos revelando conhecimentos silenciados que foram indiferentes para algumas reconsiderações históricas, especialmente as oficialmente consagradas.

Como pensar o imaginário da cidade a partir das representações e da memória na primeira metade do século passado em Sobral se ainda hoje, no século XXI, permanece forte na cidade o mito de Dom José e sua influência sobre a transformação da cidade no período abordado? A memória, como afirma Polack²⁰, “é um elemento constituinte de identidade, tanto individual como coletiva”. Desta forma, pode-se pensar que ela é passível de conflitos, afinal o indivíduo constrói uma identidade para si e para os outros, sendo, pois na reconstituição da instituição de um imaginário local, totalmente cabível essa disputa ou até mesmo uma tentativa de enquadramento da memória. Assim, tentou-se compreender como este imaginário foi instituído na cidade, a partir de objetos de memória, ou seja, fotografias.

Neste trabalho partimos da utilização de Le Goff²¹, documento/monumento, tomando as imagens como imagem /documento e imagem/monumento, utilizando-se do sentido simbólico, material e funcional que as mesmas detêm, pois se a função dessas imagens é cristalizar os fatos e os espaços retratados, evitar o esquecimento, fica claro que a sua função é possibilitar a re-atualização da memória.

Observar uma fotografia com uma distância temporal de seu período de produção e a experiência de quem a observa no presente é reatualizar a memória, é desvelar um infinito

¹⁹JUCÁ. Gisafran Nazareno Mota, **A oralidade dos velhos na polifonia urbana**. Fortaleza: Imprensa universitária, 2003.

²⁰ POLLAK. Michael, Memória e identidade social. IN: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p.200 - 212.

²¹ Le GOFF. Jacques. **História e memória**. 4 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

número de sensações e sentimentos, às vezes adormecidos pelo tempo, mas que são desencadeados pela ação do ver o passado cristalizado.

Como diz Calvino²², uma cidade comporta muitas e analisar uma cidade, mediante suas transformações, é reconstituir os poderes que a instituíram. A forma que a cidade detém hoje, naturalmente, foi modificada. No entanto, em Sobral preservou-se grande parte da estrutura do seu acervo arquitetônico, que é um misto de estilo medieval e moderno. Então, como fazê-la uma cidade moderna, falar através da memória em meio a uma “natural” descaracterização do espaço? Enfim, “independente de sua qualidade estética, qualquer imagem pode servir como evidência histórica”²³. Por isso, optamos pela opção da memória de velhos, não apenas por serem eles reconhecidos como os detentores sobre as “Estórias de antigamente”, mas também por reconhecer neles um descomprometimento com possíveis poderes sociais, que poderiam interferir sobre seus depoimentos; desta forma, eles deixam fluir suas memórias durante a entrevista, como uma preciosa fonte. A escolha dos entrevistados não se deteve na classificação de classes sociais, mas pautou-se na idade e na relação dos entrevistados com a cidade, no período da década de quarenta. Também não nos detivemos em formulários ou perguntas prontas, e sim na espontaneidade dos entrevistados.

As fotografias por nós utilizadas como fonte são de espaços urbanos, dotadas de um sentido representativo, do que queria ser preservado e mantido como o próprio organizador Craveiro Filho fala no início da obra: “O futuro historiador desta grande terra encontrará neste trabalho todo o material de que irá precisar para a construção do edifício histórico da cidade de Sobral”²⁴. As palavras do jornalista expressam seu caráter de representação, e, mais que isso, elas fazem referência ao que o grupo social, ao qual estava ligado, queria preservar,

²² CALVINO. ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994,p.67.

²³ BURKE. Peter, **Testemunha ocular** – história e imagem. Bauru, SP; EDUSC, 2004.

²⁴ BPMP – Acervo de Obras raras. Craveiro Filho. **Álbum do centenário de Sobral**. Sobral, S.d, 1941.

incluindo-se neste sentido as fotografias que na obra aparecem fora do texto, ou seja, não têm ligação com o texto escrito. Mas com forte sentido simbólico. Sentido este que iremos explorar através da análise de imagens como documento/monumento e como objeto de memória.

Trabalhar com a análise de fotografias não é apenas uma leitura visual do que ela expressa, mas também uma visão do seu contexto. Kossoy²⁵ afirma que para esta análise devemos realizar a “verificação de todos os detalhes das imagens”, isto é, o seu sentido de produção, seus receptores e, mais que isso, olhar as imagens apoiados pelas “informações”, colhidas através do “poder público, de periódicos da época, atas oficiais emanadas do poder público entre outras fontes”. Enfim, a imagem deve ser dissecada, falar em todos seus sentidos desde o visível ao imaginado, possibilitando assim sair do espaço retratado e chegar à cidade ou na sua dimensão plural.

A nossa análise parte de eixos temáticos visuais, ou seja, aspectos urbanos, onde analisamos imagens fotográficas, na tentativa de identificar padrões de recorrência temática e formal, estabelecendo subconjuntos, no interior da mostra total, orientados pelos motivos fotografados e também pela relação entre essas temáticas.

Na segunda parte do trabalho as imagens são utilizadas como objeto de memória, pois “a fotografia provoca no olhar uma síntese da memória pessoal”²⁶, afinal quando observamos uma fotografia a memória sobre o objeto representado vem à tona trazendo junto uma rede de outras memórias a ele associados, dessa forma resignificam o ato de ver e falar o objeto representado.

No intuito de melhor compreender as imagens como representação não apenas do que está explícito imageticamente, mas no seu sentido de “invisível” ao olho, as imagens são

²⁵ KOSOY. Boris, **Fotografia & História**. São Paulo; Ática, 1989, p. 85.

²⁶ KOURY. Mauro G. Pinheiro, Fotografia como objeto de memória: produto técnico e suporte ideológico na conformação do homem ocidental. In: **Domínios da Imagem**. Londrina, ano I, n.2, maio de 2008, p.101 – 106.

analisadas através da historiografia local e do periódico *Correio da Semana*²⁷, a fim de garantir uma compreensão mais profícua dos sentidos de representação, que as imagens trazem em si.

A utilização dos jornais como fonte de pesquisa apresenta-se como possibilidade de retorno ao passado. Eles proporcionam a sensação de vivenciar o passado, a partir das representações que foram instituídas nesses espaços, por ideários, partidos políticos ou instituições a que sua produção estivesse ligada. Nesse sentido, apoiando-nos em Capelato, quando nos informa que a imprensa escrita deve ser entendida , “não como um nível isolado da realidade social na qual se insere, mas que ela representa fundamentalmente, um instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social ”²⁸.

Essa percepção do jornal será por nós utilizada como fonte para a compreensão das representações sobre a cidade, nos levando a entender como a cidade era pensada e divulgada pela igreja, através do jornal *Correio da Semana*. Da mesma forma é importante considerá-lo como veículo possível de visibilidade, da participação popular na cidade e nos processos de transformação e festividades, registrados na cidade. Entretanto, são as fontes orais que merecem destaque na elaboração de nossa dissertação. Sem menosprezar as demais, é através das entrevistas realizadas, estimuladas pelas fotografias urbanas relacionadas, pois as fotos não devem ser utilizadas como um simples adorno de trabalhos históricos, que conseguimos dar voz a agentes históricos, antes não reconhecidos na história local. O cotidiano por eles narrado e a espontaneidade de seus testemunhos enriquecem o acervo trabalhado no decorrer de nossa pesquisa

²⁷ Órgão dos interesses religiosos da Diocese de Sobral. Fundado por Dom José Tupinambá da Frota em 1917, sob a direção do Pe. José de Lima Ferreira e redação de Pe. Francisco Leopoldo Fernandes Pinheiro, que mais tarde foi também diretor. O jornal ainda hoje continua em funcionamento.

²⁸ CAPELATO, Maria Helena. Populismo na imprensa: UH e NP. IN: Melo, José Marques de (org.) **Populismo e Comunicação**. São Paulo: Cortez, 1981. P.118.

A partir dos conceitos de representação e memória social, o conteúdo extraído nas fontes trabalhadas foi embasado e articulado. O tema é abordado assim na perspectiva da história cultural, que amplia as possibilidades de escrita e produção da história urbana. Através dela, além do peso do setor econômico revelados das manifestações culturais, onde diferentes aspectos das relações sociais se entrecruzam nessa reveladora trilha histórica. As teorias, a meu ver, nos possibilitam uma melhor definição dos problemas levantados e se apresentam como referência para encontrar os caminhos que a pesquisa deve seguir. Nessa trilha, apoiada em um diálogo mantido entre teoria e prática, de pesquisa, no campo da história cultural, o conteúdo da temática proposta se torna mais transparente no complexo emaranhado de veredas, que compõem o cenário urbano.

Partindo de Chartier²⁹, o conceito de representação é fundamental para o desenvolvimento de pesquisas na História Cultural, pois,

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem a universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupos que as forjam. Daí para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza.

Ao mesmo tempo, o uso do conceito de representação tornou necessário um diálogo com o conceito de imaginário, não apenas o por nós adotado³⁰, o qual compreende sua constituição através de “discursos e imagens”, que ultrapassam a visibilidade e relacionam-se intimamente com a subjetividade, com a experiência que se constrói entre o olho e a experiência, um sistema de idéias construído e dotado de “sentido de real”, pelo grupo que o legitima socialmente.

²⁹ CHARTIER. Roger, **A História Cultural** – Entre práticas e representações.. Rio de Janeiro. Editora Bertrand Brasil, 1988.

³⁰ PESAVENTO, Sandra. Um novo olhar sobre a cidade: a nova história cultural e as representações do urbano. In: MAUCH, C. ET AL. (orgs). **Porto Alegre na virada do século 19**, cultura e sociedade. Porto Alegre, Canoas, São Leopoldo: Editoras da UFRGS, Ulbra e Unisinos, 1994. p.130.

A noção de representação está ligada à noção do “re-apresentar”, do “re-vitalizar” no presente o que foi produzido e utilizado em forma de discursos ou imagens para representar o mundo e o homem.

Neste sentido a memória tem a função de trazer à tona as representações, a partir do conhecimento que retém sobre elas e suas relações com a história, através do conceito de memória social por nós adotado, o qual aponta que:

o significado social da memória, tal como a sua estrutura interna e o seu modo de transmissão, é pouco afetado pela sua verdade; o que interessa é que se acredite, pelo menos até certo ponto – pois há que não desprezar os contos populares, que também são comemorações do passado, embora muitas vezes não sejam nem sequer narrados como rigorosamente críveis.³¹

Percebemos que a memória está intimamente ligada à história cultural e que sua utilização, associada aos conceitos de representação e imaginário, possibilita a expressão das ideias dos consumidores destas representações, possibilitando assim uma reconstituição das visões sobre a cidade em determinados períodos históricos, através de uma multiplicidade de formas de pensá-la, considerando seu imaginário como uma preciosa fonte.

Assim, na medida em que a nova História Cultural amplia seu leque de fontes e se fortalece como uma nova postura epistemológica, quando a questão da memória e do imaginário se fazem fundantes e, com isso, valorizam as novas formas de produção do conhecimento, penso ser esta pesquisa uma forma de construir novos olhares sobre a cidade de Sobral, onde através da memória e das representações seja possível reconstituir uma das múltiplas faces que a cidade assume frente aos consumidores de seus espaços e das suas representações sobre ela produzidas. Portanto, por meio do diálogo com as fontes e com as teorias, procuramos nesta pesquisa traçar possibilidades de pensar, de múltiplas maneiras, a

³¹ FENTRESS. **OP. Cit**, p. 10.

cidade e quem sabe constituir aqui um roteiro da formação deste imaginário, despertando outros olhares sobre a cidade, como estímulo a novas possibilidades de pesquisa.

No primeiro capítulo, **“Múltiplos olhares, diversas memórias e uma cidade: Sobral”**, apresentamos a cidade na década de quarenta, a partir do periódico Correio da Semana, órgão ligado à igreja e fundado pelo Bispo Dom José, apropriando-nos das notícias, a fim de compreender como a cidade era representada e como o Bispo aplicava a civilidade como forma de controle e transformação da cidade, rumo ao desejo de uma urbanização social e cultural, vigiada e protegida pela ação da igreja católica. Na compreensão das práticas de civilidade, fazemos uso de Norbert Elias³², com o conceito de civilidade, para compreender como o Bispo mantinha o domínio sobre a cidade e sua população, com o emprego de um processo de controle e transformação social.

Ainda neste capítulo analisamos as notícias sobre a realização do primeiro centenário da cidade, que deixam perceber os grupos envolvidos na organização e desenvolvimento das comemorações.

No segundo capítulo, **“Legibilidade da cidade na visão da elite: espaço e imagens na construção de sentidos”**, apresentamos a obra “O centenário”, álbum produzido no centenário da cidade e que figura como obra simbólica da transformação da cidade e divulgação de ideologias a serem cristalizadas como “mostra” da transformação sofrida pela cidade desde seu surgimento até o ano de 1941, data da comemoração festiva do centenário de Sobral. A análise do álbum se dá a partir do seu sentido de representação e da qualidade e definição dos temas a serem abordados, a fim de compreender como a cidade era pensada e desejada pelo grupo que estava à frente destas transformações. Para a compreensão do sentido de representação do álbum, iremos nos apropriar do conceito de Chartier.

³² Elias. **Op. cit.** p,67.

Em um segundo momento, analisamos as imagens do álbum “o centenário”, optando por realizar uma análise imagética do sentido representativo da cidade, a fim de compreender como ela era representada pelo álbum, através da análise de eixos temáticos pautados a partir de dois grupos de análise: 1 – temas fotografados e 2 – padrões temáticos visuais. Este segundo capítulo é consagrado às práticas e sentidos de representação, associando as imagens ao periódico Correio da Semana e à historiografia local. Para isso, iremos fazer uso de Kossoy, como suporte teórico e metodológico para o trabalho com a análise das imagens.

No terceiro capítulo, **“Olhar, lembrar e contar: imagens como objeto de memória”**, desvelamos um mundo de histórias, a partir da utilização das imagens do álbum “O centenário”, como objeto desencadeador de memórias. As imagens como memória foram escolhidas pela maior relação de afetividade, apresentada pelos depoentes com as mesmas. Portanto, não faremos uso de todas as imagens no desenrolar do terceiro capítulo.

Com a utilização das imagens como objetos de memória, pretendemos compreender a cidade a partir da memória dos velhos, a fim de entender como a cidade representada através do álbum surge em meio às memórias dos seus consumidores, constituindo um imaginário sobre a cidade e suas transformações na década de quarenta. A discussão em torno da relação fotografia como objeto de memória foi realizada a partir de Koury e Kossoy, relacionando as memórias como parte constituinte do imaginário. As memórias, assim como imagens, irão possibilitar compreender a cidade sobre uma nova ótica, livre de entraves burocráticos e deveres de “sobralidade”. Afinal, a imagem desencadeia uma rede de sensibilidades que transportam seu espectador a outro tempo, um tempo que passou, mas que continua latente nas memórias coletadas, em suas experiências.

1. Múltiplos olhares, diversas memórias e uma cidade: Sobral

Estudar a cidade é percorrer suas ruas, sua arquitetura, seu coração que está ao lado dos seus primórdios, está em contato com suas origens, seu centro fundador, de onde emana sua história. O centro, segundo Pesavento,³³ representa o núcleo de origem, portador do seu traçado original onde estão instituídos seus prédios mais antigos que servem como referencial para o passado e para a instituição de espaços de política, religiosidade, espaço de “sociabilidades e de sensibilidades”.

Pensar a centralidade urbana é pensar a cidade como dimensões estruturais e simbólicas, que vão se constituindo através de seus espaços físicos, de suas experiências,

³³ PESAVENTO, Sandra Jatahy . **História, memória e centralidades urbana.** *Nuevo Mundo Mundos Nuevos, Debates*, 200, Puesto en línea el 05 jan 2007. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/index3212.html>. Consultado el 13 abril 2008.

instituindo idéias que se materializam, que ganham espaço no concreto e tornam-se monumentos da relação homem/cidade. Ao longo das transformações por que passa a cidade, residem escolhas políticas sobre o que transformar, o que destruir, o que manter. Surgem questões: qual a cidade desejada? Quem desejava esta cidade? Como ela era transformada a partir destes desejos? Como estes desejos são representados por seus habitantes? Como estes desejos ganham o caráter de verdade na construção de seus espaços? E são estes espaços que reforçam a nossa convicção de que cabe a nós, historiadores, esmiuçar e significar através do olhar sobre as possibilidades que a história cultural nos oferece, a fim de percorrer esses novos caminhos historiográficos que dialogam com outras áreas de conhecimento, dentre essas as fotografias e a memória, cuja diversidade de informações traz um objetivo comum, o interesse pela produção de sentidos, deixando aflorar por meio de seus indícios, fontes, uma diversificada gama de espaços a serem explorados.

Desse modo, entre memórias e imagens, encontramos o aval de pertencimento à História Cultural e a opção de inserção nos seus campos de atuação, talvez não apenas pela busca de uma corrente historiográfica, mas por uma afinidade de construção de objetos e de formas de trabalhá-lo através de representações, que é o ponto de inserção nesta nova perspectiva teórico – metodológica.

Engajando-nos nessa perspectiva pensamos sobre nossa área de estudo, história urbana, e seu encaixe nas práticas cotidianas e nos questionamos em que afinal afloram as representações, como são produzidas e como são interpretadas nos espaços em que circulam e foram construídas. Com isso nos preocupamos ao recortar temporal e espacialmente, como plano de estudo de nossa pesquisa, a cidade de Sobral na década 1940, por ser esse um momento de epifania na cidade, a organização das festividades do primeiro centenário da cidade, período profícuo a produção de representações e de memórias a serem instituídas como tradição, as quais ganharam destaque com a produção de um álbum, em que estariam

representadas as ideologias e as imagens sobre a cidade, fruto da ideologia de seus organizadores. Eram as memórias que queriam e deveriam ser lembradas e celebradas naquele momento.

1.1 – A cidade e o Jornal Correio da Semana: Desejos da cidade

ideal

As cidades, como os sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que as “suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas, e que todas as coisas escondam uma outra coisa”³⁴. As transformações, a busca pelo progresso e a ampliação da zona urbana apresentam diversas razões por parte de quem interfere nos espaços urbanos. Interferir na cidade e no seu desenvolvimento significa também construir em torno de si uma idéia de continuidade e de registro pessoal na história. Todas as cidades instituíram seus heróis, seus percussores rumo ao desenvolvimento e à civilização.

A cidade é construída a partir dos desejos do homem, que vão em meio as práticas cotidianas dando forma, estabelecendo normas, construindo representações e instituindo cidades que ultrapassam os espaços do concreto e penetram nas cadeias do imaginário.

Olhar a cidade através de suas representações, do seu imaginário, é mergulhar num mundo a ser interpretado, é conhecer a história que ainda não foi escrita, é perceber a existência de várias cidades em uma só. É assumir o “Khan” que existe em nós e olhar a cidade através das descrições que dela nos fazem os seus observadores; assim será “possível percorrê-las com o pensamento” e descobrir seus desejos e pesadelos escondidos.

³⁴ Calvino. **Op. cit.**, p. 44.

Sobral é uma cidade peculiar no Estado do Ceará, distante da capital, Fortaleza, 230 km. No início chamara-se Caiçara; logo depois a fazenda tornou-se cidade e já neste momento apresentava uma pequena estrutura urbana; 14 ruas; 14 becos; seis travessas e algumas praças, que logo seriam dotadas de iluminação e também passariam pelo planejamento urbano, já dando sinais do desejo de progresso, como bem observou Antônio Bezerra:

A edificação é compactada no centro, com alguns intervalos na rua dos arredores. As ruas em geral são estreitas e tortuosas, mas entre elas há algumas largas e alinhadas. A maior parte das casas e sobrados são vistosos e elegantes, sendo sua construção admiravelmente sólida.³⁵

Antônio Bezerra, ainda no século XIX, impressionou-se com a estrutura urbana que a pequena cidade já apresentava. No seu registro fica subtendida a surpresa com as construções e sua ostensividade e sua descrição mostra o desejo de desenvolvimento da cidade através do ecletismo de suas ruas, a peculiaridade de suas casas e seu desenvolvimento.

O olhar do outro apresenta a cidade como surpresa. Inserida no sertão, Sobral despontava rumo a uma urbanização, mesmo que precária e mal aplicada, já pensava na reordenação de seus espaços, suas construções eram “sólidas” e simbolizavam o desejo de permanência de seu traçado urbano e preservação de sua arquitetura. Percebe-se na afirmação do autor o desejo de fixação de urbanização e fixação no espaço.

Sobral construiu desde seu surgimento uma representação sobre si, representação esta que por ser construída por seus habitantes não é falsa. São construções imaginárias, fundamentadas por traços, hábitos, experiências individuais e coletiva, que delineiam a transformação de seus espaços e dão continuidade as tradições e fortalecendo o sentimento de

³⁵ BEZERRA, Antonio. **Notas de Viagem**. Fortaleza, Imprensa Universitária, 1965. p. 306.

pertencimento àquele espaço, apesar de não ser essa a cidade encontrada nos jornais, nos quais eram veiculadas lado a lado notas de reclamação e de louvor às obras que estavam sendo realizadas neste momento.

Motivados pelas possibilidades que a imprensa nos oferece de compreender “a vida cotidiana nela registrada em seus múltiplos aspectos”³⁶ em que surgem tanto os sujeitos ‘ilustres’ quanto os ‘anônimos’ fomos levados a pensar sobre a representação da cidade no jornal *Correio da Semana*, afinal, sendo órgão ligado a Igreja era manipulador “de interesses e intervenção social”, nesse sentido construtor de representações sobre a cidade pretendida pelos poderes ligado a Igreja e ao sentido progressista que essa pretendia dar a Sobral.

As notícias que eram publicadas pelo jornal nos mostram um conflito da cidade que era progressista e da cidade que ainda sofria com problemas estruturais, apesar de ser constante notícias sobre as obras que se realizavam na cidade em prol das melhorias do espaço urbano, também era lugar comum notas sobre a falta de cuidados com a cidade e manutenção de seus espaços da mesma forma que eram comum chamadas sobre o controle do comportamento da população.

Conta-nos que em breves dias vai ser demolido o velho mercado que tanta afeia a praça em que se acha localizado. Consta-nos ainda que o referido lugar vai ser transformado por iniciativa do senhor Prefeito Municipal, em um dos mais belos jardins da Princesa do Norte e substituído aquele calçamento por outro, à altura do progresso de nossa querida urb.³⁷

A ideia de progresso era sentida em todas as notícias publicadas no jornal, mesmo quando estas soavam como críticas ao poder público ou mesmo a população, na nota acima percebemos a preocupação com o embelezamento dos espaços públicos de Sobral, o qual condiz com a tão desejada modernidade que a cidade apregoava. A comum existência de elogios e de reclames quanto à cidade, convivia lado a lado no jornal. Eram notas, pequenas,

³⁶ Capelato, **Op. cit.**, p. 21

³⁷ BPMP, *Correio da Semana*, 18 de mar 1941. p. 3.

na maior parte das vezes, que denunciavam que cidade moderna que se apregoava era também, uma cidade de ‘mau hábitos’ e de problemas de estrutura urbana. Como a apresentada sobre o título de “Um alvitre”³⁸ em que surge uma crítica ao descaso do poder público quanto a manutenção dos monumentos da praça, “Parece-nos que já era tempo de substituir a água da conhecida lagoa, à Praça Barão de Sobral, por outra mais limpa e mais nova; ahi fica um alvitre.”

O desejo de modernidade era grande, mas conviviam com as dificuldades de uma cidade, que ainda tinha muito a crescer, havia problemas de toda ordem, desde crescimento desordenado à falta de serviços básicos, como água, luz e sistema de transportes e estradas, essa cidade que negava a imagem modernista apregoada pelos seus ‘líderes’, também ganhava espaço nas páginas do Correio da Semana, onde, algumas vezes, era divulgada a imagem que seus habitantes dela construíam.

De retorno do Rio ou de Fortaleza, tem-se, ao penetrar em Sobral, uma impressão simplesmente desconcertante. A princesa parece exilada no sertão. Com isto vai perdendo toda a graça e elegância. Seu desasseio é flagrante; entulho por toda parte. Construções obstruindo ruas, tropas de muarens sonolentos á sombra das árvores, no coração da cidade. Falta-nos o telefone, não temos linhas de ônibus nem de bondes. Nem sonhamos com serviço de esgoto e abastecimento de água, não temos luz durante o dia. Nada temos que nos assemelhe aos grandes centros, por ora, mas tarde teremos tudo isso.

A carta publicada no jornal, mostra a comparação realizada por um habitante que, ao visitar a Capital do Ceará e mesmo a Capital do Brasil, depara-se com um progresso e modernização bem à frente do que encontra na sua cidade natal, a qual tem pretensões de cidade moderna, que auto denomina-se Princesa do Norte, e no entanto, apresenta problemas básicos para a construção de uma urbanização modesta, porém após o desabafo da decepção, o autor preenche seus instintos de sobralense e finaliza com a esperança de que esses problemas serão facilmente ‘conquistados’ pela Princesa do Norte.

³⁸ BMMP: **Correio da Semana**, 28 jun. 1940. p.1.

Enfim, o jornal Correio da Semana, apesar de ser o maior divulgador das ideias de modernidade almejadas pela cidade, também apresentava-se como porta voz das omissões dos seus habitantes e do poder público, quanto a caminhada rumo ao progresso e a modernização. No entanto o jornal também funcionava como meio divulgador das ideologias da Igreja e dos grupos políticos a que estava ligada.

Enfim percebemos que mesmo por meio da imprensa ideológica, como era o jornal Correio da Semana, também torna-se possível perceber os anseios da população anônima, a qual tinha espaço reduzido no jornal, no entanto, sempre havia espaço nas sessões “reclamações” ou “denúncias”, a qual possibilitou a visão de uma cidade díspar quanto as representações que constrói e divulga sobre si, da cidade moderna, que contrasta com a que sutilmente vai se inscrevendo por meio de suas páginas.

1.2 – Dom José: controle e civilidade em Sobral

Sobral viu e sentiu o esplendor do poder e da autonomia econômica ainda no século XVIII, com a criação do gado, a exportação da carne seca e a plantação de algodão; sonhou com a permanência dessa autonomia, esvaída morosamente com a construção da estrada que a ligava a capital, desejada por todos como símbolo do progresso tão almejado por seus habitantes e reivindicada pelo próprio Bispo:

De Excia REVMA. Sr. Dom José Tupinambá da Frota ouvi a afirmativa de que já teve ocasião de pedir, pessoalmente, quando na capital da República às altas autoridades, a construção desta estrada, que Sr. Excia Revma. considera de muita importância para nós.³⁹

A notícia tende a mostrar Dom José como interventor sobre os assuntos da cidade, usando de sua influência como bispo para intervir junto às autoridades. Podemos compreender essa intervenção com duplo sentido; por um lado, a veiculação dessa notícia fortalecia a imagem do mesmo como incentivador das transformações na cidade, por outro, a estrada traria ao bispo louros oriundos da sua intervenção junto as “altas autoridades da República”. Em ambas as formas a cidade desenvolvia-se e a ideologia de progresso e urbanização crescia, de certa forma associada à imagem do bispo.

Desde sua elevação à condição de cidade, no ano de 1842, até a década de 1940, Sobral sonhou com o progresso e com o reconhecimento da sua soberania no Ceará, sonho alimentado pela ação do Bispo Dom José Tupinambá da Frota, que nos anos de 1918 a 1959 empreendeu um verdadeiro trabalho em prol da transformação da vida econômica, social e cultural da cidade, levantando a bandeira da “Defesa da moral e dos bons costumes”⁴⁰.

Com suas ações, Dom José estabelecia uma linha tênue entre a cidade e o prelado, não se sabendo até hoje o que foi obra do bispo e o que foi obra do poder público. Interferência esta que se fez sentir não apenas no esforço pela construção da estrada de ferro Sobral - Fortaleza, mas na “ordenação” da cidade de uma forma geral:

Sobral, que sentes de perto os benefícios da religião, que te deu quanto de mais precioso tens – mostra o teu reconhecimento. A Santa Casa, sob cujo teto vem se abrigar a dor, a desventura do pobre. Os dois colégios, oficinas em que se cinzela a mocidade estudiosa que quer ser grande para engrandecer o Brasil. O seminário, vergel em que se formam os formadores de homens. (...) Creações todas que representam uma soma incalculável de sacrifícios de um sacerdote, teu filho (...)⁴¹

³⁹ BPMP: **Correio da Semana**. 26 abr. 1940. p. 2

⁴⁰ Lema utilizado pelo Jornal Correio da Semana, desde seu surgimento no ano de 1918 até a década de 1960.

⁴¹ BPMP: **Correio da Semana**. 26 abr. 1940, p.1.

É possível perceber a exaltação do trabalho do bispo através dos “benefícios da religião” e de sua associação com o desenvolvimento da cidade e com a diminuição dos problemas sociais. Enfim, a Igreja, personificada no Bispo Dom José, interfere e transforma a cidade, ultrapassando suas funções de pregar a palavra de Deus aos fiéis, e vai além, modifica seus espaços e seu comportamento, através do controle e da intervenção que pratica.

Na década de quarenta, Sobral continuou o processo de transformação urbana com a inauguração do novo mercado pelo então prefeito Cel. Antenor Ferreira Gomes,⁴² que mantinha relações amigáveis com o bispo Dom José. Este deu continuidade a sua política de intervenção na administração e progresso da cidade. O seu poder não era unanimidade: entretanto, alguns falavam de suas pretensões políticas e outros ainda o acusavam de manipular o prefeito. Estas pessoas eram vivamente refutadas pelo semanário *Correio da Semana*, do qual o bispo havia sido o criador e mantenedor:

Outro boato espalhou que Dom José seria o prefeito de Sobral ou pelo menos indicaria o nome de um homem que realizasse no governo do município as suas instruções e diretrizes.(...)Nada disso o Sr. Bispo de Sobral, profundo conhecedor dos homens e das coisas da terra, não tem por certo a ambição irrisória e injustificada, de prestígio passageiro e somente oficial.⁴³

A intervenção do Bispo na cidade não era bem aceita por todos, como seu próprio periódico sugere ao publicar nota em resposta às acusações feitas a Dom José. A relação que o religioso mantinha com o poder público era entendida por alguns, como controle ideológico e pretensões políticas.

A notícia sugere que o Bispo Dom José era isento de ambições políticas, mas essa isenção seria assim tão real? Por que razões o bispo recusava convites que lhe trariam maior prestígio junto à igreja, porém longe de Sobral? Um homem seria assim tão abnegado de orgulhos? Ainda na década de quarenta do século XX, os conflitos existentes entre o Bispo e

⁴² Prefeito da cidade do ano de 1935 a 1941.

⁴³ BPMP: *Correio da Semana*, 10 maio. 1940.

o Juiz José de Sabóia ganhavam destaque nas páginas do jornal, com o sugestivo título de “O anti clericalismo do Dr. José de Sabóia ao lado dos inimigos da igreja”⁴⁴. A notícia apontava as discussões ocorridas entre o Bispo e o Juíz, em que o assunto reinante eram as disputas eleitorais do ano de quarenta e cinco, na cidade. Em reação as discussões entre ambos, o jornal irá veicular na mesma edição, apenas em outra página, um apelo ao povo católico:

No próximo domingo, cinco corrente, pelas 17 h, o povo de Sobral, por iniciativa da ação católica diocesana, Associações Pias, operariado e família católica, promoverá uma grande concentração de solidariedade e apreço ao Exmo. e Revmo. Sr. Bispo diocesano, tão injustamente atingido em catilnárias políticos por causa de sua atitude desassombradas ao lado do Exmo. Sr. Arcebispo de Fortaleza que na circular de numero 64, traçou as diretrizes católica, para o pleito de dezenove deste mês.⁴⁵

Mais uma vez as ações políticas do Bispo são levadas a público pelas páginas do jornal, novamente Dom José utiliza-se do jornal para defender-se e pedir apoio do público, fato importante de ser destacado, é que o conflito se deu por oposições políticas, chegando o Bispo a associar José de Sabóia aos comunistas, o que deixa claro as posições políticas tomadas pela Igreja, da mesma forma que através do apelo popular move uma situação patidária, que irá beneficiar os filiados á União Democrática Nacional (UDN).

O Bispo Dom José utilizava-se do jornal Correio da Semana como escudo para defender-se dos ataques que sofria de alguns insatisfeitos com suas ações e também como espaço de defesa de seus interesses. O jornal fazia às vezes de defensor do povo e da cidade, usando suas páginas como instruções a ser seguida e obedecida por todos os cidadãos de bem. Era através delas que proferia críticas à cidade e ao comportamento daqueles que ousavam destoar da moral católica e da ordem, sendo um dos meios de fortalecer o processo civilizador⁴⁶, iniciado na cidade desde o século XX.

⁴⁴ BPMP: **Correio da Semana**, 04 de jan. de 1947, p.1

⁴⁵ BPMP: **Correio da Semana**, 04 jan. 1947. p. 2

⁴⁶ Pensamos este processo civilizador, como Norbert Elias, um processo em que estamos envolvidos e que atesta a existência particular de relações humanas, de uma estrutura social e de formas de comportamento semelhante,

É importante situar que essa atitude do Bispo estava relacionada com o processo de romanização que a Igreja desenvolvia durante a formação dos padres. Tal processo teve início ainda no século XIX, quando a Igreja na tentativa de moralizar as suas ações, além de iniciar um movimento de romanização, que simbolizava um maior controle da Igreja Católica Romana sobre o clero brasileiro que facilitaria no processo de transição ao catolicismo colonial ao catolicismo universalista.⁴⁷

Pensando sobre a Educação religiosa do Bispo, Dom José, ter ocorrido em Roma e sua chegada a Sobral, em meados do século XX, conclui-se que a política por ele assumida, na cidade, é a política de romanização, cuja meta era trabalhar em favor do fortalecimento da fé cristã em Sobral e combater as ideologias e religiões, opositoras ao catolicismo. Segundo Soares⁴⁸, o Bispo era “Forte representante do ultramontanismo na região” o qual movido pelas determinações do Papa Benedito XV, tem uma ação direcionada à implantação de políticas sociais marcadas por um clima de cristandade profundamente acentuado.

É notável o número de artigos publicados no jornal Correio da Semana contra as religiões protestantes, nas primeiras décadas do século XX, assim como ao comunismo que é apontado como a ‘ameaça vermelha’, o qual leva a sociedade a degradação e ao atraso.

Além dessas atitudes protecionistas e divulgadoras do credo romano, o Bispo também assume papel intervencionista nas questões sociais da cidade, como citamos anteriormente frente às obras de apoio popular que o mesmo desenvolve na cidade. Quanto à moralização política da igreja, ponto importante no postulado da romanização, o Bispo intervinha diretamente nas situações políticas e institucionais de Sobral, chegando em alguns

ou seja, o processo civilizador é a reordenação do comportamento do homem inserido na sociedade que busca o progresso e a modernização de suas estruturas.

⁴⁷ DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joazeiro**. Tradução Maria Yedda Linhares. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

⁴⁸ SILVA JÚNIOR, Op. Cit. p.37.

momentos, seus ‘inimigos’ o acusarem de ter interesses de ingressar na vida política da cidade. Segundo Santos⁴⁹, havia no início do século XX uma preocupação da Igreja em envolver-se nos planos de urbanização das cidades, a qual é percebida através da relação cidade e modernidade onde vê “uma disputa política entre clero e democratas” que é permeada por discursos “modernistas” para desenvolver a cidade.

A civilidade é perseguida pela cidade, inclusive pelo Bispo Dom José, como forma de superação e expansão. Neste sentido, a Igreja vai ser um dos principais ordenadores deste processo, aliada ao poder público. Segundo Elias,⁵⁰ a “civilização” conserva sempre um eco da cristandade latina e das Cruzadas de cavaleiros e ‘senhores feudais’, afinal, ela é a espinha dorsal da sociedade moderna, que busca através desta civilização dos costumes e comportamentos o progresso da cidade.

A década de quarenta foi marcada principalmente pelo centenário da cidade e pelo I Congresso Eucarístico, em que o Bispo comemorou seus vinte e cinco anos de bispado e recebeu o título de Conde Romano. As festas de comemoração foram intensamente divulgadas e incentivadas através das páginas do seu periódico *Correio da Semana*, que mais uma vez mostrou a sua força de persuasão e de seu papel ordenador dos costumes na cidade.

Nossa cidade receberá milhares de pessoas que virão assistir as festas religiosas do congresso bem assim as festas centenárias. Faz-se mister que nossa terra se apresente à altura dos nossos ilustres convidados. A sua roupagem antiga vai ser substituída por veste de gala.⁵¹

A civilidade que o Bispo Dom José pretende empregar na cidade ocorre através de sua intervenção com a veiculação de normas de comportamento e convencimento da necessidade da participação popular no processo de ordenação dos espaços urbanos. As notas no jornal solicitando a limpeza e reforma de casas e calçadas e a utilização das melhores

⁴⁹ SANTOS, Op. Cit. p.46.

⁵⁰ ELIAS, Op. cit, p.67.

⁵¹ BPMP - *Correio da Semana*, 18 abr 1941. p, 2.

roupas geram nos habitantes a sensação de participantes na construção da cidade desejada. Isso nos remete à formação dos saberes que criam ideologias sobre as cidades, segundo Brescianni⁵² “constructos intelectuais,” que nos dão possibilidades de entender esta cidade através das representações que sobre elas são produzidas.

Entre a ordenação e transformação da cidade, emergem também nas folhas do semanário a insatisfação dos habitantes com os problemas urbanos, que atrasam a marcha rumo ao progresso e merecem destaque e indignação de toda a população. Dentre as reclamações principais encontra-se a estrutura das ruas e má qualidade da luz elétrica, problema que persistiu até a década de sessenta e garantiu varias notícias no jornal, a exemplo de “Sobral e suas possibilidades”:

Precisamos de água encanada, luz melhor e mais prolongada, pavimentação moderna nas ruas e praças, de meios de locomoção através da cidade, que pelas suas dimensões e intenso movimento já poderia ter alguns ônibus, subsidiados pela Prefeitura Municipal, para melhor servir a população etc.etc. Tivéssemos logo isso, e o aspecto da cidade seria outro. Esperemos⁵³.

Os problemas que atrasavam a chegada do progresso eram questões existentes em toda cidade que cresce sem planejar seu desenvolvimento: a falta de água, eletricidade, transporte e comunicações. O surgimento de ruas, casas e bairros sem planejamento e sem a mínima estrutura necessária para a higiene são problemas logo apontados pela população e cobrados à prefeitura, que aparentemente estava mais preocupada com a urbanização e embelezamento do centro da cidade do que com o crescimento desordenado da cidade e as condições de vida das classes menos abastadas, como nos revela a nota:

Consta-nos que, nestes poucos dias, terá início a pavimentação e o ajardinamento da velha Praça Barão do Rio Branco. Dispondo de poucos recursos econômicos é bem provável que o senhor prefeito municipal se veja na contingência de paralisar

⁵² BRESCIANNI, Maria Stella M. História e Historiografia das cidades, um percurso. In: FREITAS. Marcos Cesar de (org.) **Historiografia Brasileira em Perspectiva**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1998. p. 242.

⁵³ BPMP – **Correio da Semana**, 6 ago 1943. p. 2.

a construção da escola de artes e ofícios para a realização deste novo e custoso empreendimento.⁵⁴

Em meio aos problemas estruturais, advindos do progresso, a cidade não parava de crescer e de remodelar-se. Durante toda aquela década, ao contrário dos administradores públicos, o Bispo Dom José continuava intervindo na cidade, através da reforma das principais igrejas, da construção do Patronato Maria Imaculada, que cuidava e educava as mocinhas pobres, do Abrigo Coração de Jesus para os velhos abandonados e talvez da sua maior construção: a organização do acervo do Museu Dom José.

Percebemos que as intervenções realizadas pelo Bispo Dom José tinham além do progresso, o direcionamento para o setor social, a busca pelo atendimento das necessidades dos menos afortunados, percebendo-se a influência da romanização sobre o Bispo e suas formas de ‘intervir’ na cidade.

No entanto, é importante ressaltar que todas estas obras eram realizadas pelo Bispo com o apoio financeiro de seus fiéis, que tinham seus nomes publicados no jornal com a quantia com a qual contribuía. Quando estes incentivos não aconteciam a gosto do Bispo o mesmo vinha ao jornal lembrar a todos da importância da “doação” de fundos, como a solicitada para a construção do patronato:

Ainda não recebemos dos poderes públicos o auxílio necessário que esperamos em breve conseguir, e nesse ínterim não podemos prescindir do concurso das pessoas de boa vontade, para quem apelamos no sentido de ajudarem o patronato com os donativos, de qualquer natureza que estiverem ao seu alcance.⁵⁵

O comportamento socialmente aceitável pela Igreja era o da colaboração de todos com a ajuda aos mais necessitados. Novamente Elias⁵⁶ torna-se essencial para compreender a cidade de Sobral e seu comportamento, afinal, não devemos condenar ou punir os não

⁵⁴ BPMP – **Correio da Semana**, 27 ago1943. p.3.

⁵⁵ BPMP - **Correio da Semana**, 14 abr 1944. p.1.

⁵⁶ELIAS. **Op. Cit**, p.76.

civilizados, mas proporcionar-lhes a consciência da diferenciação entre as classes. Diferenciação esta que a cidade, apesar de não declarar, representava através de suas ações e das impressões que causava ao levar a público notas como a intitulada “Cemitério dos Pobres”:

Acha-se em lastimável estado de conservação o cemitério dos pobres. Não queremos de forma alguma censurar os fiscais da prefeitura, mas tão somente lembrar-lhes a necessidade de fazer-se o desmatamento do Campo Santo porque a decência e a piedade cristã o exigem.⁵⁷

As obras realizadas por Dom José em grande parte eram voltadas para o atendimento da população carente. Essas obras sempre contavam com o apoio das pessoas mais abastadas, que se orgulhavam de ver seus nomes registrados no jornal com a quantia que contribuía. Tais obras sociais discretamente sugeriam a existência na cidade de pessoas com baixo poder aquisitivo, pois é possível notar que mesmo com um certo “silêncio” em relação a estes, o poder público, assim como a Igreja, não deixava de delimitar seus espaços, como frisa na nota ao ressaltar “cemitério dos pobres”, sugerindo que existia um outro cemitério onde os “pobres” não podiam ser sepultados. Novamente o prefeito é chamado à atenção em relação as suas atribuições no que se refere ao planejamento e manutenção da cidade.

O progresso e a modernização não estavam em todos os espaços da cidade, havia lugares onde ainda prevalecia o desordenamento urbano, calçadas em péssimas condições ou inexistentes. O centro da cidade, com “os caixões de lixo que estão por ai (...) forçando-nos a andar com o lenço no nariz⁵⁸”, ou mesmo com o crescimento do subúrbio da cidade, denominado “Outro lado da cidade”⁵⁹. O jornal *Correio da Semana*, constantemente apresentava pequenos fragmentos que denunciavam, os más usos do espaço urbano, que iam contra a ideia de civilidade e progresso que Sobral queria representar. Percebemos que a

⁵⁷ BPMP: *Correio da Semana*, 28 maio 1946. p.1

⁵⁸ BPMP: *Correio da Semana*, 28 maio 1946. p.3.

⁵⁹ BPMP: *Correio da Semana*, 17 abr. 1949. p.1.

prefeitura sempre era chamada pelos jornais a tomar medidas que solucionassem estes problemas. Além dos males sociais seu crescimento desordenado e sem planejamento era denunciado.

Enfim Sobral alcançou na década de quarenta seu esplendor, apesar de seus tão alardeados problemas que impediam sua chegada definitiva ao progresso, como a má qualidade do fornecimento de energia elétrica e a tão desejada estrada de ferro que a ligaria a Fortaleza. Ambos os desejos foram alcançados dentro daquele período, no entanto, não trouxeram os louros da modernidade e do progresso tão perseguidos por Sobral e por seus habitantes. A cidade viu aos poucos esvair-se seu controle econômico, o progresso chegou junto com os problemas estruturais de toda cidade, que cresce sem uma economia equilibrada e sem planejamento. O centro urbano desenvolveu-se e embelezou-se, mas junto com ele cresceu também o número de bairros periféricos que ampliaram os problemas de abastecimento da água e saneamento básico.

O desejo de civilização, de modernização era mesmo intrínseco a sua população, tanto é que a cidade e qualquer transformação que nela houvesse ou até mesmo um visitante merecia destaque nos jornais locais. Era comum serem publicadas, no jornal Correio da Semana, as notas produzidas por jornais de outras cidades e até de outras regiões que falavam sobre Sobral. A cidade era um produto a ser consumido e vendido para seus habitantes e para o mundo.

Religião e progresso são palavras muito semelhantes quando falamos de Sobral, cidade que se originou a partir da construção da Capela de Nossa Senhora da Conceição, em 1726, de costas para seu habitante mais ilustre e mais fecundo no que se refere às riquezas que trouxe para Sobral, o Rio Acaraú. A igreja, para quem chega à cidade, é símbolo do poder da religião e do seu desejo de transformação e soberania.

1.3 – O centenário de Sobral: organização e construção de um passado glorioso

As comemorações podem ser entendidas como espaço produtor de memórias, ou melhor de construção de memórias, em que se destacam a importância das celebrações comemorativas, as quais fornecem os materiais a serem transformados em identidade, levando a refletir sobre o que é instituído como ‘fatos’ a serem lembrados e comemorados, nesse sentido pensamos como Connerton⁶⁰, segundo o qual “a hierarquia de poder” condiciona as memórias da sociedade.

Refletindo sobre o poder que as memórias instituídas, a partir das comemorações, tem de influenciar na constituição da ordem social do presente somos levados a pensar sobre o poder que as “imagens” construídas durante essas festividades assumem ao construírem nelas um caráter de tradição cultural, que se instituem a partir da memória social⁶¹, ou seja, são instituídas a partir de um coletivo que partilha ‘imagens’ do passado a partir da comunicação, as quais ao levar em consideração as memórias pessoais sofrem interferências das ‘recordações’ sociais, estabelecidas desde a absorção de um passado em comum, o qual é partilhado através de momentos como as comemorações.

Entendo as comemorações como “ação de falar ou escrever sobre recordações bem como a reencenação; recordar/comemorar enquanto tipo de comportamento”⁶², ora sendo os preparativos das comemorações momento de escolhas e de permanência de sentidos que se querem lembrados também é o momento da instituição de desejos a serem divulgadas e de ‘verdades’ a serem assimiladas pelo grupo que destas participam.

⁶⁰ CONNERTON, Paul. Cerimônias Comemorativas. In: **Como as sociedades recordam**. Oleiras: Celta, 1993, p.15.

⁶¹ FENTRESS. **Op. cit**, p.26

⁶² FENTRESS. **Op. cit**, p.8

Nesse sentido as comemorações do primeiro centenário de Sobral revestem-se do passado glorioso para construir representações que instituem tradições e espaços de memória, ressaltando que esta memória extrapola o espaço local e aflui para outros espaços, como é possível identificar nos patrocinadores do evento e homenageados durante as festividades.⁶³

Analisando os propósitos das solenidades comemorações de Sobral, percebemos que ultrapassam o sentido das festas, feiras, exposições, inaugurações dentre outras manifestações e tende mesmo a ser momento de pensar sobre que representações este evento quer fundar na história dessa cidade, afinal segundo Velloso⁶⁴:

Ao trazer à tona as mais distintas percepções do passado, tais festas revelam os conflitos da própria sociedade que comemora. O fato reforça a idéia de que o passado não está lá, mas aqui, só adquirindo sentido quando pensado nessa articulação dinâmica como o presente.

No caso de Sobral, as festividades da comemoração deixaram como marco principal a produção do Álbum do Centenário da mesma forma que a memória sobre a realização do primeiro Congresso Eucarístico, o qual acaba por se confundir com as festividades do centenário, afinal ambas acontecem no mesmo ano e no mesmo período, aparentemente somos levados a pensar que as celebrações do centenário ecoaram como abertura do congresso o qual se iniciou um dia após a festa de aniversário de Sobral, estendendo-se por uma semana, e deixando grande recordação na população.

A organização do evento foi realizada por um grupo de intelectuais, assim intitulado pelo jornalista Craveiro Filho, composto por: Dom José Tupinambá, Prof. Luís Phellipe, Jornalista Afonso L. de Carvalho, Dr. Euzébio de Souza, Cel. Antonio Pereira de Menezes, F. Potyguara Frota, Drs. José de Sabóya, Paulo Sanford e Luiz Vieira, Monsenhor Linhares,

⁶³ Durante as festividades, o Interventor Federal compareceu a sessão cívica ocorrida na paço municipal, assim como no álbum encontramos como patrocinador a loja ‘Esplanada’, estabelecimento comercial situado na cidade do Rio de Janeiro.

⁶⁴ VELLOSO. Mônica Pimenta. Come, mora? descobrimento, comemoração e nacionalidades nas revistas Humorísticas Ilustradas. In: **Sentidos da comemoração**. São Paulo: Projeto História/PUC-SP, 2000. p.129.

Luiz Diogo Fonteles, Wilsom Vieira, Luiz Patriolino, senhorinhas Izaly Lins, Ondina Pontes e pessoas da família Domingos de Lira e outros.⁶⁵ E uma equipe técnica e financeira, denominada pelo organizador como ‘Cyrineus’, a qual além do próprio jornalista ainda tinha como membros: Linérica Craveiro, Manoel Dário Senhorinha, Wilson Craveiro, François Coelho Sampaio, Francisco Carvalho, Fernando, Onofre Maria da Asumpção e Maria Adília Alves.

Além da comissão organizadora, as festividades do aniversário da cidade ainda contaram com a ajuda de particulares, no que concerne a patrocínios, para a produção dos eventos, e participação popular na organização de atividades a serem encenadas para homenagear a cidade, dentre essas contribuições destacamos o patrocínio dos comerciantes locais e da Prefeitura, que através das reformas que realizou na cidade ainda mobilizou um cenário de atividades para comemorar o centenário.

A comissão organizadora apoiada tanto pela Igreja como pelo poder público instituiu uma verdadeira campanha de mobilização para a organização das festividades, tal campanha mobilizou diversas classes sociais nessa empreitada que constantemente era informada através do jornal sobre a necessidade do apoio popular, como chama atenção Andrade Lima Filho em carta publicada no *Correio da Semana*⁶⁶:

...Sobral tem origem pernambucana. Constitui desse modo, a antiga comuna poderoso traço de união entre as duas províncias que sempre viveram unidas em função da grandeza nacional. Mas não estou aqui para escrever a crônica desta centenária cidade. Eu quero apenas frisar a oportunidade magnífica que esse centenário, este ano celebrado, oferece aos sobralenses de boa vontade. E os há, aqui, da melhor estirpe pelo nascimento ou pela integração em sua vida social.

Apelando para o sentido de identidade e pertencimento da população à cidade, as campanhas em prol de apoio as festividades permearam grande parte das notas publicadas no

⁶⁵ A comissão organizadora foi aqui citada da mesma forma como é apresentada pelo Jornalista Craveiro Filho, IN: CRAVEIRO FILHO. Antonino. **O centenário**: Álbum Histórico Comemorativo do 1º centenário da cidade de Sobral. Sobral, S/E, 1941.

⁶⁶ BPMP, *Correio da Semana*, 24 jan. 1941. p.1.

jornal, às vezes apelando de forma sugestiva como na nota acima outras vezes sendo mais diretas quanto aqueles de quem queriam obter apoio para as festividades, como na nota veiculada pelo jornal, com o seguinte título “Apenas dois meses e dias”⁶⁷:

Nossa cidade receberá milhares de pessoas que virão assistir as festas religiosas do congresso bem assim as festas centenárias. Faz-se mister que nossa terra se apresente a altura dos nossos ilustres convidados.(...) Estamos informados que o senhor chefe da comuna, Cel. Vicente Antenor Ferreira Gomes, vai em breves dias, mandar concertar os trechos deteriorados das ruas. É de se esperar também que os senhores proprietários iniciem de já a pintura externa dos prédios, bem assim mandarão concertar as calçadas que se acharem estragadas.

Impressiona não apenas a organização das festividades, mas também a amplitude que essa data toma na construção da história e da memória sobre a cidade, pois a comemoração constituía-se como momento da construção de símbolos para a história da cidade, o qual buscava a sacralização de um passado sobre Sobral. Segundo Ortiz⁶⁸, as comemorações funcionam como forma de “utilidade social da história” já que são recursos visuais e ritualistas que evocam o passado com um objetivo único “criar representações simbólicas” que ampliam seu poder de fixação de tradições a através de “lições vivas de memorização”.

Sabemos que a ideia da cidade como moderna era o grande almejo da sua população e no papel de aniversariante, esse era o momento ideal para a produção e divulgação das representações que pretendiam ultrapassar as fronteiras locais e colocar a cidade no rol das cidades modernas e desenvolvidas da nação.

Neste sentido se organizou uma programação para sacralizar o passado glorioso, a partir do cenário progressista que a cidade naquele momento apresentava, para isso elabora-se uma programação de atividades cívicas, com inaugurações, sessões públicas, exposições, atividades religiosas e manifestações populares.

⁶⁷ BPMP, *Correio da Semana*, 18 abr. 1941, p.2.

⁶⁸ ORTIZ, Renato. *A Moderna tradição brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1988. p.36.

Cabe aqui lembrar que o lugar social dessa comemoração está diretamente ligado a determinado setor da população, o qual um dos próprios organizadores denomina de ‘intelectuais’, além de ressaltar que mesmo nas manifestações populares incluídas na programação, essas são representadas pela classe operária, que devemos lembrar, estava organizada em sindicatos.

Percebemos que há um controle das comemorações pela ‘elite intelectual’ da cidade, a qual pode ser pensada como estratégia de dominação da memória da grande população, pois segundo Lofego⁶⁹: “Nos rituais comemorativos, é possível o “reviver” do passado que foi escolhido pelos guardiões da memória. O simbolismo de passado cria uma identidade para o presente”.

Observamos que a organização dos eventos partiu de um grupo, que teve poder de escolha do que destacar e do que silenciar durante as comemorações, neste sentido pensamos que as transformações urbanas ocorridas naquele tempo, tais como as reformas e construções na cidade tinham o intuito de associar a imagem da cidade ao progresso, esquecendo o passado de decadência, relacionado à crise das oficinas e da produção algodoeira.

Novamente a memória surge como elemento principal no estudo sobre a comemoração, pois percebemos que a comissão organizadora institui um controle sobre o que deve ser lembrado durante o centenário da cidade, e o que deve ser silenciado, pois como nos diz Fentress⁷⁰, o significado da memória social, tal como “seu modo de transmissão”, não é modificado pela sua verdade, pois muitas vezes ela é afetada pela seletividade e distorção mas, se as pessoas “sempre acharem socialmente relevante recordar e narrar um acontecimento da maneira como originalmente foi sentida”, ela não será afetada em sua essência. O controle sobre as comemorações centralizou-se sobre festividades e produção de

⁶⁹ LOFEGO, Silvio Luiz. **IV Centenário da cidade de São Paulo**: uma cidade entre o passado e o futuro. São Paulo: Annablume, 2004. p.26

⁷⁰ FRENTESS. **Op. cit**, p. 10

representações, construindo uma memória que deixa pequenas brechas para a memória agir livremente sem as influências dos símbolos produzidos durante as festividades.

Ainda sobre a organização da festa apontamos que a imprensa teve papel fundamental, pois além de serem rotineiros os informes ou solicitações sobre os preparativos da festa, também teve amplo envolvimento de jornalistas na programação do evento e na produção de representações sobre a cidade, como, **O centenário: Álbum Histórico Comemorativo do 1º centenário da cidade de Sobral**, obra na qual sacralizava o passado glorioso e o presente modernista que ‘a cidade’ almejava divulgar com seu aniversário.

1.4 – A produção da comemoração

Nos jornais da época, principalmente no Correio da Semana, encontramos diversas notas que se referem direta, e às vezes indiretamente, aos preparativos para a festa. As informações contidas nele são ponto importante para a compreensão da construção da memória social sobre as comemorações pois como Capelato⁷¹ afirma que os “jornais procuram atrair público”, conquistar adeptos a suas ideologias, seja ela “empresarial ou política”, e para isso utilizam-se de múltiplos artifícios, para atrair o apoio da população, como nos fala a pequena nota emitida por Paulo Sanford⁷² no Semanário Correio da Semana:

⁷¹ CAPELATO, Maria Helena Rolim. **A imprensa na história do Brasil**. 2 ed. São Paulo: Contexto/EDUSP:1994. p. 15.

⁷² Paulo de Almeida Sanford, era engenheiro agrônomo, nascido em Sobral. Participou ativamente da vida política da cidade, exercendo o cargo de Prefeito no ano de 1938, e de Deputado Classista, cargo que pediu exoneração. Colaborou com os periódicos: “Correio da Semana” e “A Ordem”, em Sobral; em Fortaleza escrevia para “O Estado”.

Deixamos aqui um apelo a cada filho de Sobral no sentido de que cada um apresente um número a figurar no longo programa de festas com que em janeiro de 1941, comemoramos o centenário da cidade.⁷³

Observando os jornais da época percebemos no entanto que grande parte dos constructos da organização da festa estavam ligados a realização do primeiro congresso eucarístico⁷⁴, o qual aconteceria logo após as comemorações do centenário, levando a refletirmos sobre os interesses que moviam essas comemorações. Neste sentido apontamos artigo veiculado no jornal *Correio da Semana*, sob o título ‘Sobral movimenta-se’, destacando os diversos esforços dos envolvidos não apenas nas comemorações como também na modernização da cidade:

Quem percorre as ruas desta cidade percebe, desde logo, a vibração intensa da alma sobralense, que se prepara alacremenente para as festas centenárias e, principalmente, para o futuro congresso eucarístico de Sobral. (...) Novas praças se ajardinam quer sob a iniciativa particular quer sob a administração imediata do senhor prefeito municipal, que muito se empenha por dotar a nossa urbs de um novo logradouro público, que tomará o nome segundo ouvimos de ‘Praça das Crianças’, e onde provavelmente serão celebradas as sessões públicas da grandiosa solenidade do Congresso Eucarístico.⁷⁵

Detendo-se no artigo, somos levados a refletir acerca das linhas imperceptíveis que ligavam os dois eventos, centenário da cidade e o primeiro congresso eucarístico. Ambos são apresentados como continuidade de um único evento, da mesma forma que leva a percepção de que são organizados pelo mesmo grupo. Outro ponto importante de destaque são as reformas pelas quais passa a cidade, assim como demonstra que estas não são atos apenas do poder público mas também de particulares. Ainda nesse artigo existe um apelo dirigido à prefeitura, para ampliação das reformas, como destacamos a seguir:

⁷³ BPMP: *Correio da Semana* – 14 jun.1940. p.2.

⁷⁴ Analisando as notas publicadas pelo jornal *Correio da Semana*, observamos um ponto que chamou atenção, à relação existente entre as festividades do aniversário e a realização do primeiro congresso eucarístico de Sobral. Percebemos que em determinados momentos este recebeu maior destaque que às celebrações do centenário. Percebemos, em alguns momentos, que as festividades se confundem, pois as notícias veiculadas sempre associam os dois eventos, da mesma forma que deixam subentendido que a comissão organizadora do aniversário também estava ligada ao congresso, pensamos que estas relações fornecem amplas discussões. No entanto, destacamos que nosso maior intuito é compreender como se organizaram as festas do centenário e como ganharam espaço na sociedade.

⁷⁵ BPMP: *Correio da Semana*, 20 set. 1940. p. 1.

È pena que muitas ruas ainda não tenham o meio fio das calçadas, nem estejam aplanadas. A nosso modo de ver, é este o ponto de partida para o melhoramento do aspecto urbano e confiamos que esta necessidade não escapará à observação da prefeitura. Enquanto isso as obras da Cathedral se aviam celeremente, dando a certeza de que a festividade da Imaculada da Conceição já será neste ano no seu vestuto templo sagrado.⁷⁶

O jornal, que representava ‘a voz de Dom José’, faz menção às obras que ainda, necessitavam serem realizadas pela prefeitura. Novamente podemos perceber as intervenções sugeridas pelo Bispo no poder público, que faz questão de mostrar a seus leitores o desenvolvimento das obras realizadas pela Igreja, através da reforma que realiza na catedral, sugerindo que o poder público deveria apressar as reformas e deter mais atenção nas obras para as festividades que se aproximavam.

O aniversário de Sobral, hoje, pode ser pensado apenas como um feriado da cidade, antecedido por um grande show com artistas de renome nacional, no entanto no ano de 1941, quando se comemorou o primeiro centenário da cidade, o acontecimento fora revestido de um processo elaborado por uma comissão formada para a realização da festa e mais que isso do apoio e incentivo da igreja, naquele mesmo ano iria realizar o primeiro Congresso Eucarístico⁷⁷ da cidade, o qual estava então sobre os cuidados organizacionais da Igreja, principalmente do Bispo Dom José. A programação foi divulgada pelo jornal *Correio da Semana*, com o título de “festejos do centenário”⁷⁸:

Dia 25:

Missa Campal às 6 h na Praça da Cathedral.

9h – abertura da exposição regional agro pecuário – comemorativa do centenário.

13 h – Sessão cívica no Paço Municipal. O jornalista Craveiro Filho entregará ao Exmo Sr, interventor federal, um exemplar do Álbum do Centenário.

19 h – Inauguração da Avenida Getúlio Vargas.

20 h – Festejos populares no recinto da exposição.

⁷⁶ BPMP: *Correio da Semana*, 20 set. 1940. p. 1.

⁷⁷ Realizado no ano de 1941, por ocasião do jubileu de 25 anos da fundação da Diocese. A cerimônia foi presidida pelo Exmo. e Revmo. Sr. D. Bento Aloísio Masela, Nuncio Apostólico no Brasil. Contou com a presença dos Bispos do Crato e limoeiro do Norte, e do interventor federal no Ceará, Dr. Francisco Menezes Pimentel.

⁷⁸ BPMP – *Correio da Semana*, 13 jun. 1941. p. 1.

Dia 26:

18 h – Inauguração da Av. Menezes Pimentel

Dia 27:

17 h – desfile das Escolas, manifestações da classe operária e conservadora da cidade.

Embora os ideais de realização do primeiro centenário não tenham atingido todos os anseios de seus organizadores, eles conseguiram mobilizar participantes de todos os setores da sociedade. O calendário da programação leva a refletir sobre a participação popular nas comemorações, pois os jornais silenciaram após as comemorações, nem fizeram referências à forma de distribuição do álbum produzido na ocasião. No entanto pelo caráter do lançamento desse álbum, segundo a programação, fomos induzidos a pensar que o mesmo teve distribuição restrita.

1.5. Craveiro Filho e o Álbum do Centenário

Antonino Craveiro Filho era natural de Sobral. No entanto, estudou e iniciou seus trabalhos na imprensa na cidade de Belém, voltando para sua cidade natal em 1910, onde fundou o Jornal “O Tupã” e mais tarde, em 1916, “A Ordem”. Antonino Craveiro filho teve uma vida ligada às letras, além de jornalista era poeta e membro da Academia Sobralense de Letras, sendo um de seus fundadores.

A vida do jornalista envolveu-se com as letras e a arte, tanto em Belém como em Sobral. Atuou também como suplente de juiz de direito em Sobral durante o Governo do Dr. Moreira da Rocha, chegando a ser 3º suplente de juiz de direito nomeado pelo Dr. Menezes Pimentel, interventor Federal. Antonino Craveiro Filho era um dos idealizadores da cidade, membro da elite local e amigo do Bispo Dom José, sendo por essas razões um dos construtores da ideia de Sobralidade⁷⁹, ou seja, um dos produtores de representações da

⁷⁹ Sentimento que segundo Nilson Almino “inspira uma organização discursiva sobre a cidade que fala de eventos fundadores baseados em histórias de heróis, experiências e lugares, construindo uma aura de importância que tende a criar uma imagem de Sobral como pólo difusor de padrões comportamentais, econômicos, políticos e intelectuais, em âmbito regional, estadual e, em alguns momentos, até nacional. Estas lembranças fundadoras são

cidade. Durante as comemorações do centenário esteve à frente da comissão de organização e na sua gráfica produziu o álbum sobre o centenário, que ganhou destaque durante as comemorações ao ser realizado ato cívico para lançamento, o qual contou com a presença do interventor federal.

O “Álbum Histórico Comemorativo ao primeiro centenário da cidade de Sobral” contou com o apoio da Prefeitura, da Igreja e de patrocinadores particulares vinculados à cidade, em especial, ao comércio, o que mostra a união de diversos setores culturais e institucionais em torno das comemorações do centenário da cidade. É importante salientar que entre os patrocinadores ganhara destaque algumas manifestações de ‘orgulho’ propagandas dos patrocinadores, as quais aparecem dispostas no verso das páginas que veiculam as representações da história que se pretendeu homenagear.

Analisando as propagandas dos patrocinadores do evento é notável a presença maciça de firmas de outras regiões, ganhando destaque as empresas de Fortaleza e de outras capitais. É interessante perceber que do total de cento e sete anúncios, apenas trinta e três (33) são de empresários sobralenses, sendo sessenta e cinco (65) destes oriundos de patrocínios de empresas de Fortaleza, três (3) do Rio de Janeiro, um (1) de São Paulo sendo o restante de regiões próximas de Sobral.

Dentre essas propagandas destacamos que algumas que se utilizam de seu espaço de divulgação para homenagear a cidade aniversariante, uma em especial nos chamou a atenção a da loja de modas ‘A Esplanada’ que se situando no Rio de Janeiro não hesita em participar e congratular a cidade natal de seus donos, com homenagem destacada ao centenário como podemos perceber no anúncio vinculado no próprio álbum.

definidas em um discurso elaborado pela “autoridade” da elite, influenciadora de significados que devem ser respeitados e reproduzidos por todos os habitantes de Sobral e de outras cidades. Ver: FREITAS. OP. Cit.



Fonte: **O centenário:** Álbum Histórico Comemorativo do 1º centenário da cidade de Sobral.

A propaganda externa, além da homenagem a referida aniversariante, exalta seus desejos de modernização e sucesso da cidade natal, ao destacar em seu texto a importância de lembrar de “tudo o que se tem feito, e o que se pretende fazer em Sobral”, fortalecendo a manutenção de uma memória sobre a cidade, como moderna.

Pensando as propagandas como forma de chamar atenção para a divulgação de produtos ou idéias, vemos que ‘A esplanada’ assume uma ordenação das mensagens que quer fixar no público. Ao associar a divulgação de seus produtos à data celebrada, o centenário, apresenta um texto em que brinca com associações e imagens, que logo despertam o interesse dos leitores. Pensando que os vestígios também informam sobre determinadas histórias, “presentes em textos sem o valor de documento oficial, dispersos sob a forma de sinais

variados”⁸⁰, concluímos que as propagandas presentes no álbum fortaleciam as representações que se fundaram durante as solenidades do centenário.

A maior representação que se produziu naquele período fora o “Álbum do Centenário”⁸¹, que através das suas duzentas páginas apresentou Sobral a partir de algumas fotografias da cidade, ou melhor, de seus principais espaços, assim como “contou” sua história a partir de seus cidadãos ilustres e de seus grandes momentos de desenvolvimento.

É interessante salientar que existe na história ‘contada’ no álbum uma disparidade entre texto e imagens, o que nos leva a refletir sobre as intenções de seu organizador. Teria sido algo ocasional ou proposital? Percebemos que o mesmo encontra-se com uma diagramação falha, fato que o próprio organizador justifica utilizando-se de uma nota final intitulada “Em tempo”⁸², a qual faz uso de um provérbio popular para justificar as fragilidades da publicação:

Pedimos desculpas pela heterogeneidade da ortografia, verificada nas páginas do presente volume. À pressa, dizem, é inimiga da perfeição. Eis o que ella produziu não falando das deficiências de revisão, que não são poucas.

A advertência de Craveiro Filho está bem mais direcionada a ortografia e visualidade do álbum do que as discontinuidades existentes entre conteúdo e imagens, levando-nos a acreditar que este ponto não foi observado como problema, ou fonte de grandes preocupações pelo autor, desta forma pensamos que ele organizou o passado a partir do sentido que pretendia dar a ele, como representação da cidade.

Entendendo essa discontinuidade do texto em relação às imagens, a partir da ideia de que existe “um descompasso entre a experiência vivida como tal e o relato possível que sobre

⁸⁰ BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa**: Brasil, 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p.14.

⁸¹ O título do álbum, por si só, explica a razão de sua produção, que está inserida no contexto da centralização administrativa do Estado Novo e no processo de reformas e construções urbanísticas na cidade, as quais eram incentivadas como forma de modernização e desenvolvimento das cidades, é importante lembrar que nesse momento diversas capitais do país, passavam por reformas urbanas, e embelezamento das vias públicas.

⁸² Craveiro Filho. **Op. cit**, p. 200.

ela se constrói”⁸³, concluímos que existe uma tensão entre a história vivida e a narrada, relação esta que se torna pensável como necessária a construção das representações que se querem compartilhar com outro.

Entretanto, pensando a construção destas representações inserida no processo da operação historiográfica⁸⁴, somos levados a inferir que a narrativa poderia ter sido construída afim de propiciar ao leitor a capacidade de realizar movimentos de fora para dentro da narrativa, afinal a questão da relação entre tempo passado e vivido pode ser perpassada por escolhas, o que aliás foi o grande propulsor na escolha dos signos que ganhariam destaque no álbum.

Enfim, Craveiro Filho foi o organizador do que podemos classificar como o maior símbolo das festas do primeiro centenário da cidade de Sobral, o Álbum do Centenário. Analisando o sentido que as comemorações tomam, de instituidoras de símbolos e memórias, concluímos que as festividades do aniversário de Sobral atenderam desejos de uma parte, em especial da população, os ‘intelectuais’, os quais estando ligados tanto ao poder público como ao poder religioso, fortaleceram representações sobre a cidade, em que a idéia de modernidade e transformação foram os grandes símbolos defendidos e até mesmo ‘comprovados’.

Por outro lado percebemos o silenciamento, quem sabe ausência, dos habitantes comuns, os quais tiveram pouca representatividade durante as festividades, se considerarmos a presença das escolas e das agremiações dos trabalhadores nos desfiles públicos. O que nos leva a pensar que as comemorações do aniversário de Sobral foram construídas ‘por e para’ a satisfação de um grupo específico de habitantes da cidade, cujos ideais e memórias foram

⁸³ GUIMARÃES. Manoel Luiz Salgado. Escrever a história, domesticar o passado. IN: PESAVENTO. Sandra Jathay. (org.). **História e Linguagens**: texto, imagem, oralidade e representações. Rio de Janeiro: 7letras, 2006, p.46.

⁸⁴ CERTEAU, Michel. A operação historiográfica. IN: CERTEAU, Michel. **A escrita da história**. 2ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002, p.65-121.

instaurados como tradição, os espaços selecionados e fixados foram ganhando eco, tanto localmente como fora de suas fronteiras territoriais, afinal as antigas ligações com a Europa, antes alardeadas, hoje foram substituídas pela relação ‘íntima’ que a cidade mantém com o Império Capitalista dos Estados Unidos, chegando mesmo a ser denominada popularmente de “The United States of Sobral”.

Essas ideologias adotadas pela cidade na ultima década do século XX foram alvo da crítica corrosiva realizada pela Revista Veja⁸⁵, ao analisar Sobral como uma cidade que na primeira metade do século XX, tinha por influência do Bispo idéias europeizantes e que em fins do século xx, por ideologias de seu então prefeito hoje governador, Cid Gomes, adota o estilo do ‘american way of life’ , passando a adotar costumes e até mesmo tradições dos Estados Unidos da América. Enfim, Sobral e suas múltiplas representações.

2 – Legibilidade da cidade na visão da elite: espaço e imagens na construção de sentidos.

Todas as cidades constituem-se em meio à funcionalidade e aos usos que dela são feitos. Pensar em espaço urbano é pensar sobre a ação do homem, afinal o homem é que constrói o espaço, dotando-o de sentidos. Apesar do uso que os espaços tendem a incentivar no imaginário local, reconhecemos que parte da população não tem acesso aos espaços público. Existe um controle sobre os usos desses espaços, o qual pode ocorrer sobre variadas formas, sejam elas sobre controle moral e ideológico, seja por meio do controle dos espaços e de seus transeuntes. Pensar a cidade como objeto, leva a uma viagem em meio a sua ‘escritura’, em que iremos perceber as marcas e identidades daqueles que a representaram, às vezes enxergando suas ações em espaços nem sempre visíveis.

⁸⁵ **Veja**, São Paulo, v. 42, n.2132. “The United States Of Sobral”, 30 set.2009. p.144 – 146.

Analisar a cidade de Sobral, a partir das imagens que dela são produzidas, é pensá-la como um texto a ser lido e interpretado. Nos fala Certeau, que a cidade constitui uma “ordem espacial”⁸⁶, onde os consumidores do espaço atualizam e reutilizam os sentidos que ela busca constituir, a partir dos produtores desse espaço, são responsáveis pelo fortalecimento da memória sobre a cidade, a partir dos signos e imagens que sobre ela foram construídos.

A produção do álbum comemorativo do centenário da cidade de Sobral busca construir espaços de memória e de tradição no imaginário popular, ao veicular imagens da transformação ocorrida na cidade. O álbum é dotado de imagens que mostram o desenvolvimento alcançado por Sobral, na tentativa de instituir tais espaços, como lugares de memória e de identidade social.

Pensar sobre a representação que os espaços assumem para Sobral é também pensar sobre a apropriação que sofrem, por parte de seus frequentadores, afinal o espaço é constituído a partir das práticas que sobre ele são realizadas, por aqueles que deles se apropriam e nele interagem.

Segundo Certeau, o *lugar* é uma forma de ordenação que os objetos tomam nas relações coexistentes, sinalizando uma “configuração instantânea de posições”⁸⁷. Os espaços são relacionados aos movimentos que se desdobram a partir da configuração dada, produzidos como efeito das operações que os orientam, para ele “o espaço estaria para o lugar como a palavra quando falada”. Neste sentido, o que define os espaços são as ações dos homens sobre o mesmo. Portanto, são as interferências do homem que conferem ao lugar a denominação de *lugar como espaço praticado*.

⁸⁶ CERTAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano** : A arte de fazer. Petrópolis: Vozes, 2002,v.1, p.177.

⁸⁷ CERTAU. **Op. Cit.** p. 201.

A cidade de Sobral constituiu uma identidade sobre os espaços que deram a ela o sentido de tradição⁸⁸, tradição essa que é assimilada pela população através da veiculação de imagens e ideologias. Os espaços cristalizados em imagens geraram na população uma memória social sobre eles. Essa memória foi construída pelo simples movimentar-se da população em meio a esses espaços e a instituição dos espaços mesmos. Assim, a memória da cidade, pode ser pensada como uma “imposição” pelos ordenadores da cidade, afinal os mesmos encontravam-se no fluxo do cotidiano de todos os habitantes e visitantes que chegavam a cidade.

Através da análise do jornal *Correio da Semana*, percebemos a coexistência de uma outra cidade, a ‘cidade do povo’, onde a urbanização e o embelezamento espacial ainda não haviam chegado, ou não queriam chegar lá. Era a cidade que precisava ser controlada, apagada.

Em pequena nota, publicada sobre o título de “falta de educação”⁸⁹, em que são renegadas as formas populares de crendice, “macumba, feitiçaria e curandeirismo” através da cobrança da ação policial, para controlar os vícios que “invadem os bairros pobres de Sobral”. Percebemos que além da rejeição das liberdades de culto, também existia uma associação dessas práticas com as populações humildes e ‘pobres’, como o próprio jornal subtende.

A percepção dessa outra cidade, onde não havia controle religioso, nem ação populacional era também a cidade que aparecia sobre o título de “Nos bairros e subúrbios”⁹⁰:

A parte da cidade localizada na margem esquerda do rio Acaraú está se desenvolvendo de uma maneira verdadeiramente assombrosa (...) Para facilitar e incrementar o desenvolvimento da outra parte da cidade, proporcionando-lhes os meios necessários. Compete as nossas autoridades municipais esta tarefa de magna importância, quer instalando escolas, quer melhorando as condições do meio e

⁸⁸ Sobre tradição entendemos o que Hobsbaw chama de tradição inventada. HOBBSAW, Eric. **A invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 9.

⁸⁹ BPMP: **Correio da Semana**, 14 jan. 1953, p.3.

⁹⁰ BPMP: **Correio da Semana**, 17 abr. 1949, p.1.

finalmente auxiliando no que ela mais precisa no seu patriótico trabalho de construir ali uma outra civilização.

O fragmento acima, deixa clara a preocupação que havia, por parte do jornal, em deixar ‘dito’ que os problemas urbanos e sociais estavam localizados nos ‘bairros e subúrbios’ da cidade, apontando que lá haveria a construção de uma ‘outra civilização’. As partes destacadas fazem referência à preocupação de que a cidade perdesse seus ‘status’ de moderna e desenvolvida. Destacando sempre que essas denúncias que apareciam eram localizadas fora do centro urbano, nas periferias, onde ainda não havia uma civilização. Porém é importante destacar o apelo que é feito ao poder público de interferir no desenvolvimento desses espaços, favorecendo assim ao desenvolvimento da ‘moderna Sobral’.

A memória dos espaços constitui-se então a partir da relação que os habitantes desenvolvem com eles, pois compreendemos que os contatos cotidianos com espaços sugerem aos habitantes distinções e relações sentimentais com a cidade; o que nos leva a pensar que cada espaço da cidade apresenta-se de forma única para cada um de seus observadores. Segundo Lynch: “O meio ambiente sugere distinções e relações, e o observador - com grande adaptação à luz dos seus objetivos próprios - seleciona, organiza e dota de sentido aquilo que vê.”⁹¹

Assim, as imagens da cidade “escolhidas” pelos ordenadores do espaço urbano, em Sobral, foram sendo tecidas no imaginário dos habitantes, não apenas pelo sentido de monumento que a elas foi dado pelo poder público da cidade, mas também por meio das relações que os habitantes desenvolviam com esses espaços, instituindo sentidos pessoais a eles de pertencimento ou de rejeição.

Cada habitante, a partir das relações que mantinha com a cidade e com os espaços, ia tecendo suas próprias opiniões sobre esses. No entanto isso não interferia na construção desses espaços como monumentos da cidade.

⁹¹ LYNCH, Kevin. **A Imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1960, p. 16.

O passado construído pelo grupo organizador das comemorações do primeiro centenário deu continuidade à idéia difundida no início do século XX pelo Bispo Dom José, a da modernidade em Sobral⁹². Essa continuidade transformou as festas do centenário, principalmente o ‘álbum do centenário’, em monumento à medida que sua produção estava direcionada a um determinado grupo, ‘intelectuais’, que se utilizaram dessa função para “impor ao futuro, voluntária ou involuntariamente, determinada imagem de si próprias”.⁹³ Deu início a invenção do passado, um passado hierarquizado, organizado em lugares próprios para as imagens que queriam instituir como marcos da história da cidade e símbolo de seu progresso.

O documento construído para a instituição da memória que queria se fixar, leva-nos a entender a ausência de grande parcela da cidade, no álbum tanto nos eventos como mesmo inseridos nos espaços enquadrados. Nesse sentido a análise dos espaços monumentalizados no álbum, permite-nos perceber que eles são “uma roupagem, uma aparência enganadora, uma montagem”⁹⁴, no entanto nosso objetivo é compreender como esses espaços tornaram-se monumento no imaginário da cidade, ou seja, quais estratégias foram utilizadas pela elite para a instituição dessa memória sobre a cidade.

⁹² Nessa pesquisa entendemos a modernidade em Sobral como desejo de transformação dos meios físicos e materiais, porém havia ambigüidades na forma como era projetada e colocada em prática na cidade, já que, a mesma estava restrita ao comportamento dos cidadãos, que deveriam manter-se sobre as orientações da igreja, que assumia o papel de ordenadora da ‘moral e dos bons costumes’ da população. Sobre modernidade ver: BERMAN, Marshal. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: as aventuras da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.; REZENDE, Antônio Paulo. **(Des)Encantos modernos: história** da cidade do Recife na década de vinte. Recife: FUNDARPE, 1997.; LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.

⁹³ LE GOFF, **op. cit.** p. 548.

⁹⁴ Idem, **ibidem**.

2.1 – Álbum do Centenário: Sobral monumentalizada

As cidades brasileiras, no final do século XIX e início do século XX, tentam adequar-se aos princípios de modernização e progresso, incorporados pelo regime republicano. Nesse sentido, inicia-se a produção de álbuns de vistas que almejam representar a modernização que as cidades brasileiras alcançam, esses álbuns, além de divulgarem a modernização das cidades, também têm a função didática de educar a população a partir do olhar.

Os álbuns assumiam a função de objeto propagandístico que difundiam as melhorias e benfeitorias urbanas, além de construírem um sentido de identidade e pertencimento na população, que não estava envolvida diretamente nas transformações modernas, mas que assimilam a memória social e oficial da cidade.

A produção do álbum do centenário, além das comemorações do aniversário de Sobral, também trazia intrínseco o sentido de propagar e difundir na sociedade a ideia de progresso e transformação que a cidade havia alcançado. As imagens veiculadas no álbum foram escolhidas de forma a dar identidade e visibilidade a determinados espaços de Sobral, espaços em que os “ordenadores” da cidade pretendiam difundir como símbolos de tradição, espaços a serem monumentalizados como memória da cidade e de seus habitantes.

As fotografias existentes no álbum “O centenário” representam as transformações de Sobral e ajudam a compreender que imagens foram “escolhidas” para a construção do imaginário social constituído sobre Sobral. Entendendo que a partir destes resíduos imagéticos é possível perceber que imagens foram utilizadas e qual a importância delas para a instituição da modernidade em Sobral, estaremos adentrando as ideias que nortearam a construção do imaginário da cidade como a “Princesa do Norte”.

A análise do álbum levantou algumas inquietações no sentido de entender qual o papel das imagens na escrita da cidade e como elas aparecem dispostas no álbum e na relação com os textos que nele estão inseridos, pois entendemos que as imagens trazem possibilidades de compreender a história. No entanto, sozinhas elas não podem reconstituí-lo, afinal à medida que folheamos as páginas do álbum, temos o imaginário aguçado pelas múltiplas visões que as imagens nos mostram e nos levam a intuir, pois, como testemunhos visuais elas nos dão múltiplas possibilidades de interpretação.

Analizando o álbum e suas imagens, fomos levados a pensar sobre as múltiplas possibilidades de representar a cidade e de pensar a constituição do imaginário social local, a partir da “cristalização” de seus espaços e, mais que isso, entender qual a cidade desejada por seus produtores.

A fotografia assume na sociedade moderna papel imprescindível à formação de opinião e de conhecimento, mas não foi sempre assim. Há algumas décadas, as fotografias eram de difícil produção e de difícil acesso, pois dependiam de equipamentos e materiais caros. No entanto, hoje assumem papel comum na sociedade moderna, todos têm suas próprias câmeras e produzem suas próprias fotos, as quais podem ser modificadas, ampliadas e enquadradas da forma que melhor convir aos desejos do fotógrafo e do fotografado. Parafraseando Susan Sontag⁹⁵ “Hoje tudo existe para terminar numa foto”, o que as torna possíveis de produzir história.

O trabalho com as fotografias nos deixou ciente de que as mesmas são como textos a serem lidos por seus receptores. Portanto, deve-se levar em consideração as competências dos receptores, para entender os significados que elas lhes transmitem.

As competências surgem a partir da experiência dos receptores e dos produtores dessas imagens, que devem ser de sentido coletivo para aqueles que as observam, já que elas

⁹⁵ SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p.35.

têm dois níveis de compreensão segundo Mauad⁹⁶, o “nível interno”, simbolizado pela estrutura visível da fotografia, a qual possibilita uma leitura do texto que ela representa; e um “nível externo”, que está diretamente ligado às informações de outros textos da época, ou até mesmo da possibilidade de trabalho com a experiência de outrens sobre o texto imagético.

Destacamos que a leitura de textos visuais é parte de uma educação do olhar que está diretamente ligada à forma como o receptor das imagens as compreende. Ligada a esta compreensão, a leitura também deve estar relacionada com as representações que o texto fotográfico traz, as quais podem ter múltiplas funcionalidades e usos, funcionalidades que vão desde o veículo que as comporta, como também pelo controle dos diversos grupos sociais que estão envolvidos, direta ou indiretamente, durante a produção.

Neste sentido, as fotografias como representação são articuladas pela forma como privilegiam os espaços fixados, onde o monumento tende não apenas a falar esteticamente, mas falam interiormente. Ele desperta sensações nos observadores, formando o que Elias⁹⁷ institui de imagens do real, pois as imagens dos objetos não se formam pelo objeto em si, mas pela afetividade que elas despertam no grupo social e no observador.

As imagens são por nós compreendidas como memória social, pois esta só toma tal sentido quando transmitida e articulada. Portanto, age de forma “a suprimir o que não é significativo ou intuitivamente satisfatório nas memórias coletivas do passado e interpolar ou introduzir o que parece mais apropriado”⁹⁸. E são essas as formas que as imagens selecionadas no álbum tomam, ao revelarem o sentido de mapas da memória, os quais facilitam a evocação sobre Sobral e seu ‘progresso’.

⁹⁶ MAUAD, Ana Maria. Fotografia e História-possibilidade de análise. IN: CIAVATTA, Maria & ALVES, Nilda. **A Leitura de imagens na pesquisa social: história, comunicação e educação**. 2, Ed – São Paulo: Cortez, 2008, p.24.

⁹⁷ ELIAS, Norbert. **A sociedade de Corte**. Lisboa: Stampa. 1987, p. 217.

⁹⁸ FRENTES. **Op. cit.** p. 78.

Segundo Mauad⁹⁹, “deve-se compreender a fotografia como uma escolha efetuada em um conjunto de escolhas então possíveis”, ou seja, as fotografias são formas de “escrita” do fotógrafo, que as inscreve de modo a expressar as suas ideologias e transmitir a mensagem valorizando o objeto representado e de instituir um sentido coletivo social para o grupo que as consome.

Pensando Sobral como espaço social, ela será aqui tomada como cenário múltiplo que toma para si a construção do cotidiano, pois pensamos as cidades que buscam o progresso não apenas como espaço torturante de reprodução dos costumes, mas como espaço da criação de novos desejos, constituição de histórias e de cidades que assumem a multiplicidade de seus habitantes e de suas experiências. Isso justifica o fato de buscarmos não a verdade absoluta sobre a constituição do imaginário de Sobral, mas apontar algumas das formas de pensar e desejar essa cidade que foram inscritas a partir da produção do álbum do centenário e das imagens que constituíam Sobral durante as comemorações do seu centenário.

Lembramos que não iremos tomar partido de grupos sociais ou de ideologias sobre a cidade, mas sim analisar as representações que foram construídas em Sobral através dos jornais e do álbum o centenário. Pensar sobre a Sobral concreta e a cidade dos desejos, uma cidade que entre as divergências ideológicas e sociais ia constituindo-se no imaginário social como a “Princesa do Norte”.

2.2 – Sobral retratada: a cidade em imagens instituindo a memória.

- As margens da memória, uma vez fixadas com palavras, cancelam-se –disse Pólo. – Pode ser que eu tenha medo de repentinamente perder Veneza, se falar a respeito dela. Ou pode ser que, falando de outras cidades, já as tenha perdido pouco a pouco.¹⁰⁰

⁹⁹ MAUAD. *Op. cit.* p.28.

¹⁰⁰ CALVINO. *Op. cit.* p. 82.

A cidade apresenta-se geograficamente uma. No entanto, ela é repleta de histórias e de imagens que são “valiosas” a seus observadores. Seus espaços detêm sentimentos, que são rememorados por aqueles que a (re)significaram. Através destes sentimentos que pouco a pouco vão tomando parte da cidade para aqueles que dela guardam lembranças e desejos, memórias se constroem a fim de evitar que o tempo os leve para longe. Esse receio de esquecer, misturado ao desejo de congelar o tempo, despertam no homem espaços e sensações que o fazem entender a fotografia como representação do “real”. Uma cópia de apropriação do passado compreendida “Como passado em revelação para o olhar que observa, a fotografia parece realizar sua utopia de produtora da memória.”¹⁰¹ .

Esta revelação do passado é entendida como possibilidade de suporte à memória, a qual à medida que é estimulada vai (re)vivendo o passado a partir dos sentidos que por ela são construídos, sentidos estes que se ampliam com o desenvolvimento do ato de lembrar.

Os festejos do centenário de Sobral foram amplamente divulgados na cidade e coincidiram com a realização do seu primeiro congresso Eucarístico Diocesano. Isso fez com que as festas fossem ampliadas, recebendo a cidade milhares de pessoas pelo período de duas semanas. As solenidades tiveram início no dia 25 de junho de 1941, com a realização de Missa Campal na Catedral, seguida de abertura da exposição agropecuária, atos cívicos na Câmara Municipal com a presença do Interventor Federal e lançamento do Álbum do centenário, entre outras atividades.

Pensando das comemorações como celebrações ricas em sentidos, para a sociedade que as realiza, entendemos que o centenário de Sobral apropria-se desse momento para instituir “lugares de memória”, ou seja, divulgar as construções da cidade e sua evolução, estas ações tem o sentido de perpetuar no imaginário local um passado de glórias, um presente progressista e um futuro atrelado a idéia de desenvolvimento.

¹⁰¹ KOURY. *Op.cit*, p. 98.

A memória que se pretendeu perpetuar foi instaurada no imaginário local de forma voluntária ou involuntária. Certo é que os espaços, fixados pelas lentes das câmeras e divulgados no álbum comemorativo do centenário, enraizaram-se na memória local de forma a tornarem-se monumentos de tradição e de memória dos habitantes e da cidade.

A produção de álbuns fotográficos remonta à segunda metade do século XIX. Através deles, as cidades apresentavam o que acreditavam ser relevante para caracterizá-las como cidades modernas; enaltecer sua história e fortalecer seus mitos. Tradição em voga até a primeira metade do século XX. Na sua maior parte, os álbuns, além de fotografias, traziam textos que acompanhavam as imagens. Dubois analisa a fotografia apresentando sua natureza fundamentalmente pragmática e cita os álbuns como veículos que trabalham com esta dimensão:

Com toda certeza, o que confere valor a esses álbuns não são nem seus conteúdos representados neles próprios, nem as qualidades plásticas ou estéticas da composição, nem o grau de semelhança ou de realismo das chapas, mas sua dimensão pragmática, seu estatuto de índice, seu peso irreduzível de referência, o fato de se tratar de verdadeiros traços físicos de pessoas singulares que estiveram ali e que tem relações particulares com aqueles que olham as fotos.¹⁰²

Neste sentido a foto em si não fala, não explica, não interpreta, por mais próxima que esteja do objeto representado. Ainda assim não é o objeto preciso de suportes de referências para emanar todo o seu conteúdo intrínseco.

No Álbum, as fotografias estão ao lado de textos, construindo um discurso imagético que visava comprovar, representar o papel preponderante da Igreja e da administração pública no processo de modernização da cidade. As primeiras cinco páginas do álbum prestam homenagem aos homens ilustres da cidade.

Surge na primeira página a foto do presidente da República, Getúlio Vargas, acompanhada de sua biografia. Na segunda página surgem as fotografias do Dr. Arnaud

¹⁰² DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. 7. Ed. Campinas, (SP): Papirus, 2003, p. 80

Ferreira Baltar, juiz de direito, a seu lado a fotografia do Dr. Francisco Menezes Pimentel, interventor federal, e na ponta esquerda a foto do Cel. Alcebíades Dracon Barreto, presidente do departamento administrativo do Estado. Na terceira página, destaca-se centralizada a fotografia do Bispo Dom José Tupinambá da Frota. Na quarta página surge o prefeito da cidade, Cel. Antenor Ferreira Gomes e finalmente, na quinta página, o organizador do Álbum, Craveiro Filho.

As cinco primeiras páginas apresentam a ordem de importância dos personagens representados, tanto na sequência em que aparecem no álbum como o destaque que é dado a fotografia. Percebe-se que três deles aparecem juntos em uma página apenas, enquanto os outros quatro ganham uma página completa. Considerando a sequência em que surgem no álbum, a compreendemos como simbologia da sua importância na cidade. Com o Bispo Dom José surge à frente do prefeito, entendemos ser ele mais importante do que essa autoridade municipal.

Quanto às imagens que representam espaços, elas estão distribuídas dentro do texto e inseridas nos dois tópicos centrais, “O passado” e “O presente”, porém não existe um diálogo entre textos e imagens fotográficas, estando as imagens assumindo apenas um caráter de representação desses espaços, cristalizando símbolos “escolhidos” pelo grupo social dominante da cidade.

O livro tem o formato de 37x27 cm, capa dura e título em bronze, possui um total de 200 páginas, apresentando várias ilustrações em fotografias mono colorizadas. A capa tem um *design* de representação, pois traz várias fotografias da cidade colocadas lado a lado sob um fundo avermelhado. As fotografias da capa são colocadas como símbolo do processo de transformação da cidade. No lado direito do álbum, na horizontal, surgem os tópicos da primeira parte, livro “O antigo”; do lado direito do livro na horizontal surgem os tópicos da segunda parte do livro, “O presente”.

Sob o título surgem algumas das imagens que estão no interior do livro. As fotografias que aparecem na capa são as que remetem à modernização e ao progresso que a cidade alcançou. São os espaços de orgulho, deixando fora da capa as que remetem à existência de problemas de planejamento, como as que mostram a cidade alagada pelas enchentes.

O livro encontra-se dividido em duas partes, sendo cada parte dividida em subtópicos. A primeira parte “Sobral – O passado” traz como subtópicos: I – A posse da terra, II - A povoação da Caiçara, III - Vila real de Sobral, IV – A cidade e V – Edificadores de Antanho. Nesta primeira parte do livro, seu organizador, Antonino Craveiro Filho, conta a história da cidade desde sua doação como sesmaria até sua elevação à cidade, realizando uma biografia daqueles que caracterizou como seus edificadores.

A segunda parte, intitulada “O presente”, tem como subtópicos: I - A cidade de hoje; II – 100 anos de história; III – Conquistas econômicas; IV – Os homens do primeiro século e V – possibilidades futuras. Realiza um apanhado cronológico e biográfico da cidade e de seus habitantes mais ilustres, que aparecem no álbum dividido nas seguintes categorias: Comerciantes, Ordem Médica, Intelectuais, Sobralenses notáveis, Justiça de Sobral, Cultores da Economia, Pioneiros do Comércio e Sentinelas da Pátria. Dentro destas biografias percebe-se que nem todos são representados com suas fotos. A obra privilegia quantitativamente o presente e enaltece as origens históricas da cidade e de seus idealizadores.

Diante da impossibilidade de analisar todas as imagens da obra, iremos nos concentrar na área específica sobre os espaços urbanos, que surgem nos textos que narram a história do desenvolvimento e surgimento da cidade, ou seja, na primeira parte do livro, “O Antigo”.

Esta série de fotografias está atrelada à origem e ao desenvolvimento da cidade. Apesar de serem espaços alheios ao texto, subtende-se a intenção de seu organizador de

mostrar a cidade e a transformação que ocorreu desde sua origem, gerando no observador a ideia de separação entre o escrito e o imagético, sugerindo uma valorização do presente.

A série é composta por vinte e sete fotografias, que aparecem centralizadas na página, diferindo em poucos centímetros os tamanhos das imagens, o que não chega a provocar um efeito de assimetria, em virtude da centralização das imagens na página. Há um predomínio de imagens horizontais (24 fotos), o que produz um sentido de estabilidade e representação da cidade, efeito não apenas de documentação do passado, mas também de valoração dos espaços, construindo a ideia de monumento dos espaços representados, de forma geral de exaltação da cidade.

Os recortes temporais propostos pelas imagens referem-se às reformas ocorridas em fins da década de trinta e início da década de quarenta, ressaltando os espaços urbanos, o crescimento do perímetro ocupado e a modernização da área central da cidade. Da mesma forma que os textos desta série, apesar de serem relativos ao surgimento da cidade, exaltam seus administradores relacionando-os com o presente.

Os espaços representados pelas fotografias são todos relacionados ao ambiente urbano, com exceção de duas, uma que representa o vaqueiro como trabalhador “típico do nordeste” e outra que representa a Orquestra Alcântara, como “tradição artística e honrosa da terra”.

Há nas fotografias um claro privilégio dos espaços urbanos o que caracteriza uma negação do espaço rural, que representava a maior parte da cidade no período. Observamos o predomínio da representação de prédios públicos e do centro da cidade, o que nos levou a dividir as fotografias em séries a serem analisadas por temáticas e conteúdos: escolas (um), casas residenciais (4), prédios públicos (4), espaços de lazer (5), ruas (6), fábrica (um), pessoas (2), igreja (um), estrada de ferro (um), ponte (um). O conjunto apresenta uma visão turística, moderna e higienista da cidade e da sociedade local.

As fotografias têm um nítido sentido de divulgar a cidade, os espaços fixados são o centro da fotografia. A análise da série aponta para o predomínio de conteúdos temáticos relativos à urbanização da cidade, apontando para a representação do espaço urbano por meio da arquitetura e do sentido de sociabilidade, ligados a estes espaços: Pallace Club, praças, radiadora e parque da Independência. Os temas representados articulam-se com os principais grupos sociais da época para construir a imagem da cidade que era por eles desejada.

Podemos perceber, pela descrição superficial feita das imagens, que seis das fotografias são do século XIX e início do século XX. Acreditamos que seja o seu sentido no álbum o de mostrar a evolução de Sobral, como uma forma de realçar a superação das dificuldades e o progresso alcançado. Afinal, as vinte fotos seguintes representam a cidade em pleno desenvolvimento urbano. Neste sentido, aquelas fotos são utilizadas como forma de representação da evolução da cidade. O álbum privilegia a representação das elites, da sua centralidade e da sua predominância sobre as transformações que a cidade sofria.

Dessa forma é que nos parece estratégico problematizar a cidade e a constituição das suas representações, a partir das fotografias utilizadas no álbum, com o intuito de compreender a construção de um padrão de visualidade que destacava certos sujeitos, lugares, tempos, acontecimentos e significados da experiência social urbana, respondendo à demanda da memória da sociedade sobralense frente às reformas da cidade e à constituição de representações sobre estas transformações.

Devido ao caráter representativo das imagens, optamos por fazer uso delas que representam Sobral. Afinal, segundo Chartier,¹⁰³ as representações construídas sobre “o mundo social” não são objetivas e sim “historicamente produzidas” pelos grupos sociais, que interferem no ordenamento e transformação da vida social da cidade.

¹⁰³ CHARTIER. *Op. Cit.*, p.17.

A fotografia é um suporte para se conhecer o passado, porém, ela não pode reconstituí-lo. À medida que olhamos, observamos as imagens, vamos entrando em contato com momentos que foram registrados no plano do imaginário, da experiência e do desejo de congelamento de espaços e sentimentos a que estão ligados. A fotografia por si só gera diversas interpretações sobre o passado. No entanto, iremos (re) atualizar esse passado através do seu cruzamento com a historiografia produzida sobre a cidade.

Boris Kossoy afirma que toda fotografia é portadora de múltiplas experiências, é evidência histórica. Sendo assim, apresenta-se como uma importante fonte aberta a diversas significações. Ele situa a fotografia em três estágios que marcam sua trajetória: o sentido de sua produção, o registro que cristaliza e dá existência à imagem e aos usos que se faz ou fizeram dessa imagem, destacando que “nesse caso seu conteúdo se manteve, nele o tempo parou. As expressões ainda são as mesmas. Apenas o artefato, no seu todo, envelheceu”.¹⁰⁴ As fotografias são produzidas e não sabemos os caminhos que irão percorrer, podem ser esquecidas ou tornar-se valiosas como fontes e objetos de pesquisa.

Parafraseando Jacques Le Goff, consideramos a “imagem /documento” e a “Imagem/monumento”. Na primeira categoria tomamos as fotografias como guias para a compreensão da construção de representações sobre a cidade, e na segunda como possibilidade de monumento a ser analisado e interpretado, símbolo produzido pela sociedade ou grupo a fim de eternizar o momento retratado.

Neste sentido, tomando as imagens do “Álbum Histórico Comemorativo ao primeiro centenário da cidade de Sobral” como representações de símbolos a serem divulgados como sinais de progresso e prosperidade da cidade, as imagens funcionam como guias para a compreensão da representação que determinado grupo social quis perpetuar. Afinal, segundo Kossoy:

¹⁰⁴ KOSSOY. **Op. Cit.**, p.45.

Toda fotografia representa em seu conteúdo uma interrupção do tempo e, portanto de vida. O fragmento selecionado do real, a partir dos instantes em que foi registrado, permanecerá para sempre interrompido e isolado na sua bidimensão da superfície visível.¹⁰⁵

Observamos que refletir sobre “o tempo” que passou, mas que continua imóvel na fotografia, é reatualizar as lembranças. É reviver o passado, não de uma forma absoluta, mas referindo os espaços e momentos que foram significantes para o seus produtores. O ato de fotografar simboliza o congelamento de espaços e situações significativas para seu produtor e para o grupo ou ideologia a que está vinculado.

A produção da escrita sobre Sobral, a partir das fotografias, apresenta uma eficácia quanto ao tempo. Afinal, através da análise e do cruzamento de informações sobre estas representações é possível obter conhecimentos sobre um passado visto de fora, ou seja, fora do espaço temporal de produção o que em si facilita a apreensão do passado estudado. Mesmo com o distanciamento gerado pelo olhar atual, estas produções guardam marcas, o que possibilita não somente um conhecimento possível dos desejos representados, mas fundamentalmente um conhecimento sobre como a cidade era pensada e vivenciada pelos seus produtores e habitantes.

Naturalmente, a forma da cidade, suas ruas, as transformações que nela ocorrem contam uma história que continua viva na memória de seus habitantes e nas representações que foram produzidas sobre ela. Elas mostram-se como mananciais para a compreensão de como estas representações são interpretadas pelos seus observadores e possíveis de uso para a compreensão de como a cidade era idealizada por seus produtores.

¹⁰⁵ KOSSOY. **Op. Cit**, p. 44.

A possibilidade de desvelar e de reinterpretar o passado é o que fascina no uso das fotografias, que não está apenas nos espaços representados, mas inserida nos desejos de transformação por elas expressos. A utilização das fotografias ocorre pelo fato de serem significativas para a cidade e seus habitantes. Neste sentido, Fentress afirma:

As imagens só podem ser socialmente transmitidas se forem convencionalizadas, porque a imagem tem que ser significativa para todo o grupo; simplificadas, porque, para ser significativa em geral e capaz de transmissão, a complexidade da imagem tem que ser tanto quanto possível reduzida.¹⁰⁶

A cidade de Sobral, no ano do centenário, encontrava-se em pleno processo de transformação e de busca pelo progresso, transformação que era movida pela classe dominante no setor político, econômico e religioso da cidade, mas que era entendida pelo povo como essencial não só para o embelezamento da cidade, mas também para aqueles que se encontravam excluídos dessas transformações, afinal o orgulho de viver em uma cidade moderna persistia.

No entanto, pensar Sobral, a partir daqueles que “produziam” a cidade, é ter acesso a uma cidade desejada, talvez individualmente em cada fotografia produzida, porém única para cada um dos que a sonharam e a “construíram”. Enfim, Sobral assume para cada um que se envolveu na sua transformação e no seu cotidiano um significado que pode ser revisto pela ação do tempo ou pode ser reelaborado a partir da análise destas representações.

Neste sentido, a análise das imagens do álbum como sentido representativo de seu produtor será realizada em dois níveis; por temas fotografados e por padrões temáticos visuais, na busca de compreender qual a cidade que seu produtor e o grupo a que pertenciam queriam perpetuar, afinal o próprio Craveiro Filho afirma na abertura da obra:

Venho (...) depositar no sacrário simbólico onde guardas a pureza de tuas filhas, o heroísmo de teus soldados, o civismo de teus poetas, a justiça de teus magistrados e o heróico sacrifício de teus sacerdotes trazer-te para associar-me, as comemorações

¹⁰⁶ FENTRESS. **Op. Cit.**, p. 66.

deste excepcional acontecimento, a migalha desta minha oferenda representada neste humilde fruto intelectual “O Centenário”.¹⁰⁷

O sentido representativo do poder e do desenvolvimento da cidade, presente na obra “O centenário”, aparece-nos como a cidade desejada; um monumento a ser perpetuado, memória de homens ilustres e poderosos que “sozinhos” construíram a cidade, que foi eternizada através das imagens e dos textos do jornalista Antonino Craveiro Filho e que agora tomamos como documento possibilitador de entender a cidade e suas sociabilidades na década de quarenta.

2.3 - A cidade nos seus primórdios: Imagens do passado como exaltação do presente.

Durante o período Pombalino, século XVII, é instituída a criação de novas vilas reais da colônia. É em meio a essas criações que Sobral surge. Por ocasião da sua elevação a condição de vila já apresentava uma precária estrutura urbana, consequência da expansão das terras de criação do gado.

A povoação da Ribeira do Acaraú inicia-se com a doação de Sesmarias. Parte das terras foram doadas por intermédio do Capitão Mor de Pernambuco, e foi a partir delas que a Fazenda Caiçara surgiu em 1728. Por ser uma região onde predominava a pecuária e o comércio do Charque, que eram negociados com outras províncias, a fazenda logo evoluiu para a “Povoação da Caiçara”¹⁰⁸. O comércio do gado entre o Ceará e a capitania de Pernambuco trouxe a criação da “Estrada Nova das Boiadas”, que através de Quixeramobim

¹⁰⁷ CRAVEIRO FILHO. **Op. cit**, p.200.

¹⁰⁸ Sobre a doação das Sesmarias e Fazenda Caiçara VER: FROTA. Dom José Tupinambá da. **História de Sobral**.

integrava os Vales do Acaraú e Jaguaribe com as Capitanias do Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco.

A povoação da ribeira do Acaraú era composta por gente muito simples, sem sobrenomes nem brasões, vinham pra estas bandas mais em busca do sustento do que de aventuras. As casas eram simples, como observamos por esta representada na fotografia abaixo. Podemos perceber que as cumeeiras são baixas, identificamos a existência de uma porta de entrada, rodeada de várias janelas que vazam a casa. Acreditamos que a existência das duas pequenas janelas laterais fossem para ventilar o interior da casa.

Era hábito que as antigas casas de fazenda tivessem alpendres rodeando-a, na imagem o alpendre vaza à frente da casa, os alpendres representam a hospitalidade dos donos da casa e também espaço de diálogos com os viajantes, passantes e empregados.

Podemos notar que o alpendre ainda era rústico, pois com a fachada reta, acompanhando a cumeeira, fato que se altera em fins do século XIX, quando tem início o uso de arcos na fachadas dos alpendres.



Habitação dos primeiros colonizadores da Ribeira do Acaraú.

Outro fator significativo na estrutura da casa é a presença do elemento decorativo na parte frontal do telhado, como símbolo do progresso financeiro dos fazendeiros,

da época. Sobre o espaço ao redor da casa, percebe-se a existência de uma vegetação rala. O objetivo do fotógrafo era o de representar as construções e formas de habitação, pois a imagem da casa encontra-se como centro da fotografia, o que denota o sentido de representação, ou seja, construção de um monumento a ser fixado da memória dos receptores da imagem.

Ainda sobre a representação da casa, podemos notar através de um olhar minucioso a existência de algumas pessoas nas janelas da frente e nas laterais. A casa da fazenda também representava o poder de seu dono, que tinha sua importância associada ao número de pessoas que tinha sob seu comando ou proteção, já que a riqueza do fazendeiro era formada principalmente pelo gado e a vida cotidiana na fazenda era adaptada às adversidades do meio.

Capistrano de Abreu¹⁰⁹, ao descrever as casas das fazendas, as caracteriza como “um espécime arquitetural peculiar ao meio físico, constituído com os materiais, as conveniências e as possibilidades do meio físico, refletindo a maneira imperativa da ambientação antropogeográfica do homem do nordeste.”

A vida nas fazendas de criação de gado era uma vida dura, adaptada a adversidade do meio dos primeiros habitantes que iam pouco a pouco construindo suas redes de sociabilidades, redes que estavam “cerradas” nas fazendas e na lida diária dos afazeres da casa e do gado. Existiam na região diversas fazendas que mantinham contatos comerciais entre si, pois organizavam comitivas para realizar o transporte do gado para outras regiões.

Devemos perceber a partir da legenda, que essa habitação não era comum ‘a todos os habitantes’ da Ribeira do Acaraú e sim, apenas aos Criadores de gado. Nesse sentido, os trabalhadores braçais das fazendas ‘são esquecidos’ como construtores da Sobral moderna. Acreditamos ser essa uma das formas utilizadas por Craveiro Filho, para falar do

¹⁰⁹ ABREU, J. C. de. **Capítulos da História Colonial do Ceará** (1500-1800). 4 ed., Rio de Janeiro: Livraria Broguet, 1954, p.347.

passado glorioso de Sobral, onde não existiam as casas dos moradores, casas que eram produzidas de pau - a - pique, mais uma vez só há espaço para o que se deve lembrar.

A vida social dessas fazendas era interna, apenas quando os padres visitantes vinham para a região é que o povo todo se reunia para a missa e recebimento dos sacramentos cristãos. Somente mais tarde é que seria instituída a criação do Curato do Acaraú¹¹⁰, que daria origem à Diocese de Sobral.

A vida interna na fazenda era monótona, tendo como principais trabalhadores os vaqueiros, que cuidavam do gado. Os vaqueiros eram homens pobres e livres, existência de escravos era pouca, devido à necessidade de grandes espaços e de liberdade para o boi pastar. Os escravos eram utilizados mais na agricultura de subsistência e na realização das tarefas domésticas. Em inventários¹¹¹ de alguns personagens da região, é possível notar que os escravos se resumiam como bem valioso, no entanto “desnecessário” para as adversidades do clima, sendo dessa forma restrito o número de escravos nas fazendas de criação e havendo a predominância de vaqueiros na região.

A Criação de gado exigia que os animais fossem criados soltos no campo, livres para pastar, tendo a figura do vaqueiro como responsáveis pelo cuidado com o boi durante a criação e o tempo de engorda. Quando o boi estava pronto o vaqueiro levava as boiadas para outras regiões, onde seriam negociadas, não havendo negociações as boiadas apenas mudavam de lugar devido às alterações climáticas. Na condução das boiadas o vaqueiro era responsável pela abertura de caminhos, sendo sua função cuidar e proteger o boi.

¹¹⁰ O Curato do Acaraú foi criado em 1722, com Sede inicial na Capela da Fazenda São José (atual distrito de Patriarca, Município de Sobral), transferindo-se depois para o Arraial da Caiçara, centro da Ribeira do Acaraú, hoje cidade de Sobral. O curato tinha um território que ia da Ibiapaba até o rio Mundaú e abarcava as ribeiras do Coreaú, Acaraú, Arataiaçu e parte do Mundaú.

¹¹¹ O inventário de Bernarda Cavalcante Albuquerque de 16/06/1777, noticia a existência de seis escravos divididos entre as quatro fazendas da mesma, sendo que dois desses escravos dois apresentavam doenças, no entanto todos tinham a idade aproximada, entre 20 e 25 anos, ou seja, eram jovens. VER: ROCHA, Herbert. **O lado esquerdo do Rio**. São Paulo: Hucitec: Secretaria de Desenvolvimento e do Turismo, Sobral: Escola de formação da em Saúde da família Visconde de Sabogosa, 2003, p.33-36.

A relação entre o vaqueiro e a criação de gado foi tão intensa que para Gustavo Barroso¹¹², ‘a toada plangente do aboiar, dizem os vaqueiros, tem a propriedade de humanizar o gado, tornando-o triste e cismarento’. Compreendemos que este triste e cismarento não são adjetivos do boi, mas dos vaqueiros, que em suas solitárias lidas com o boi, “via” no boi a presentificação de seus sentimentos.



Tipico habitante do Vale do Acaraú

A presença do vaqueiro no álbum, assim como do cavalo, tem um sentido de exposição dos principais tipos de trabalhadores da região. Observando a imagem representada pelo álbum, podemos perceber a existência do sentido de representação. Por estar centralizado na foto, compreendemos que a foto foi planejada pelo fotógrafo: o vaqueiro representado olha fixamente para a câmera. No entanto, se nos determos na posição corporal do mesmo, iremos notar que ele não se sente à vontade como “modelo fotográfico”, pois apresenta uma rigidez na postura, da mesma forma que uma expressão facial tensa. Sobre o

¹¹² BARROSO. Gustavo. **Terra do Sol**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1962.

plano de fundo da imagem o mesmo não era objetivo de interesse do fotógrafo, pois funciona apenas como moldura sem deixar claro em qual ambiente o vaqueiro foi retratado.

Ao nos determos na legenda da imagem, compreendemos que o sentido da inserção da imagem no álbum do centenário tem a função de mostrar ao público receptor do álbum a transformação que a cidade alcançou em cem anos, deixando implícito que o progresso chegou à cidade de forma intensa.

A legenda, implicitamente, passa a ideia que Sobral é um espaço urbanizado e moderno, que superou a fase agrícola, e se destaca em meio a “Ribeira do Acaraú”. Esta ideia está inserida na afirmação da legenda de que “ainda hoje existem famosos exemplares na Ribeira do Acaraú”. Se pensarmos que a legenda omite o nome de Sobral, é possível compreender que os idealizadores da cidade, não reconheciam mais a cidade como um espaço “rural”.

Aplicando a discussão de Certau sobre espaço como prática de seus produtores, entendemos a idealização de Sobral como espaço progressista que superou as bases da sua constituição e inseriu-se no progresso urbanista em voga no Brasil, desde fins do século XIX; sendo necessário destacar as origens da constituição da cidade, para assim instituir a idéia de tradição na população.

É importante salientar que a economia de Sobral sofria diversas transformações, devido à constante ocorrência de secas, algumas delas trazendo calamidades irreversíveis para os fazendeiros e à população de forma geral. A partir da criação do gado, iniciou-se a realização de um precário comércio, praticado especialmente pelos vaqueiros que, em meio a suas andanças com o gado, traziam mercadorias de outras regiões a serem negociadas na ainda vila¹¹³, o que gerou o cerne do desenvolvimento comercial em Sobral, que nas décadas

¹¹³ A antiga fazenda de Caiçara, no ano de 1773, recebe o título de Vila Distinta e Real de Sobral, sendo no ano de 1841, elevada a categoria de cidade, recebendo primeiro o nome de “Fidelíssima Cidade do Acaraú”, sendo mudado para Sobral no ano de 1842 a pedido do povo de Sobral. VER: ARAÚJO, F. Sadoc de. **Raízes portuguesas do vale do Acaraú**. Sobral: Gráfica Editorial Cearense Ltda., 1ª Ed., 1991, v.2, p. 30

seguintes ampliou-se incentivados especialmente pela plantação e exportação de algodão para o exterior.

Com o intuito de incutir a ideia de superação tanto das adversidades climáticas como econômicas, o álbum traz como primeira parte “O Antigo”, que apresenta imagens que remontam as bases da transformação da cidade, ou seja, a pecuária representada pela casa da fazenda e do vaqueiro, complementadas com outras duas imagens que apresentam a cidade inundada pelas chuvas, nas fotos do ano de 1924.

Na segunda década do século XX, a cidade já apresenta uma estrutura urbana definida, com a existência de prédios e sobrados, ruas largas e espaçosas, denotando a existência de uma ordenação, ainda que precária, já que as ruas eram tomadas pelas águas do Rio Acaraú, quando o período das chuvas era intenso.

Se nos detivermos na análise minuciosa dos prédios representados nas duas fotografias, iremos perceber que os mesmos apresentam um estilo que segundo Liberal de Castro¹¹⁴, ao discutir a influência da missão francesa oficial no Brasil, propõe uma reformulação da arquitetura inspirando as construções no estilo Greco-romano. Segundo o autor, essa inspiração em Sobral se deu como uma “aparência híbrida”, justificada e aceita por se levar em conta o clima, sendo devido a este as construções adaptadas de forma a melhor aproveitarem a ventilação, ao mesmo tempo em que deveriam preparar-se para o período invernos. Além destes fatores, as modificações feitas no modelo Greco- romano são justificadas por ser Sobral uma “área isolada” .

¹¹⁴ CASTRO, Liberal de. **Pequena informação relativa à arquitetura antiga no Ceará**. 2. ed. Fortaleza: Imprensa Universitária da UFC, 1977, p.62.



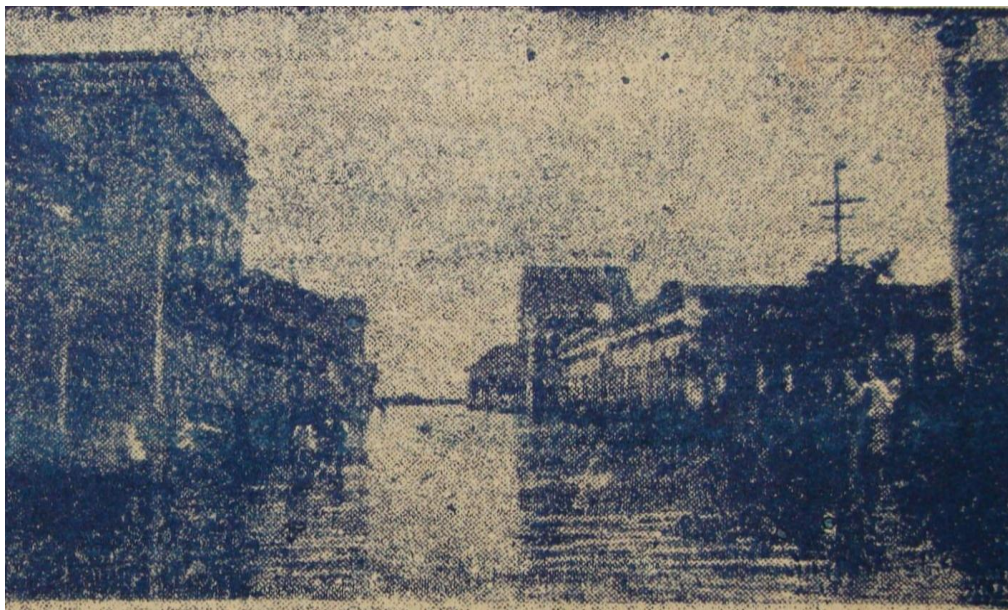
1924 – O Acaraú domina a cidade. Um trecho da rua Senador Paula.

A primeira imagem revela um sentido de registro do evento, a enchente, pois não tem um foco definido, pois os prédios são pano de fundo e as pessoas não são fixadas de modo a destacá-las. A legenda da fotografia revela que o espaço representado é o antigo mercado municipal, que ficava no centro da cidade. No entanto, se nos determos na informação da legenda, poderemos notar que o mercado, no ano de 1941, já não se encontrava mais localizado na Rua Senador Paula. Analisando as justificativas para a transferência do mercado podemos perceber que o intuito era “produzir” espaços de embelezamento no centro da cidade.

É sabido que o mercado representa uma parte importante da constituição da cidade. No entanto também sabemos que, no século XX, passa-se a viver sobre o discurso urbanista da higienização e embelezamento da cidade, segundo registros de Dom José:

O prefeito Municipal, Vicente Antenor Ferreira Gomes , querendo embelezar a atual praça Barão do rio Branco, resolveu demolir o antigo mercado Público, e construir outro no subúrbio do Junco, encontrando por parte de quase todos os negociantes, que tinham seus estabelecimentos em redor do velho prédio, a maior oposição.¹¹⁵

¹¹⁵ FROTA, **Op. Cit.** p. 458.



1924- Novos flagrantes da inundação do Acaraú. Um trecho da rua Deocleciano.

A construção do novo mercado, mesmo sob reações de comerciantes ali estabelecidos, tinha um interesse maior para o prefeito, que pretendia realizar melhoramentos na cidade, afim de que essas reformas“ e outros melhoramentos fossem observados por ocasião da passagem do 1º centenário da cidade.”¹¹⁶

O desejo dos governantes de “reorganizarem” a cidade para que ela fosse notada em suas transformações e desenvolvimento urbano e cuidados com a saúde e higiene, traz inconsciente a construção de uma representação sobre a cidade, representação que deveria ser assimilada pelos habitantes da Sobral e apareceria durante as comemorações como símbolo da modernidade e progresso material da população.

Esse desejo de mostrar nas festas do 1º centenário de Sobral uma cidade repleta de melhoramentos urbanísticos é colocado em prática com o álbum do centenário, em que encontramos o conjunto de fotografias acima.

O significativo nome da primeira parte do álbum “O Antigo” revela o sentido do seu produtor de realizar uma analogia entre o passado da cidade e seu presente, constituindo uma representação da cidade como símbolo de desenvolvimento e transformação; não apenas

¹¹⁶ Frota, **Op. Cit.** p. 459.

econômica como pretende mostrar com a presença das duas fotos iniciais, a casa da fazenda e o vaqueiro, mas também com as legendas que acompanham as fotos e referem-se a elas como símbolos do passado de Sobral. Assim como as fotos que apresentam as ruas da cidade alagadas pela chuva, mas que já trazem visível o desenvolvimento arquitetônico da cidade, simbolizando problemas urbanos do passado, já que o autor simbolicamente inclui nas legendas as datas das enchentes, e estrategicamente na parte intitulada “O antigo”, representando problemas já superados que seriam “constatados” pelos receptores do álbum nas partes seguintes, quando Sobral passava a ser mostrada com suas transformações que em nada assemelham-se com as da primeira parte.

2.4 – A cidade “Revelada”: espaços públicos e poder público no centenário.

“O importante não é a casa onde moramos.
Mas onde, em nós, a casa mora.”¹¹⁷

As cidades fascinam, sobretudo quando no século XX, passam a significar “o moderno”, “o novo” e instituem-se como o espaço do urbano afluindo na sociedade o desejo de ser cidadão, desejo que vem presentificar-se através da construção de representações sobre a cidade que era consumida, praticada, vivenciada e até silenciada. Certo é que a cidade é espaço concreto da realização dos desejos do homem, onde ele vai moldando-a e transformando-a conforme suas aspirações.

A cidade, então, mostra-se para o homem como espaço concreto de seus anseios, cada um, imaginária ou concretamente, vai representando-a a partir de seus usos. Assim, cotidianamente vão surgindo novas cidades e outras tantas vão desaparecendo, mas muitas delas nunca saem do imaginário de seus idealizadores, outras ganham forma e sentido ao tornarem-se “reveladas” pelas letras, imagens, melodias, “Estórias” e até mesmo pela

¹¹⁷ COUTO, Mia. **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra**. São Paulo: Companhia das letras, 2003. p.54.

transformação urbanística que sofrem. A única coisa que não se altera nesse processo de representação é o sentido da cidade, espaço de práticas e ações do homem.

Em fins da década de trinta do século passado, Sobral começa a ser pensada por seus “ordenadores” como espaço de reformas estruturais a serem divulgadas nas festas de comemoração de seu primeiro centenário. As reformas propostas pelo prefeito da cidade, Cel. Vicente Antenor Ferreira Gomes, iniciaram-se com a inauguração do novo mercado. Como vimos anteriormente, nessa ocasião foram divulgadas as obras e reformas que deveriam ser realizadas em Sobral e que constaram na ata da sessão de inauguração do Novo Mercado Público:

Disse por fim, o orador oficial, que o atual prefeito pretende construir para aparecer como melhoramento de sua gestão, no corrente ano, a Avenida dr. Getúlio Vargas, á Praça da Independência; reconstruir a Praça Senador Figueira; construir uma outra Praça embelezando e arborizando a frente da Santa Casa de Misericórdia- calçar a Praça Barão de Sobral – e outros melhoramentos para serem observados por ocasião da passagem do 1º centenário da cidade. Disse ainda das probabilidades bastante diminutas com que conta o Prefeito para fazer vultosos benefícios, que somente uma administração profícua, criteriosa e, sobretudo honesta, poderia levar a efeito (...) ¹¹⁸

Pelo discurso acima fica claro o sentido das reformas que a gestão pública pretendia realizar na cidade, ou seja, construir uma cidade “ideal” que estivesse em acordo com as modificações urbanas e arquitetônicas, que eram divulgadas como ideais de progresso e transformação urbana. Para atingir seus objetivos os administradores da cidade realizavam ampla campanha de modernização da cidade, através da construção de representações sobre os espaços transformados ou “melhorados”.

Se nos detivermos nas propostas realizadas pelo Prefeito, iremos logo perceber como essas reformas pretendiam trazer para Sobral uma representação de importância e destaque entre as cidades cearenses. O sentido desta construção de representações e significados aparece nas sugestivas denominações que propõe para as obras, Av. Getúlio

¹¹⁸ FROTA. **Op. Cit.**, p. 459.

Vargas e Praça da Independência, ambas as nomenclaturas sugerem a pretensão de uma inserção da cidade nos acontecimentos e destaques da vida nacional.

A associação de nomenclatura de pessoas ilustres aos monumentos da cidade era uma constante na cidade. Exemplo dessas ações é a Praça Senador Figueira, a qual estava incluída dentre os itens a serem “melhorados” pelo Prefeito. A construção da Praça ocorreu ainda no ano de 1869, com o nome de Praça da Fortaleza, nome que foi substituído em 1869, a partir de doação feita pelo Senador com fins, segundo o próprio de “Desejando concorrer quanto couber em minhas forças para o progresso dessa cidade, onde tive – a felicidade de nascer, e onde conto grande parte de meos parentes e amigos (...)”¹¹⁹.

A câmara para justificar a mudança do nome da Praça responderia ao Senador e aos habitantes da cidade com ofício, em que justifica o uso da quantia doada pelo Senador e a homenagem que pretende fazer ao mesmo, dando o seu nome à praça. A homenagem foi justificada pelo fato de ter sido o benemérito “um dos sobralenses mais distintos e que mais honraram a terra natal.”¹²⁰

O desejo de ser reconhecida por sua modernidade e desenvolvimento, levava Sobral a ser alvo de constantes reformas e modificações no espaço público. Essas estratégias conseguiam alcançar os anseios de seus produtores, afinal a cidade era alvo constante de notas em jornais da Capital ou mesmo citada por visitantes que levavam a representação que os administradores públicos queriam propagar. Segundo descrição de Antonio Bezerra, ainda em 1884, quando visita à cidade, descreve a impressão que levou:

A Praça Figueira de Melo, circundada de magníficos prédios, por três faces (...) Não tem rival na cidade de Fortaleza ... é notável o asseio das ruas e praças, de onde

¹¹⁹ Transcrição da carta enviada ao Presidente e aos vereadores da Câmara municipal de Sobral pelo Senador Figueira de Melo, em maio de 1863. Ver: FROTA, **Op. Cit.** p, 453.

¹²⁰ Ibid. **Idem**, p, 453.

se conclui que a Câmara Municipal cuida seriamente do bem estar da localidade(...) ¹²¹

A propagação do imaginário de Sobral, como espaço moderno e adaptado às ideias de urbanização, tonara-se comum ainda no século XIX, tendo continuidade no século XX. Acreditamos que essa preocupação com a construção de cidade ideal tenha eco a partir da rivalidade que a cidade mantinha com a Capital. Por outro lado, olhando as áreas da cidade afastadas do centro, encontramos no jornal *Correio da Semana* denúncias de desalinhamento urbano, escassez de serviços básicos de higiene e de fornecimento de transporte e eletricidade. Como aparece em nota intitulada de “Importante Missiva”, em que o autor que assina como “Um leitor”, realiza uma crítica ao preço da carne comparando-o com o valor da carne em Fortaleza.

(...) nada mais razoável que ordenar o nosso operoso prefeito o tabelamento dos gêneros alimentícios, começando pela carne verde.
Em Sobral se está comendo muito mais caro do que em Fortaleza. É irrefutável esta verdade ¹²².

Percebemos a existência de uma concorrência entre Sobral e a Capital, disputa alimentada pelos produtores do espaço e pela população que absorve a ideologia de cidade progressista e desenvolvida. Essa ideologia enraizou-se principalmente através do poder que a construção de representações sobre a cidade exercia sobre os consumidores da cidade, seja através dos discursos do jornal, do sermão ou mesmo da construção de espaços de tradição.

A prática de nomear os monumentos da cidade com referências a acontecimentos da vida nacional ou pessoas ilustres era/é fato corriqueiro na cidade já que tanto ruas como monumentos constantemente tinham suas denominações alteradas. Pensamos ser esta troca constante de nomenclatura, uma forma de “re”construir espaços da cidade

¹²¹ BEZERRA, *Op. cit*, p.225.

¹²² BPMP – *Correio da Semana*, 26 abr. 1940, p.1.

dando-lhes novos sentidos de representação, que seriam absorvidos pela população de forma própria a cada setor da população.

A ideia de “melhorar” a cidade para as comemorações do primeiro centenário foram amplamente utilizadas pelo jornalista Craveiro Filho, que fazendo uso dos espaços transformados irá usá-los como referência da cidade na organização do álbum do centenário.

Analisando o discurso do então Prefeito Cel. Antenor Ferreira Gomes, percebemos que as obras, por ele construídas e “melhoradas”, são as mesmas que aparecem fixadas em fotografias no álbum organizado pelo jornalista, na parte intitulada de “O Presente”.

Essa parte do álbum tem um claro sentido de representação e divulgação do progresso da cidade, tanto é que as fotografias nele presentes trazem como objeto central monumentos urbanos que dividimos em categorias a serem pensadas em conjunto e isoladamente, afinal segundo Kossoy, “As fotografias, como todos os documentos, monumentos e objetos produzidos pelo homem, têm atrás de si uma história”¹²³.

A primeira categoria que iremos analisar é a de prédios públicos, na qual aparecem a Santa Casa de Sobral e o Pallace Club, onde funcionava o Grêmio Recreativo de Sobral.

É conhecido o gosto do povo sobralense pelo embelezamento e exaltação da cidade, que normalmente se realizava pela construção de obras de grande porte, tentando ao máximo destacar-se não apenas no Estado, como também no país. Neste sentido a construção do prédio do Pallace Club surge como influência da Capital Fortaleza, que no início da década de XX, passa a adotar a “art déco” que irá formar na capital um conjunto arquitetônico homogêneo e harmonioso.

¹²³ KOSSOY, Op. Cit, p, 74.

Sobral, tentando se adaptar as transformações arquitetônicas, reelaboraria o código de posturas da cidade, adotando parte significativa da legislação urbanística de Fortaleza e construindo prédios que seguiam a linha arquitetônica em voga na Capital. Nesse sentido surgia a construção do Pallace Club assim como de alguns outros prédios instalados nas imediações do Clube.



Pallace Club

Analisando a fotografia, podemos perceber o destaque que é dado à arquitetura do Prédio, infere-se que a foto não foi realizada como uma casualidade e sim como produto de uma representação a ser feita sobre o espaço. O prédio situa-se na parte central da cidade, próximo ao mercado e com casas comerciais ativas nas imediações, o que nos leva a saber que o fluxo de pedestres em pontos comerciais era intenso. No entanto, na caracterização da imagem não se percebe a existência de transeuntes, portanto, a fotografia partiu do interesse particular de mostrar o prédio como sinônimo de modernização do estilo arquitetônico local.

O prédio funcionava como a sede do Grêmio Recreativo Sobralense, espaço de danças e apresentações musicais dos membros do Partido Liberal. O mesmo funcionara em locais diferentes, quando em 1926 foi contruída a nova sede, já em estilo “neoclássico”. A imagem dá visibilidade às fachadas do prédio, assim como o Pallace Club. Muitos outros

prédios tanto residenciais como comerciais foram adotando este estilo arquitetônico e de forma geral contruindo o imaginário de Sobral como espaço modernizado e em ativa consonância com as transformações da capital e Europeias.

Se nos detivermos na legenda que o álbum traz logo abaixo da fotografia, iremos perceber o destaque que é dado ao prédio: “Palacete majestoso, próprio, construído para o Grêmio Recreativo Sobralense, a maior organização recreativa do Norte do Ceará.”

A legenda sugere o valor que é dado a ele pelo povo sobralense, denota também a sua importância para a cidade e para a região, pois é classificado como o maior da região norte. No entanto, o que não explicita em informações é que lá freqüentavam, apenas, os membros do Partido Liberal e alguns poucos participantes da elite local, sendo este espaço, proibido para aqueles que não estavam associados à classe alta da população, “Os Brancos”¹²⁴. Essa era a caracterização dada a essa elite pela população trabalhadora, segundo depoimento do senhor Antônio Torres.

Tinha aqui os lugar que a gente podia ir e os que não podia ir, as vez a gente ia e ficava do lado de fora, oiando, cunversano, vendo as música mas sempre tinha os guarda que ficava nus oiando pra mode a gente num chegar perto, eu num gostava de ir não...¹²⁵

A fala de senhor Antônio Torres deixa perceptível o uso dos espaços em Sobral. Um uso que era feito pela população excluída, que não podia freqüentar alguns espaços e devido a isso chegava a intitular estes espaços de o” lugar dos Brancos”. No entanto, se não podiam usá-los como os brancos faziam, os pobres praticavam a forma de uso como podiam sobre aquele espaço, ou seja, mesmo que não pudessem estar inseridos naquele ambiente, se

¹²⁴ Denominação dada pelo Senhor Antonio Torres, ao referir-se aos espaços onde os trabalhadores das classes baixas não podiam adentrar. Segundo o mesmo, brancos não era referência de cor e sim uma denominação criadas pelos trabalhadores para os membros da elite local. Entrevista realizada no dia 06 de outubro de 2009.

¹²⁵ Antonio Torres, carpinteiro, 96 anos. Entrevista realizada em outubro de 2009, Sobral.

apropriavam dos arredores onde ficavam a divertir-se, fosse conversando ou apenas observando os freqüentadores.

Era comum nos jornais algumas notas que reprimiam a diversão popular, pois normalmente era associada a desregramento e falta de ordem pública, como na matéria intitulada “Uma afronta a sociedade”, em que há uma crítica à instalação de um baile dançante nos subúrbios de Sobral, para isso chega a questionar a modernidade da cidade, alegando ser um ataque aos costumes citadinos. A nota apresenta a reprovação das formas de lazer, adotadas pela população, que estava “proibida” de participar dos bailes dançantes no Pallace Club.

Ficamos estupefatos ao passar a praça Barão do Rio Branco, ouvimos um reclamo e um convite para a festa de inauguração de um salão dançante na zona do meretrício. É estranhável que numa cidade que tem foros de civilizada, se ouça um tal reclame que constitui um insulto à moral e afronta a sociedade. O que dirão nossos visitantes que tal fato observarem? (...) apelamos também para as autoridades no sentido de coibir tamanha liberdade com ofensa aos costumes e à moral.¹²⁶

A cidade cobrava foros de moral e respeito aos costumes, no entanto não permitia, ou melhor, reprimia as formas de diversão popular. A utilização dos espaços de lazer da cidade eram restritos aos “chics”¹²⁷ da sociedade, não tendo o povo acesso a eles. Não havia proibições oficializadas, embora através dos gestos e até mesmo da tradição de que se revestiam esses espaços, a maior parte do povo, trabalhadores, procurava outras formas de diversão, como nos apresenta a fala de Antonio Torres:

Você quer mesmo saber o que eu fazia pra se divertir? Posso falar? A gente ia pros cabaré! (risos). Mais olha, eu num sabia dançar não, só ia mesmo pra beber e ficar papeando ouvindo as musicas que si tocava lá! Depois, um amigo meu me ensinou como era que se dançava, ai eu aprendi e ia também pra dançar, mas era só isso que tinha mesmo pra si fazer!¹²⁸

¹²⁶ BPMP: **Correio da Semana**, 28 set. 1946, p.2.

¹²⁷ Nome dado a população que freqüentava a Praça Barão de Sobral, por João da Rua, em artigo publicado no jornal **Correio da Semana**, 24 jan. 1945, p.1.

¹²⁸ Antonio Torres, carpinteiro, 96 anos. Entrevista realizada em outubro de 2009, Sobral.

Não apenas o Pallace, mas grande parte dos espaços da cidade eram espaços de uso da elite da cidade, sendo a vida social realizada de forma diversa pelas classes sociais da cidade. Cada uma praticava a cidade de forma particular, reunido em seus grupos. A existência dessas práticas sociais era noticiada também pelos jornais, como em uma coluna chamada “Sobral e suas possibilidades”, que descreve a vida social na cidade:

A vida social se manifesta elegante e primorosa, quando das suas festas realizadas nos artísticos salões do Pallace Club, onde se ostentam luxuosos trajes e se estreitam os vínculos da solidariedade que contra distingue os sobralenses, por isso chamados de bairristas(...) ¹²⁹

A vida social defendida pelo jornal estava diretamente ligada a uma determinada classe e excluía a maior parte da sociedade, ou seja, a classe que não freqüentava os “artísticos salões” sobralenses e que não tinha como ostentar “luxuosos trajes”. Não cabia à cidade ou aos jornais preocupar-se organizar as formas de lazer dessa parcela da sociedade, e também ela não fazia parte da “cidade” a ser divulgada pelos ordenadores da cidade, a não ser quando eles quebravam as regras da “moral e dos bons costumes”.

O desejo de reconhecimento de Sobral, como cidade moderna e destaque no Estado, fez com que o Bispo Dom José, apoiado pelo poder público e mais ainda pela ajuda dos fiéis da igreja, desse a Sobral um ar renovado não apenas no que concerne aos embelezamentos realizados na cidade, durante o período em que esteve à frente da Diocese, mas também em serviços voltados para a área social, como foi o caso da construção da Santa Casa de Misericórdia de Sobral, do Abrigo Coração de Jesus, do Seminário São José, dentre tantas outras obras que realizou durante sua permanência como Bispo em Sobral.

Devido a suas ações, que muitos chamam de empreendedorismo e até comparam sua personalidade com a dos coronéis da época, Dom José perpetuou seu nome

¹²⁹ BPMP- **Correio da Semana**, 06 agos. 1943, p.1.

como grande transformador de Sobral, chegando por isso em diversas vezes a ter maior destaque que os próprios administradores públicos.

Uma de suas grandes obras foi a construção da Santa Casa de Misericórdia de Sobral, inaugurada em 1925, que iria atender aos doentes e necessitados da região. A foto aparece no álbum em posição de destaque, centralizada no meio da página, o enquadramento da fotografia ressalta o tamanho do prédio e apresenta o espaço a sua frente, já que o enquadramento não compreende o prédio inteiro.

O fotógrafo priorizou a valorização das dimensões da obra, não dando grande destaque à sua arquitetura, imersa por entre as árvores, que compunham o espaço ao redor do prédio. O fato de não receber grande destaque pelo fotógrafo é por nós compreendido como forma de associar a importância da Santa Casa para a cidade com sua dimensão física. A foto difere das outras existentes no álbum, que privilegiavam os detalhes das construções, ressaltando arquitetura e estilo, enquanto essa é a única que se mostra afastada do objeto a ser fixado, colocando em segundo plano a arquitetura.

O sentido de representação da imagem é explícito na legenda que acompanha a própria no álbum, “Obra ciclópica, de grande vulto material e de imensas finalidades caritativas, construída pela vontade invencível de seu fundador: Dom José Tupinambá da Frota”. A imagem é caracterizada pelo produtor do álbum como ciclópica, apresentando bem o sentido que o enquadramento dá sobre o prédio retratado, além do que a presença dessa imagem no álbum faz referência ao seu idealizador e fundador, Dom José, tendo, pois, esta imagem um duplo sentido: o de representar os espaços da cidade e de exaltar seu benfeitor.



Santa Casa de Misericórdia de Sobral

Dentre os grandes destaques dados pelo álbum, em sua segunda parte, aparece também a Fábrica de Tecidos Sobral, pertencente à firma Ernesto Saboya e Cia, indicando a existência de um setor industrial, na cidade.

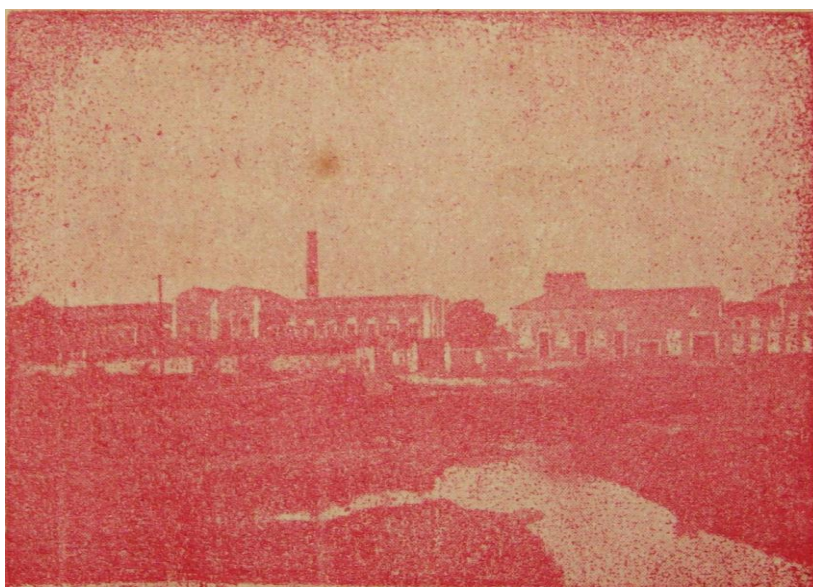
A industrialização no Brasil é incentivada a partir do início do século XX, quando em São Paulo instala-se a montadora de automóveis Ford, logo depois se instala a General Motors. No Ceará também se inicia a atividade industrial tendo destaque a partir da instalação de indústrias têxteis, além destas também serão instaladas as indústrias de óleos, medicamentos, eletricidade, dentre outras.

A produção de algodão no Ceará incentiva a instalação de fábricas têxteis. Nesse sentido Sobral realiza a exportação de algodão. Devido ao excedente da produção, surgem as primeiras fábricas, tendo destaque a Fábrica de Tecidos “Sobral”, a qual é acompanhada da instalação de outras fábricas, como a Companhia Industrial de Algodão e Óleos S/A (CIDAIO), e a Companhia de Luz e Força de Sobral.

A partir da instalação das primeiras indústrias, houve um grande investimento por parte dos proprietários destas indústrias no desenvolvimento urbano da cidade. Esse investimento pode ser por nós compreendido como desejo de uma elite destacar-se na cidade.

A instalação da fábrica de tecidos ocorre ainda em 1925. No entanto é no século XX que foi construída a primeira vila operária de Sobral, com características da arquitetura do passado: casas repartidas e com canalização de água, diferentemente da estrutura arquitetônica da Fábrica de Tecidos Sobral, que construiu sua expansão em estilo *art nouveau*, como era moda na Capital e em algumas partes da cidade de Sobral.

A fotografia da Fábrica de tecidos é compreendida no álbum como símbolo da modernização e desenvolvimento industrial. A fábrica, além de grandes instalações, também apresentava a vila industrial. A fotografia presente no álbum enquadra a fábrica ao longe. No entanto, por ser o espaço ao redor composto apenas da vegetação local, compreendemos que o sentido era representar a fábrica no seu todo, em estrutura e dimensão espacial.



Fábrica de tecidos “Sobral”

A legenda que acompanha a fotografia no álbum apresenta a fábrica como o orgulho da indústria sobralense. Esse orgulho ocorre por ter sido ela responsável pela expansão da cidade, já iniciada por Dom José que construiu a Santa Casa nas extremidades da cidade, próximo aos trilhos do trem.

Com a construção da vila operária, pela fábrica que foi ampliada até à Praça da Santa Casa, tornando o espaço próximo do trilho habitado e com possibilidades de desenvolvimento urbano, já que nos conjuntos habitacionais viviam famílias que faziam usos

do espaço e favoreciam seu desenvolvimento, pois a existência da vila carecia também de um maior cuidado por parte do poder público, comprometido a dotá-lo de condições higiênicas e urbanas.

2.5 – Lugares de passagem e do “desejado” progresso.

Porque é vasta e empolgante a contribuição de Sobral, sob todos os aspectos, ao conjunto das conquistas e das vitórias do povo alencarino. Essa constatação avulta de importância para mim, pelo interesse histórico que encerra. Pelo que ouvi desse velho e bondoso sábio que é o nosso Monsenhor Linhares, Sobral tem uma origem pernambucana. Constitui desse modo, a antiga comuna poderoso traço de união entre as duas províncias que sempre viveram unidas em função da grandeza nacional.¹³⁰

A estruturação do espaço urbano constituiu-se, desde a época medieval, de forma a facilitar o uso pela população. Portanto, as ruas da cidade foram desenvolvidas para facilitar a circulação da população e o desenvolvimento econômico. Segundo Mumford; “a rua larga ou avenida larga era estimada como símbolo de progresso”¹³¹, a ampliação dos espaços de passagem eram símbolo das transformações econômicas, compreendidas como tráfego livre, comércio e valorização espacial.

Barros, por sua vez, compreende as transformações urbanísticas, como consequência da “delimitação entre espaço público e espaço privado”¹³². Essa delimitação das relações público/privado, teria atribuído novos sentidos ao espaço público, gerando as transformações das ruas e avenidas que iam “gradualmente se redefinindo como vias de passagem de pedestres e veículos”, e que atendiam as necessidades impostas pela modernização e transformação.

¹³⁰ BPMP – **Correio da Semana**, 24 jan. 1941, p.1.

¹³¹ MUMFORD, Lewis. **A cidade na história**: suas origens, transformações e perspectivas. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991, p.77.

¹³² BARROS, José D’Assunção. **Cidade e história**. Petrópolis, RJ: vozes, 2007, p.77.

Em Sobral, a modernização das avenidas e das ruas do Centro da cidade, assumem as características explicitadas por Mumford, ruas largas, calçadas e com a construção de meio fio, ressaltando que as vias que assumiam estas transformações estavam situadas no centro da cidade, espaço das transações econômicas e sociais.

O sentido da importância de Sobral encontra-se enraizado na população mesmo naquela que não usufrui de todo seu progresso e desenvolvimento. A cidade é exaltada pelos jornais e por seus ordenadores. Em Sobral, nota-se desde seus primórdios uma preocupação com o embelezamento da cidade. No álbum o centenário é nítida uma preocupação com fotografias das ruas e principais praças da cidade, demonstrando a preocupação com a modernização dos espaços urbanos.



Trecho da Rua Senador Paula.

Entre as imagens do álbum aparecem três fotografias de ruas e praças. As fotografias das ruas da cidade aparecem como representação da estrutura urbana já calçada e de acordo com o código de posturas vigente na época, ou seja, ruas arborizadas, pavimentação regular de passeios, utilização de ladrilhos no calçamento das ruas, além de regras de construção das

casas. Dentre essas regras, no centro da cidade, deveriam ser respeitados a altura mínima das soleiras, altura e largura mínima das portas e janelas, assim como a elevação da soleira entre a calçada e o passeio.



Trecho da Rua Senador Paula – Em Reforma, 1932

As duas fotografias que representam a rua Senador Paula mostram ângulos diferentes. No entanto, representam as adaptações das mesmas às regras do código de postura e à adaptação das transformações sugeridas pelas casas.

Segundo Rocha, o código de postura da década de 30 de Sobral já apresentava uma preocupação com a paisagem urbana, tentando aplicar uma conformidade no conjunto das construções e reformas a serem realizadas.

As duas fotografias representam o mesmo espaço, no entanto, a primeira apresenta a rua antes da reforma realizada pelo prefeito Tenente Floriano, no ano de 1932; já a segunda apresenta-se com as modificações realizadas. Observando ambas, podemos notar

que a primeira apresenta um enquadramento geral da rua, destacando a largura da avenida e a arborização através de passeios.

Na segunda, o fotógrafo centraliza a imagem da rua como ponto a ser visto e exalta a existência de árvores e da construção do passeio seguindo as regras de dimensionamento estabelecidas pelo código de trinta.

A representação dos dois ângulos da rua não apresenta problemas estruturais como sujeira, lamaçal ou mesmo lixo. A ideia que se constrói a partir da observação das imagens é de ruas limpas e arborizadas, assim como de construções planejadas. No entanto, observando as notícias veiculadas no jornal *Correio da Semana*, percebemos a existência constante de denúncias de problemas estruturais nas ruas de Sobral.

Quem passar pela antiga rua dos cocos, hoje, cel. Diogo Gomes, verá o amontoado de lixo ali existente. Fica precisamente nos fundos da Igreja São Francisco. Da galinha podre a toda sorte de imundice ali se encontra (...) Estamos malhando em ferro frio, mas estamos cumprindo nosso dever.¹³³

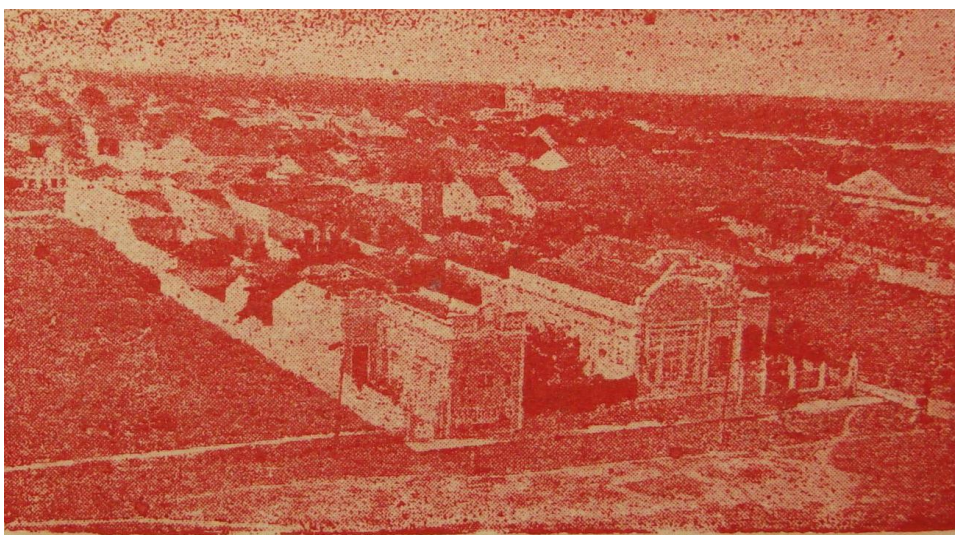
A notícia, acima veiculada na coluna “Queixas do povo”, denuncia a discordância que existe entre as representações feitas sobre a cidade e sobre a realidade existente nas ruas que se encontram afastadas do centro da cidade, ou seja, Sobral era uma cidade que se fazia percebida pelos seus cidadãos como um acontecimento único. No entanto, o povo trabalhava para manter a aura de orgulho que a cidade construía em cima de uma imagem a ser fixada no imaginário.

A existência de uma estrutura arquitetônica desenvolvida era consonante com a aura de progresso e do passado de tradição que a cidade queria instituir, através da veiculação de fotografias em que se destacavam os casarões, associados ao nome de seus proprietários, compreendemos que esta era também uma forma de chamar a atenção para a importância de seus habitantes e do destaque que estes obtinham na sociedade.

¹³³ BPMP – *Correio da Semana*, 19 set. 1944, p.2.

Lembremos que a casa, no século XX, representava poder tanto econômico quanto social, e que o destaque que esses casarões tinham na cidade era também símbolo do desenvolvimento social e econômico da cidade. O álbum traz representadas duas imagens de residências da primeira metade do século XX, em uma das fotografias aparece uma vista aérea do casario que na legenda é chamado de palacete, logo concluímos o sentido que a legenda atribui a seu proprietário. Ainda sobre a imagem que prioriza a visualização do ângulo aéreo do casario, acreditamos ser esta uma estratégia de mostrar a sua extensão e a opulência dessas residências.

Ainda sobre esta imagem queremos destacar seu enquadramento, apesar de mostrar as dimensões físicas da residência, também destaca seu entorno onde podemos ver a existência de rua ampla e calçada, apesar de a sua direita não haver construção. Percebemos a existência de uma incipiente arborização na rua, enquanto ao meio dos casarões percebemos a existência de um jardim, detalhes proclamados a partir da tendência arquitetônica em voga, ‘*art nouveau*’, que incentivava a existência de jardins e arborização das ruas. A imagem não apresenta a existência de casas de estrutura mais simples, nas proximidades.



Vista aérea dos Palacetes Residenciais

Ao contrário da segunda residência apresentada pelo álbum, em que a imagem tem como foco central a residência, ela tem em destaque, na legenda, o nome do seu proprietário, o organizador do álbum do centenário, e por consequência o instituidor destas

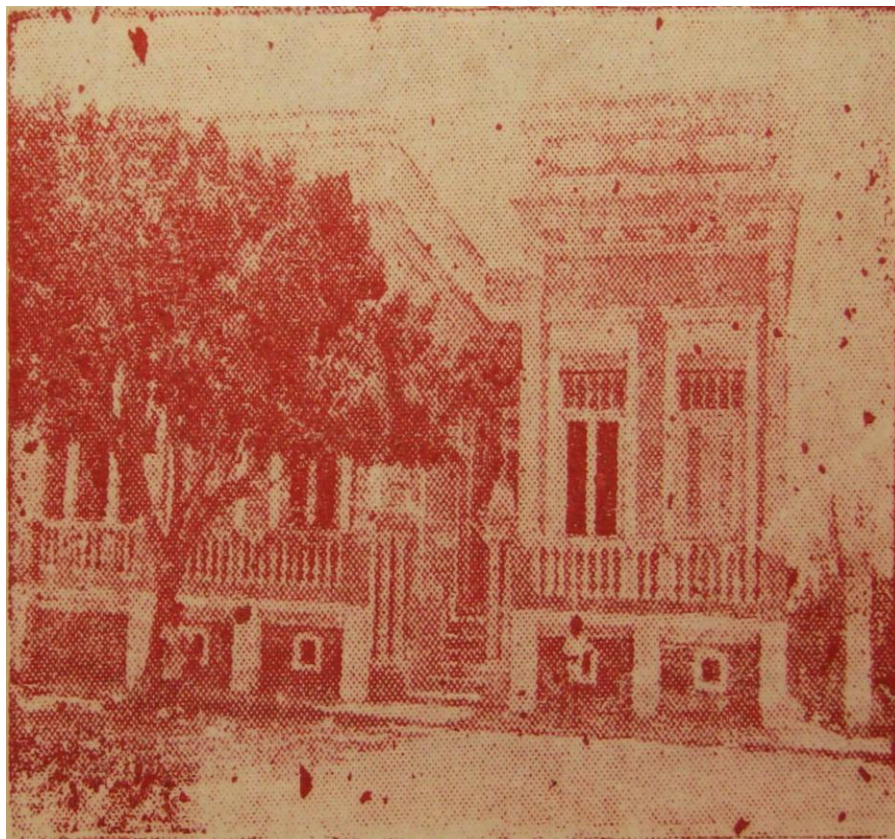
representações como memória. Isso nos leva a entender que a escolha da sua residência como espaço a constar no álbum é instituir-se como parte do passado da cidade, afinal “o elegante casario, os teatros dentre outras obras, são indicativos do nível cultural da classe dominante”¹³⁴.

A inserção da sua residência entre o casario do álbum assume o sentido de convenção da memória, isto é, ao tornar sua residência destaque, também está inserindo seu nome na memória da cidade. Afinal, para tornar um acontecimento memória social é necessário que seja “simplificada, porque para ser significativa em geral, e capaz de transmissão, a complexidade da imagem tem que ser tanto quanto possível reduzida”¹³⁵, portanto a escolha de sua residência simboliza a inscrição do seu nome na história da cidade, da mesma forma que destaca seu lugar na sociedade.

A observação da fotografia nos leva a ideia de que o fotógrafo tentou captá-la como um momento ocasional, com pessoas a frente da casa, nas janelas afim de destacá-la como espaço residencial e descontraído. Na imagem é perceptível o estilo arquitetônico que assume, ‘*art déco*’, o qual era uma influência da capital Fortaleza, além do que a existência do meio fio mostra que a urbanização estava ocorrendo na cidade, fazendo coro ao que orientava o código de posturas de trinta, que além do meio fio também incentivava o cultivo de árvores, afim de embelezar as avenidas e ruas.

¹³⁴ COSTA. **Op. cit.** p.84

¹³⁵ FRENTES. **Op. cit.** p.66.



Residência do Jornalista Craveiro Filho

Em matéria do jornal *Correio da Semana*, por diversas vezes encontram-se notas que destacam a urbanização e pavimentação das ruas, as quais elevam a cidade ao posto por ela cobiçado. Em artigo intitulado “Pela conservação dos edifícios antigos de Sobral”, discute-se as transformações e alterações que tem ocorrido nos prédios afim de acompanharem as modernizações da nova arquitetura e as propostas pelo código de trinta:

Quando o ano passado, passou por aqui o Sr. Chabloz, pintor e artista suíço, admirou as linhas arquitetônicas de vários sobrados da cidade, que classifica de muito belas, apesar de sua simplicidade encantadora. Entre nós surgiu a mania de platibandas ou para peitos nos velhos prédios e solares de estilo colonial, que em toda parte se conservem rigorosamente, sob pretexto de se evitarem goteiras, como se não houvesse outro meio para isso.¹³⁶

A arquitetura colonial dos sobrados e casarões eram signos da influência européia na cidade, motivo de orgulho e de desenvolvimento da cidade. A transformação da arquitetura sofria por diversas vezes acusações da população que entendia estas

¹³⁶ BPMP: *Correio da Semana*, 12 maio 1945, p. 2.

transformações como descaracterização de sua tradição, mesmo quando estas acompanhavam as mudanças propostas pela urbanização e modernização. O conjunto arquitetônico da cidade destacava-se aos olhos dos visitantes, isso aumentava a preocupação com a permanência do estilo, objeto de orgulho dos sobralenses. Nesse sentido compreende-se a exaltação destes espaços pelos jornais, mesmo quando estes não os pertenciam.

Ainda inserido no patrimônio arquitetônico da cidade, surge a catedral, símbolo maior da religiosidade e do desenvolvimento de Sobral, afinal foi em suas imediações que se iniciou a construção das primeiras casas e também do primeiro núcleo urbano da cidade.

A igreja assumia ainda um caráter lúdico para a cidade, ao reunir a população para as novenas e festas religiosas. Segundo Costa¹³⁷: “As procissões que antecediam à semana Santa e ao Corpus Christi eram especialmente elaboradas e tinham uma ligação indissolúvel com a cidade”, o que nos leva a pensar que igreja e cidade eram espaços interdependentes, já que não havia limites definidos para suas intervenções na cidade.



Catedral de Sobral

¹³⁷ COSTA. **Op. cit.** p.94.

Observando o ângulo escolhido para fixar a igreja, percebemos o destaque dado a extensão do edifício, da mesma forma que salienta a rua, a qual além de ampla, está calçada e já apresenta o meio fio. O frontispício tem influências do Barroco, ainda devemos destacar as torres, ressaltando que o fotógrafo não se preocupou com elas, pois uma das torres aparece superficialmente encoberta pelas árvores.

A antiga Igreja de Nossa Senhora da Conceição assistiu a transformação e o crescimento de Sobral. Símbolo maior da religiosidade dos sobralenses, essa Igreja passou por diversas reformas, a última realizada por Dom José, em ocasião das festas do primeiro Congresso Eucarístico. A importância da catedral para os sobralenses ultrapassa seu espaço físico e permeia o sensível, pois sendo o Bispo Dom José considerado como o grande modernizador da cidade, a igreja assumia a função de controle da vida da cidade e de seus habitantes.

Normalmente através do Correio da Semana, a igreja intervinha nos costumes e comportamento da população. Era comum a publicação de notas falando sobre incidentes ou mesmo comportamentos considerados inadequados no interior da igreja. Em uma destas se criticava as mulheres pelos trajes que freqüentavam a igreja : “Dizem as melindrosas de saias curtas e braços nus, quando se lhes adverte da obrigação de usarem vestes decentes na igreja- isso é só em Sobral!”¹³⁸, enquanto em uma outra a crítica se dirigia aos homens, que eram acusados de modernos, e concluem fazendo um comentário sobre as “saudades dos tempos em que a igreja tinha trajes adequados para os freqüentadores”, até mesmo sugere a existência de vigilância policial para controle do modo de vestir:

Antigamente não se via entre nós uma senhora tomar uma bebidazinha nos bares nem nos clubes dançantes, andar sem meias por toda parte (...) não se via um homem fazer visitas, ir a igreja e até tomar os sacramentos com qualquer traje, ou de qualquer maneira. Hoje se vê muito isso e muito mais do que isso, até aqui

¹³⁸ BPMP: **Correio da Semana**, 21 abr. 1945, p.2

mesmo em Sobral. (...) Antigamente já se foram os tempos em que a policia mandava que os camponeses se compusesse antes entrar na cidade.¹³⁹

A existência de um controle da Igreja sobre o social instituiu-se a partir da chegada de Dom José e das influências de sua educação romanizada. É contraditório pensar que o maior incentivador da modernização urbana também fosse o maior repressor sobre os comportamentos modernos. Na nota acima, essa repressão surge através de palavras como ‘antigamente’ que se contrapõe a ‘hoje’, numa exaltação a modernização através da fé, e manutenção dos antigos costumes. Segundo Santos¹⁴⁰: “Na escrita da cidade, a igreja é mostrada com orgulho por estar ligada a questões sociais, buscando seu controle nos ritos de batizados, casamentos, de tratamento de doenças. Pela reza e pela fé nos poderes de Deus.” Porém pensar sobre esse controle, é pensar em algo que foi construído através da instituição de uma igreja atuante nos meios sociais e grande responsável pela modernização e desenvolvimento de Sobral.

Enfim a igreja se instituiu como espaço de controle da cidade, não apenas religioso e social, mas também político, com a crescente representatividade do Bispo Dom José em assuntos de todas as ordens, todos justificados em favor da modernização de Sobral.

2.6 - Praça: usos e abusos do lazer

Sobral é uma cidade que sempre se orgulhou do desenvolvimento arquitetônico e do aspecto moderno que a cidade passava a seus observadores. Praças emergem durante a constituição das cidades no início, eram os espaços que ficava a frente das igrejas, locais de sociabilidades de onde irradiavam práticas sociais e culturais.

¹³⁹ BPMP: **Correio da Semana**, 10 fev. 1945, p. 2.

¹⁴⁰ VER: SANTOS. **Op. cit.**, p.52.

Em Sobral não havia de ser diferente, as praças simbolizavam o espaço do lazer e da diversão da sociedade sobralense, a preocupação quanto a manutenção destes espaços era uma constante na cidade.

Mumford, sobre o sentido de uso das praças, afirma que; “as praças atendiam a uma nova necessidade da classe superior, ou melhor, a toda uma série de necessidades.”¹⁴¹ Como espaço de sociabilidades, a praça assumia o sentido de espaço do silenciamento das tensões políticas, religiosas e sociais. Mas com o advento das transformações urbanas, elas ganharam novos significados, construídos pelos costumes modernos que instituíam-se no cotidiano da população e faziam com que as diferenças sociais fossem invisíveis.

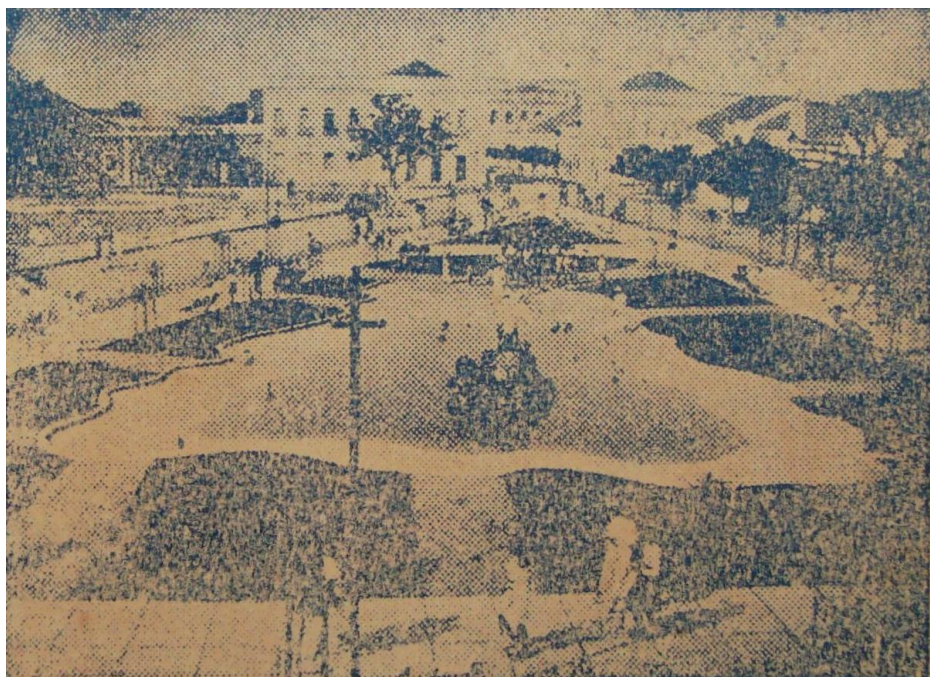
A Praça Barão de Sobral¹⁴² está situada no coração da cidade de Sobral, localizada a frente do Teatro São João¹⁴³. A praça foi construída em dois momentos, sendo a primeira ala construída do lado da Igreja do Menino Deus, porém como havia intenso movimento devido ao teatro, o poder público construiu uma outra ala que, “a elite elegeu-a como privativa, ficando a ala antiga destinada às classes menos favorecidas da sociedade¹⁴⁴”. Essa divisão, apesar de não ter sido oficializada através de documentos escritos, instituiu-se na memória da cidade e também na história.

¹⁴¹ MUMFORD, **Op. cit.**, p.429.

¹⁴² A Praça Barão de Sobral atualmente chama-se Praça São João, mantendo sua estrutura original desde sua criação.

¹⁴³ O Teatro São João foi construído no século XIX, por iniciativa da Sociedade Cultural União sobralense, com o intuito de trazer benefícios culturais a cidade. O teatro tem inspiração italiana e estilo neoclássico, fazendo parte da tríade Teatro Monumento juntamente com o teatro José de Alencar, em Fortaleza, e o Teatro da Ribeira dos Icós, em Icó. Sua inauguração foi em setembro de 1860.

¹⁴⁴ GIRÃO. **Op. cit.** p. 81.



Praça barão de Sobral

Pensando sobre o enquadramento que a imagem oferece da Praça, podemos perceber que o Teatro São João não aparece na imagem. Isso talvez seja ocasional porque em fins da década de trinta e início da década de quarenta o Teatro estivesse passando por uma crise de público e financeira¹⁴⁵. Outro ponto importante de perceber também é que a câmera centralizou o lado direito da Praça, ou seja, o lado que era frequentado ‘por direito pela elite’, o lado esquerdo aparece ao fundo, no entanto se olharmos minuciosamente iremos perceber que ele se encontra esvaziado de pessoas.

Pensando sobre a imagem que o fotógrafo quis destacar a partir da praça, podemos entendê-la como forma de fixar a diversão das classes sociais de Sobral. A foto, ao contrário da maioria veiculada no álbum, apresenta o espaço em plena movimentação, com pessoas a circular, dando o sentido de uso dos espaços urbanos.

¹⁴⁵ Na década de vinte do século XX, o Teatro entra em crises desencadeadas pela falta de público, isso leva a sua utilização como cinema, durante parte da década de trinta. Nos anos quarenta passa por uma nova crise financeira, sendo suas atividades quase totalmente paralisadas, até a década de setenta, quando é recuperado para as festas do bicentenário de Sobral.



Praça da Independência

Além da Praça Barão de Sobral, o álbum destaca também a Praça da Independência, localizada no centro da cidade onde ocorreram as festas do jubileu sacerdotal de Dom José. A denominação de "Independência" foi uma homenagem a festa realizada para a comemoração do centenário de independência do Brasil. Segundo Zuleica:

A praça era linda, tinha várias árvores e as boas famílias sempre iam para conversar enquanto as moças passeavam, eu ia muito com minhas amigas. Hoje é a Praça da Igreja São Francisco, mais mudou bastante! (...) ela foi construída pela sociedade sobralense(...) iniciativa particular sabe eles queriam desenvolver a vida social e cultural de Sobral(...) ¹⁴⁶

As lembranças de Dona Zuleica remetem aos momentos do lazer, quando ia à Praça com as amigas. Ela fala que o espaço foi construído por uma sociedade particular que, na sua fala, remete ao interesse de desenvolver a vida sócio-cultural dos sobralenses, com ações ligadas a construção de espaços de lazer. É interessante perceber que o lugar da narradora na cidade é o lugar daqueles que iam ao Pallace, que freqüentavam o lado direito da Praça São João.

O traçado urbano, apresentado no álbum, definia espaços de incluídos e excluídos socialmente. O que para nós não invalida seu uso na pesquisa, afinal pensando que

¹⁴⁶ Zuleica Viana, secretária. Entrevista realizada em setembro de 2008, Sobral.

a memória social se constitui como forma de conhecimento, que, de “modo inconsciente, um grupo habita o seu meio” fornecendo meios de compreensão para o outro, portanto isso nos leva a pensar sobre a importância de “situar os grupos em relação às suas tradições”, e refletir sobre como eles transformam essas experiências em conhecimento.¹⁴⁷

A importância social da Praça da Independência para uma determinada classe era expressa diversas vezes nas páginas do jornal *Correio da Semana*, fossem elas de elogio pela manutenção ou na maioria das vezes de reclamação ao poder público.

O Exmo. Sr. Prefeito Municipal Sr. Antonio Frota Cavalcante atendendo aos justos reclamos do povo, tomou uma medida justa e oportuna qual de mandar repor as lâmpadas elétricas da São João que agora está bem iluminada.¹⁴⁸

O sentido da palavra ‘atendendo’ deixa claro que a iniciativa veio a partir de reclamações realizadas as más condições de iluminação que a cidade dispunha, já que a questão da eletricidade era um problema que atrasava o progresso de Sobral.¹⁴⁹ Da mesma maneira, o uso do termo ‘reclamos do povo’, passa a idéia que toda a população reclamava sobre da precária iluminação da praça, quando sabemos que a mesma era de uso de uns ‘poucos’ populares que freqüentavam.

Essa compreensão se dá a partir da divisão da praça, o que a nosso ver restringia o uso da desse lugar a uma parcela da população e mesmo não tendo nenhuma norma de utilização instituída estes ‘sabiam’ os espaços que podiam freqüentar.

Na Praça Barão de Sobral, além da presença do Teatro São João havia também uma radiadora, que passava músicas da Rádio Imperator¹⁵⁰. Sua presença na naquele lugar

¹⁴⁷ FRENTES. *Op. cit.* p. 42.

¹⁴⁸ BPMP: *Correio da Semana*, 30 out. 1951, p.1.

¹⁴⁹ Eram constante, no jornal *Correio da Semana*, matérias reclamando sobre problemas de eletricidade, alguns reclamavam sobre a constante falta de energia, outros reclamavam da dificuldade do crescimento da cidade relacionando esses com a falta de um serviço de fornecimento de eletricidade constante.

¹⁵⁰ Falb Rangel, sobralense de destaque nas atividades artísticas e culturais de Sobral, construiu na Praça Barão de Sobral, em sociedade com Francisco Hemério Soares, uma coluna de alvenaria e cimento que servia de

além de promover diversão para ambas às ‘partes’ da praça também era motivo de orgulho, pois além de músicas também fornecia notícias e mensagens. A rádio funcionava diariamente das 18 às 21 hs, e sempre encerrava seu funcionamento com a música ‘*The Stars and stripes forever*’, simbologia da cultura americana invadindo Sobral.



Collumna Irradiadora Imperator

A fotografia da radiadora simboliza a modernização da cidade, já que a primeira emissora de rádio, só foi instalada em Sobral em 1952, por José Maria Soares. Nesse sentido, a importância da coluna Imperator ultrapassava o sentido diversional e se inseria como hábitos modernos de ouvir as notícias e propagandas, tanto da cidade como notícias do mundo.

No entanto essa modernização atrapalhava o sossego e silêncio da cidade que se queria moderna, mas gostava das vantagens das cidades pacatas, ‘o silêncio’; que por diversas vezes era motivo de notas no jornal, ou até mesmo artigos.

suporte as três amplificadoras que transmitiam música, notícias e mensagens, sua inauguração foi em maio de 1938, e recebeu o nome de ‘Coluna Rádio Imperator’.

“Ultimamente estiveram nesta redação várias pessoas, residentes à Praça Barão de Sobral que nos vieram pedir o obséquio de reclamar a Empresa Falb Rangel o barulho ensurcedor de seus alto falantes ...”¹⁵¹

Sobre o sugestivo título de ‘O bem não faz barulho’, a nota faz menção a ausência da ordem que se iniciou com a instalação da “Irradiadora”, a qual por ser símbolo da modernização, ou seja, do ‘bem’, não simboliza a quebra da ordem que a cidade almejava. Novamente podemos perceber o conflito entre modernização e moral, a qual representado pela igreja que defendia o progresso sob a manutenção da ‘moral e dos bons costumes’.

As representações construídas por Craveiro Filho, no álbum do centenário, fizeram eco sobre os desejos de cidade, de parte da sociedade sobralense, na primeira década do século XX. A construção dessas representações incentivaram a instituição de ‘uma memória social’ sobre Sobral e uma tradição de progresso e desenvolvimento.

Essas imagens destacadas no álbum foram instituídas como memória, a partir de dois fundamentos básicos da operação historiográfica, ou seja, o de ‘escolha’ e o de ‘representação’; ora a escolha, realizada pelo fotógrafo privilegiava ângulos, detalhes, enquadramento de imagens, os quais constituíram as representações que se queriam cristalizar no imaginário dos observadores, representações que são fortalecedoras da memória que se instituiu sobre Sobral e sobre os espaços que foram fixados como tradição na cidade. Nesse sentido as representações adotaram o sentido de fortalecimento intuição de um imaginário sobre os espaços ‘escolhidos’ como representantes do centenário de Sobral.

As representações que foram instituídas nesse período foram escolhas de uma classe social, que auto denominou-se de “intelectuais”. No entanto essas escolhas permitiram a compreensão de que cidade era desejada por parte dos sobralenses e que cidade se tentou instituir na memória social da população sobre Sobral.

¹⁵¹ BPMP: **Correio da Semana**, 8 set. 1945, p.1.

Apesar da tensão que se constitui sobre a construção das representações a partir das escolhas dos seus produtores e consumidores oficiais, devemos pensar que os indivíduos apresentam criatividade que se contrapõe às imposições que sofrem, considerando seus os lugares sociais e as relações de dominação. No entanto, mesmo levando em conta essas dominações podemos entender o que pensavam, diziam e faziam os sobralenses na primeira metade do século passado.¹⁵²

3 – Olhar, Lembrar e contar: imagens como objeto de memória

Ah! Se exigirem documentos aí do Outro Lado,
Extintas as outras memórias,
Só poderei mostrar-lhes as folhas soltas de um álbum
De imagens¹⁵³

As imagens foram desde a sua invenção compreendidas como ‘reais’. No entanto, os historiadores preferem compreendê-las como representações a medida que a entendem como fragmento do real, escolha de um momento a ser fixado e congelado, elas se constituem como escolhas do fotógrafo ou do fotografado.

¹⁵² VER: Discursos eruditos e práticas populares. IN: CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, p.45 – 52.

¹⁵³ . QUINTANA, Mário. **Quintana de bolso**. Porto Alegre: L&PMPocket, 2009. p.107.

As fotografias são utilizadas como forma de veiculação de ideologias a serem absorvidas e consumidas como ‘testemunho do real’. A força da imagem vem da sua fixação na memória, a qual constrói elos, entre imagem e memória, a ponto de tecerem teias de relação entre fatos, acontecimentos, sentimentos.

A imagem seduz pelas possibilidades que apresenta a seus receptores e observadores. São entendidas como “representação visual do real”, desperta a imaginação, atua como objeto desencadeador da memória, amplia o alcance de compreensão. Pois apresentam uma linguagem universal, um mundo de símbolos que é compreendido em circunstâncias diversas, em culturas diferentes, sem a necessidade de se compreender outras línguas, outros símbolos culturais.

Reconhecer as imagens como possibilidade de memória é pensar sobre a relação que se mantêm entre historiadores e imagens, uma relação que difere dos antigos donos das fotografias. No entanto estão permeadas pela temporalidade, passado e presente, o que lhe dá múltiplos sentidos de interpretação, nos problemas propostos a elas, quando considerados como objeto de pesquisas e estudos.¹⁵⁴

A ideia de eternização dos momentos, através da fotografia, desperta nos observadores, a subjetividade dos sentimentos passados, que são ativados a partir do ato de ‘ver’. “A fotografia provoca uma síntese na memória individual”, ocasiona a ativação de teias mnemônicas, em que as imagens assumem o sentido de revelação, portanto a utilização de imagens como lembrança, provoca no observador o desencadear de lembranças, gestos, palavras e ações, a ilusão da manutenção de um passado cristalizado pelas lentes dos fotógrafos, eterniza momentos e sentidos em imagens.¹⁵⁵

¹⁵⁴ Sobre o trabalho com imagens VER: MAUAD, Ana Maria. Fotografia e História – possibilidades de análise. IN: **A leitura de Imagens na pesquisa social: história, comunicação e educação**. São Paulo: Cortez, 2008.; KOSSOY, Boris. **Os tempos da fotografia: O efêmero e o perpétuo**. Cotia, SP: Ateliê editorial, 2007.

¹⁵⁵ KOURY. Mauro Guilherme Pinheiro. Fotografia como objeto de memória: produto técnico e suporte ideológico na conformação do homem ocidental. IN: **Domínios da imagem**, londrina, ano I, n.2, p.101-106, maio de 2008. P.102.

A utilização das imagens como objeto desencadeador de memórias desvela sentidos que a leitura imagética não possibilita, já que ela parte da análise da “primeira realidade”, o momento em que a lente da câmera fixa ‘a escolha’ do fotógrafo, a fotografia adquire um outro sentido, o sentido do assunto representado, o qual está contido no enquadramento da imagem.¹⁵⁶

A memória desencadeada pelas imagens proporciona a leitura dos significados que não estão presentes na fotografia, mas que se encontram vivos na memória de seus observadores. As imagens fotográficas, por suas amplas possibilidades de visualização e entendimento, permitem leituras diferentes dependendo de seus observadores, da realidade em que vivem, das experiências que adquiriram, dos saberes de que são imbuídos. Devido a isso destaca-se a amplitude que adquirem como objetos desencadeadores de memória. Esta diversidade de formas de leituras da imagem pelos observadores ocorre através dos filtros, que são representativos das ideologias, cultura, concepção de ética e moral. Os filtros existem em todas as pessoas em alguns em maior e outros em menor escala, dependem diretamente das ligações que cada um apresenta com relação aos ‘objetos representados’ na fotografia.

Relacionando o uso de imagens com a memória, podemos pensar sobre os objetos biográficos, os quais por apresentarem ligações com seus ‘donos’ adquirem sentido de rememoração, de lembrança, fazem fluir a existência e as relações mantidas com esses objetos, de forma a transmitir a ideia de continuidade a sua vida e suas experiências.¹⁵⁷

As fotografias adquirem o sentido de objetos biográficos, se pensadas como objetos de valor para aqueles que as guardam ou que com elas apresentam ligações de ordem afetiva ou mesmo de silenciamento, afinal quando a velhice chega, restam poucas coisas que a

¹⁵⁶ Sobre a primeira realidade e a segunda realidade VER: Kossoy, 2007. P. 36-37.

¹⁵⁷ BOSI, Ecléa. **A substância social da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. p. 26

tornam significativa, são as relações que se construíram com a cidade e seus espaços, com suas casas e seus eventos, suas memórias e seus sentimentos em relação ao passado.

Além dos objetos biográficos também podemos compreender o estímulo da memória através dos “mapas”, que funcionam como desencadeadores de memórias. Na medida em que são compreendidos como “representações”, construídas individualmente ou coletivamente, capazes de fazer emergir informações ligadas a essas representações e aos sentidos que elas despertam no narrador.¹⁵⁸

Os “mapas” são representações imaginárias ou reais, construídas afim de facilitar o desencadeamento da memória, assumindo um conceito de “memória de coisa”. À medida que refletimos que, em sociedades ou grupos ágrafos, a ausência da escrita não impossibilitava a continuidade das tradições, ritos e costumes, podemos entender que se organizavam através de “mapas mnemônicos”, os quais, aqui, são compreendidos como extensão da memória.¹⁵⁹

A utilização de imagens como desencadeadoras da memória proporciona a compreensão ou até mesmo uma forma de perceber os silêncios e os sentimentos ocasionados em determinados momentos, fato que talvez fosse ignorado se fizéssemos o uso das narrativas sem a utilização destes “objetos de memória”, pois poderiam passar despercebidos durante as narrativas, momentos de tensão, ou mesmo situações consideradas desimportantes para os narradores.

Pensar a cidade de Sobral a partir da memória dos velhos nos possibilitou o desencadeamento de sentidos e sentimentos talvez silenciados pela modernização do tempo e dos espaços. No entanto os encontramos vívidos nas lembranças de seus habitantes, que

¹⁵⁸ FRENTES. **Op. cit.** p.31.

¹⁵⁹ FRENTES, **Op. cit.** p. 32.

alimentam as memórias como forma de continuidade da vida, ou mesmo de reviver “o seu tempo”:

Hoje, já num tem muito sentido viver, tudo mudou, a velhice num me deixa viver, pra sair de casa tenho que pagar carro de aluguel, mias fias tem di ir comigo, dizem que do muito trabalho, então case nunca saio de casa. O dinheiro quem vão buscar são elas, passo o dia aqui nessa rede, tenho medo de sair, mias pernas tão fraca (...) Gosto quando vem gente aqui, a gente conversa e o tempo passa. Agora em setembro as mulher da igreja vieram me buscar pra ir nas novenas, fui tudim. E até ganhei um presente, uma sandália, a senhora quer ver? (...) mia mulher morreu faz sete anu, num podia morar só e mias fias foram mi buscar pra mode eu morar com elas, eu queria ter ido com minha mulher, a vida si acabou, vivo rezando pedindo a deus pra mode mi levar logo(...) sinto falta de tudo, da mia casa, Du trabalho, dos amigo, di ir nu samba, da minha casinha(...) Ele começa a chorar¹⁶⁰

A narrativa aponta a saudade dos tempos em que estava inserido na cidade e na vida cotidiana, momentos que hoje são possíveis, apenas através das lembranças, já que a doença e a velhice o colocaram fora do mundo moderno, é notável o poder que lembrar traz ele a vida novamente, pensar sobre o passado o leva a reviver o trabalho, a diversão, os sentidos que movimentam seus sentimentos e seus dias, essa ideia é informada por ele quando fala sobre como se sente bem quando as pessoas vão conversar com ele, ou mesmo quando ao falar sobre o quanto o convite que recebeu para ir as novenas, o deixou feliz por se sentir parte do bairro, querido por receber uma convite dirigido a ele próprio. O que torna significativo essas pequenas ações pro narrador, é o fato de receber atenção e de perceber a importância que ele tem, mesmo com as dificuldades da vida cotidiana, impostas pelo tempo.

A saudade da casa leva a reflexão de que mesmo estando cuidado por sua família, sente falta de seus objetos, de seu espaço, construído e elaborado através de suas experiências. Neste espaço estão guardadas suas lembranças, e sua vida que se mostra na forma de organização dos espaços, na importância que têm os objetos, os quais carregam em si fragmentos de uma vida construída com trabalho e com experiências. A importância da casa, a falta que sente dela, leva a um sentimento de vazio que ele preenche com lembranças e com

¹⁶⁰ Entrevista realizada com Antonio Torres, 96 anos, carpinteiro Setembro de 2009, Sobral.

algumas falas soltas sobre sua casa. A casa na sua descrição aparece como o lugar ideal onde estão guardadas suas melhores histórias o lugar pra onde sonha voltar:

Ela é bem pequena, tem um portão de madeira que fui eu mesmo que fiz, nunca quis saber de estudo não, eu sempre trabalhei, desde menino, então eu fiz de tudo nessa vida, e minha casa fui nós que construímo, eu e minha mulher. Sabe tudo é muito simples, o chão era de tijolo, depois nós botamo o cimento, lá tem toda a minha vida, coisa boa coisa ruim, tudo fui eu que fiz, muito trabalho e dificuldade(...) minhas fia quer que eu venda pra mode ficar com dinheiro, mais num vendo não, queria puder morar lá, minhas fias me tratam bem, mais você sabe nada melhor do que nosso canto é lá que tá todas minhas coisas, esse povo di hoje é diferente da gente só quer saber de coisa nova, pois eu num deixo minha casa não, ela é minha é lá que é meu lugar. Eu penso que qualquer dia desses eu vou mi borá pra lá(...)

A casa é o território de excelência das lembranças do narrador, ela assume pra ele o sentido de continuidade da vida, apesar da velhice e da doença, é lá que estão as suas experiências e seus sentimentos. O desejo das filhas para que ele venda a casa, faz remeter-se a modernidade. “O povo de hoje” significa, para ele, o tempo das mudanças, em que as pessoas não valorizam as conquistas do passado, que devem ser substituídas por coisas novas ou mesmo por dinheiro guardado.

São perceptíveis nas narrativas dos velhos, utilizadas nessa pesquisa, a referência a um tempo que transformou-se, mas que pra eles está vivo nos objetos e espaços com os quais construíram sensibilidades. Sejam eles, objetos, espaços que representam as dificuldades e as conquistas que tiveram na vida, seja mesmo uma praça ou um prédio que foi destruído ou reformado, fato é que os ‘mapas de memória’ são subjetivados nas lembranças desses narradores como espaços onde mantêm vivas suas experiências e suas identidades, o que torna possível a compreensão da utilização de imagens como objetos desencadeadores de memória.

Olha minha filha, eu não tenho muito pra falar não! Nasci lá no bairro da estação, na rua que hoje chama de tamarino, passei a vida toda lá (...) lá em casa era onze filho, meu pai era pobre trabalhava como pedreiro, e nós ia com ele. Estudo era coisa de gente rico, pobre só aprendia mesmo assinar o nome e as letras, e não era em escola não, era na casa da professora eu num lembro o nome dela, uma senhora gorda e baxinha(...) Fiquei trabalhando com meu pai até 64, nós trabalhava tudo junto, não dava mais pra viver assim, ai resolvi que ia embora, fui pra Santarém, lá era muito bom pra fazer a vida, você precisava ver, tem de tudo lá, comecei a trabalhar vendendo mercadoria e ganhei muito dinheiro, lá fiz minha vida(...) nunca deixei de andar aqui, toda vez que podia vinha passear, só que naquele tempo era muito ruim a

cidade minha filha, num tinha trabalho pra gente, hoje em dia é muito diferente do meu tempo(...) ¹⁶¹

As dificuldades são tratadas como experiências de transformação, rememoradas como sentidos de transformação do passado e vida, então a partir desses ‘mapas de memória’ é que se sentem ainda inseridos na movimentação e transformação da cidade. A utilização de comparações entre o passado e o presente significa as experiências que permitem apontar as relações que construíram com a cidade, e que forneceram a eles o direito de se inserir espacialmente na cidade e nas relações que com ela mantinham.

Ao apontar as razões que o levaram a sair da cidade, na tentativa de uma vida mais próspera, Paulo aponta para uma realidade que era de muitos, ou seja, uma cidade que crescia mas que não era de todos. A modernização e o progresso, apontados pelos jornais e pelas representações construídas no período do centenário, não correspondem em muitos casos ao cotidiano de alguns habitantes, talvez pertencessem apenas aos discursos daqueles que planejavam e desejavam a cidade no período.

Pensar a cidade, através da memória de velhos, desencadeada a partir das fotografias do álbum do centenário, é possibilitar um outro olhar sobre a cidade, um olhar que muitas vezes entra em choque com os discursos proferidos pelos idealizadores da cidade, com as memórias de seus habitantes, ou mesmo com a diferenciação dos lugares de onde falam esses habitantes.

O lugar social dos habitantes da cidade expressam as experiências que desenvolveram com a cidade, apontando uma outra versão da história da cidade que talvez não seja representada pela historiografia local, ou mesmo apontando transformações sociais que não eram perceptíveis nos discursos dos ‘produtores’ da cidade.

Ave Maria eu nem sei porque não conheço mais Sobral, tá tão diferente. Sobral só era Sobral no meu tempo que tinha as pessoas amigas, tinha famílias, tinha jovens,

¹⁶¹ Narrativa de Paulo José Souza, 76 anos, comerciante. Entrevista realizada em Setembro de 2009, Sobral.

crianças, todo mundo conhecia todo mundo, eu trabalhei no Banco durante vinte anos e conhecia todo mundo de Sobral. Você podia andar no meio da rua uma hora da manhã que você não encontrava nenhum mal fasejo, não tinha ladrão, tudo gente boa. Tinha também gente ruim mas não era como hoje (...) Era muito diferente de hoje... hoje até sentar na calçada... hoje eu não me sento na calçada, só passa gente embriagado, dizendo piada, eu fico trancada dentro de casa, é todo mundo você pode passar aqui a noite tem muita daqui até no final do Centec é gente que bota a cadeira na calçada para vender bebida, vender comida, esse tipo de coisa, mesmo que não seja um bar, tem gente que faz em casa e vende na calçada. Não é mais Sobral não. Inclusive Sobral não é mais do sobralense né, se você for hoje a qualquer repartição pública você não acha mais na chefia um Sobralense, não acha. De onde você é? Sou de Viçosa. De onde você é? Sou de **Sobral** mas minha família é de Groairas (...) Não tem mais Sobralense aqui. No Banco o Gerente não é daqui, o Sub-Gerente não é daqui... porque o mundo se desenvolveu (...) eu sou saudosista, tenho muita saudade de Sobral do meu tempo, onde tinha teatro, as tertúlias, ia um grupo de moças para tertúlia e quando dava 10 horas da noite cada uma ia pra sua casa não tinha medo de nada. Um lugar muito gostoso da gente dançar (...) ¹⁶²

Na narrativa de Dona Zuleica, é perceptível o encantamento que a cidade e seu cotidiano causaram nela, um espaço onde havia trabalho e diversão, onde não havia perigos em sair de casa ou de ficar com os amigos na calçada. A cidade que Dona Zuleica apresenta não corresponde a cidade apontada por seu Paulo, o qual teve que ir embora procurar melhores condições de vida, nem a de seu Antonio Torres que trabalhava desde menino.

Os conflitos gerados pelo ato de pensar a partir das memórias, um mesmo espaço e uma mesma temporalidade são atos pensados a partir das memórias de habitantes da cidade, que trazem em suas trajetórias de vida formas diferenciadas de viver na mesma cidade as mesmas experiências, levam a uma reflexão sobre a diversidade de sentidos que são empregados pelos habitantes da cidade no cotidiano em que estão inseridos. O fato de Dona Zuleica pertencer a uma família de poder aquisitivo superior, a cidade lhe proporciona usufruir de ‘privilégios’ diferenciados de outros habitantes, que com menos condições financeiras, desenvolveram relações sociais com a cidade, no entanto apesar de experiências diferenciadas, são unos em apresentar ‘aquele tempo’ com saudosismo ou mesmo como o tempo ideal.

¹⁶² Narrativa de Zuleica Viana, secretária. Entrevista realizada fevereiro de 2010, Sobral.

A construção do tempo como regulador social, na concepção do homem, assume aspectos individuais desde a sua infância, e vai se consolidando como parte da sua consciência pessoal. Essa compreensão do tempo, faz com que esses homens, apreendam todas as transformações e acontecimentos ao seu redor, a partir dos reguladores temporais que instituíram como símbolo.¹⁶³

Esses reguladores temporais, aparecem presentes nas narrativas dos entrevistados, a partir das referências que fazem sobre a passagem do tempo: ‘no meu tempo’, ‘o tempo de hoje é diferente do meu tempo’, ‘naquele tempo’, dentre outras. Esses reguladores temporais representam uma sintetização da noção de tempo, afinal relaciona posições que se situam, associadas a acontecimentos físicos, modificações sociais e até mesmo acontecimentos de cunho individual.

A razão das diferentes narrativas da cidade aponta para as relações que os narradores construíram com a cidade, para a significância de rememorar as suas experiências e mesmo de relacionar “o seu tempo” com “o tempo de hoje”, em que fica nítida a importância dos espaços da cidade no ato de lembrar.

Nesse sentido acreditamos na importância das imagens fotográficas como desencadeadores de imagens, fragmentos possíveis de representar aspectos da cidade e que associados as narrativas orais de pessoas idosas e que vivenciaram a cidade na década de quarenta do século passado, legitimam um saber histórico sobre a cidade. Afinal é através das imagens que determinadas experiências coletivas ou pessoais, que não são possíveis de serem percebidas em outras fontes, trazem à tona informações inéditas sobre a cidade.

Enfim, as imagens como memória são responsáveis pela indicação de “momentos insubstituíveis que constroem uma vida para si e para os outros. Como uma ausência

¹⁶³ ELIAS, Norbet. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p.22.

permanentemente prisioneira de um presente que já aconteceu”¹⁶⁴ é a possibilidade de revisitar lugares e sensibilidades de um tempo passado que ficou guardado em fotografias. Mesmo as experiências não estando registradas na fotografia, estão fixadas nas memórias de seus portadores tornando-se representações “não são atributos das coisas (das imagens), mas do discurso dos homens a seu respeito ou por seu intermédio”.¹⁶⁵ Enfim, buscar informações a partir das imagens nos permite entender o contexto em que foram produzidas, o panorama da cidade e do seu cotidiano, é perceber as tensões que se formam em torno dos habitantes e de suas experiências.

Assim as falas proferidas pelos contemporâneos das imagens, através das lembranças por elas desencadeadas, informam-nos as razões de sua produção, os sentidos que carregavam e os desejos que moviam os ‘ordenadores da cidade’ ao promoverem a divulgação de representações da cidade que conflitam ao realizarmos um cruzamento de lugares sociais, dos narradores, e dos veículos de divulgação dos discursos, fotografias do álbum do centenário, revelando uma cidade que apresentava apesar da sua aura de modernidade e progresso um crescente número de problemas sociais e de discursos que diferiam entre si.

3.1 – Imagens como memória da cidade: narrativas da cidade

A utilização da história oral nas pesquisas nos possibilita a compreensão das experiências de homens e mulheres, que usualmente não ganham espaço na escrita oficial da história da cidade, a não ser através de pesquisas realizadas em universidades, nas trilhas da

¹⁶⁴ KOURY, *Op. cit.*, p.104

¹⁶⁵ MENEZES, Ulpiano T. A fotografia como documento – Robert Capa e o miliciano abatido na Espanha: sugestões para um estudo histórico. **Revista Tempo**, Rio de Janeiro. Universidade Federal Fluminense, n.14,p.131-151,jan.-jun. 2003. p. 131-151.

nova história cultural, onde prevalece uma valorização de experiências das pessoas comuns. Dessa maneira são recuperadas as experiências vividas e a subjetividade de grupos reprimidos e até mesmo sem registros oficiais, de suas práticas e experiências. Essas mudanças são fruto das transformações historiográficas ocorridas na década de sessenta do século passado, na Europa, e que aqui chegaram anos depois.

A utilização de entrevistas orais possibilita a percepção de versões diferenciadas acerca de uma determinada prática social ou mesmo de acontecimentos, o que significa não uma exaltação de personagens, mas sim de uma construção histórica pautada em múltiplas possibilidades de perceber um mesmo “evento histórico”, revelando a partir da variedade de experiências, fornecidas pelas fontes, problematizações diversas, construídas a partir das leituras que as narrativas nos permitem.

Acreditando que o historiador está imerso no tempo presente e que suas escolhas de pesquisa fazem parte das simpatias que despertam pelos campos da história, pensamos que a temporalidade projetada pelas narrativas envolve o passado e o presente, não sendo a distância temporal algo imprescindível na pesquisa, pois ela não irá proteger o historiador de suas inclinações ou mesmo de suas simpatias. Dessa forma, entendemos como vantagem a relação entre envolvimento temático e proximidade temporal, pois assim podemos superar a descontinuidade que existe entre o universo do historiador e dos personagens sobre quem escreve.

A utilização das imagens como fonte desencadeadora das memórias foi por nós captada a partir da seleção de algumas imagens do álbum, em que privilegiamos as imagens sobre os espaços de lazer e de passagem dos habitantes da cidade. A escolha de apenas algumas das imagens sobre a cidade, nos permitiu acesso a fragmentos das experiências dos habitantes da cidade, sobre os espaços que foram representados pela ocasião do centenário.

Nesse sentido buscamos compreender como dentro das narrativas sobre a trajetória de suas vidas esses espaços, fixados pelas lentes dos fotógrafos, são referenciados nas narrativas de nossos depoentes, ressaltando que os mesmos não fazem parte de uma classe única, mas sim lugares distintos dentro da sociedade do período. Assim, pensamos ser possível captar a memória social desses narradores, a partir das experiências e das vivências que mantiveram com esses espaços, gerando uma fusão das narrativas de pessoas de lugares sociais distintos, sobre os espaços e mais que como um processo é pensá-la não como um repositório de fatos ou semelhanças, mas sim como uma linguagem, uma memória social que “torna-se concreta apenas quando mentalizada ou verbalizada pelas pessoas”¹⁶⁶. Pensando a partir de Portelli, compreendemos que cada indivíduo constrói suas memórias a partir das suas experiências, e ao serem verbalizadas elas vão sendo organizadas e ganhando sentidos ao serem relacionadas com a memória de outros grupos ou mesmo com a memória oficial, o que permite estabelecer relações entre a memória social e a memória coletiva.

Reconhecendo que a memória é fruto das experiências vivenciadas por seus narradores, pensamos ser ela um espelho do indivíduo ou do grupo em que este está inserido, sendo dessa forma construída a partir de seus valores. Desse modo justificamos a presença de indivíduos de classes diferentes nessa pesquisa, forma de captar a cidade de Sobral, na década de quarenta do século passado, a partir do entrecruzamento de visões de seus habitantes.

Afinal o intuito do historiador é desconstruir as narrativas da memória oficial, é desconfiar das representações e dos discursos por elas proferidos, “é buscar revelar, mesmo que á custa de algum mal estar, as redes de poder, as relações de imposição, os processos de

¹⁶⁶ PORTELLI, A. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. **Projeto História: Ética e História oral**, 15. P.13-33, 1997. p.16.

ocultamento”¹⁶⁷, para dessa forma lançar novas discussões sobre os processos de construção das memória oficiais da cidade.

A ativação da memória é um olhar sobre o passado de uma outra forma, é trazer para o presente as experiências vividas, é produzir um discurso, nesse sentido nos colocamos como psicanalistas¹⁶⁸ de nossos depoentes, reativando emoções e intimidades das experiências coletivas dos narradores, assim “ a memória modifica os objetos, as investigações, as abordagens e, também a escrita da história”¹⁶⁹

O trabalho com as narrativas nos fez perceber momentos de tensão entre fragmentos e totalidades das experiências dos depoentes. Os mesmos revelavam em alguns momentos a existência de minúsculas vivências em alguns espaços, mas que ganhavam extensão espacial, ao serem reativadas pelo ato de lembrar, como se reunissem fragmentos na constituição de suas percepções sobre seu cotidiano relacionando-as com as experiências da coletividade na cidade.

Olha, eu nasci em quarenta e oito, minha mãe teve sessete filhos, mas só eu me criei, ela era professora, daquelas que ensinava em casa. Era uma das melhores, a gente morava ali, num casarão onde hoje é a praça da Meruoca. A sociedade era boa, as festas no Pallace eram um luxo só! Lembro que as mulheres mandavam vir as roupas e as jóias lá do Rio de Janeiro, usavam perfume francês, tinha até um jornalista, não lembro o nome dele, mas ele dizia que só ia pra festas no pallace pra sentir o perfume das mulheres. Só entrava a sociedade, o resto do povo não podia entrar, mesmo se tivesse dinheiro, aí ficavam tudo no sereno, olhando as pessoas chegar, vendo as roupas, os carros (...) os pobres não entravam mesmo, tinha o clube deles, O clube dos Vinte, eu ia pros dois, mais lá eles ficavam me olhando, não gostavam também que a gente fosse pra lá, mais eu não me importava eu ia mesmo! Eu gostava era de me divertir, então eu ia mesmo, mesmo que eles não gostassem, nem que as pessoas da sociedade também não gostasse(...)¹⁷⁰

¹⁶⁷ ARAUJO; FERNANDES. Maria Paula & Tania Maria. O diálogo da História Oral com a historiografia contemporânea. IN: VISCARDI, Cláudia M. R. **História oral: teoria, educação e sociedade**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2006, p.29.

¹⁶⁸ Sobre psicanalistas e a produção historiográfica ver: SANTOS. Nádia Maria Weber, **Histórias de vidas ausentes**: a tênue fronteira entre a saúde e a doença mental. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2005.

¹⁶⁹ D'ALÉSSIO, Márcia Mansor. Intervenções da memória na historiografia: Identidades, subjetividades, fragmentos, poderes. IN: **Proj. História**, São Paulo, (17), nov. 1998, p. 275.

¹⁷⁰ Narrativa de Raimundo Xerez, 62 anos, comerciante. Entrevista realizada em janeiro de 2010, Sobral.

Um ponto perceptível na narrativa de Xerez é o fato de quebrar as regras impostas silenciosamente pela sociedade. A existência de espaços distintos para públicos específicos, fazia com que nele, membro do grupo denominado de ‘os brancos’, despertasse o desejo de ruptura das regras, era preciso vivenciar as diversas experiências que a cidade lhe oferecia, mesmo não sendo bem aceito no “Clube dos Vinte”, por ser ‘branco’, era lá que ele quebrava as regras, mesmo não sendo aceito.

A ação do narrador de quebrar as regras estabelecidas pela cidade, revela a festas dos “brancos”, ele como branco podia circular em ambos os espaços, mesmo não sendo bem aceito. As percepções que o mesmo relata apontam para um distanciamento do que as imposições da época pregavam para alguém que fazia parte dos “brancos”, ou seja o mesmo aceitava os costumes, no entanto acreditava que a diversão estava fora dos espaços a ele reservado.

O clube dos vinte era assim, um clube num era tão bonito como o Pallace, mas tinha banda de musica, as mulheres iam todas bem arrumadas e bem perfumadas, ficavam lá dançando. Tinha aqueles que não entravam ficavam na porta só olhando, mas não entravam porque não queriam! Os comerciante iam pra lá, os que não podia entrar no Pallace! Então todo mundo era bem arrumado também e divertido, eu sempre gostava de ir pra lá! No Pallace eu só ia quando tinha aquelas operas, ou os cantores importantes, mais eu sempre ficava olhando o povo entrar, gostava de ver era todos tão bem arrumados (...) Quando queria me divertir de verdade eu ia pros cabarés, era lá que se encontrava o povo de verdade, sabe aqueles que gostavam de brincar mesmo, lá ia todo mundo, os brancos e os pobres(...) Mas também tinha os melhor, aqueles que só ia quem tinha dinheiro pra gastar com as mulheres, mas ai a sociedade não dizia nada, porque todo mundo ia, mas ninguém falava(...) ¹⁷¹

O narrador, em questão, fazia parte do grupo privilegiado da cidade, dispunha de boas condições econômicas, viveu a vida toda em Sobral. Percebe-se, através de sua narrativa, seu gosto pela diversão e pouco respeito às distinções sociais impostas pela classe, freqüentava a cidade em busca de experiências e de aventuras. Através de seu depoimento podemos depreender a cristalização de sensibilidades na forma como entendia a cidade, ou

¹⁷¹ Narrativa de Raimundo Xerez, 62 anos, comerciante. Entrevista realizada em janeiro de 2010, Sobral.

seja, conhecia as imposições sociais mas não se prendia a elas. Dessa forma, foi testemunha ocular de muitas transformações pelas quais a cidade passou, mas também personagem de experiências múltiplas, já que circulava por todos os espaços da cidade. Sua experiência pode ser pensada como a de um observador dos costumes da cidade, já que por vivenciá-los sem preconceitos ou julgamentos prévios, conta a sua vida cotidiana na cidade sem julgamentos ou defesas de discursos oficiais.

Pensar sobre a trajetória de Xerez na cidade, é pensar na percepção do narrador sobre a heterogeneidade da cidade e de seus discursos, é compreender a formação de uma memória sobre a cidade, onde são respeitados os diversos discursos produzidos sobre ela, e ao mesmo tempo, referenciar a importância da sua experiência como narrador, ou seja, a atualização das memórias faz com que o mesmo aponte para as pluralidades das formas de vivenciar Sobral.

Importa aqui destacar que o espaço responsável por essas lembranças, por trazer-lhe, a mente e aos sentidos, visão e suas emoções, por essa revelação de sensibilidades relacionadas há aproximadamente cinco décadas, é constituído como uma representação, obra da escolha de um grupo, uma fotografia do álbum do centenário. São as imagens que nas últimas décadas vem ganhando espaço no estudos históricos, afinal as imagens, oferecem ao historiador e a seus observadores “aspectos da visualidade de uma cidade em muito da sua pulsação em uma determinada época histórica”¹⁷² apontam seus costumes, seus hábitos, suas gentes e suas sociabilidades, apontam aos desejos vinculados como representações de seus anseios de transformação.

As imagens como objeto de representação despertam percepções adormecidas pelo tempo, reativam experiências e sentidos adormecidos pelo cotidiano, atualizam experiências, pois “o fato narrado torna ser vivenciado, reinterpretado”¹⁷³, portanto reconstruído, nesse

¹⁷² CABRAL FILHO, Severino. Da fotografia e da lembrança de velhos: a cidade revelada. In: **SAECULUM-Revista de História** (18); João Pessoa, jan/jun.2008, p.47-54, p. 48.

¹⁷³ ARAÚJO, **Op. cit.**, p.25.

sentido passa a ser entendido como contemporâneo da narração e não apenas do acontecimento. Concluímos assim que o desencadeamento das memórias a partir das imagens, ocasiona uma rearticulação das experiências, que são resignificadas pela temporalidade, e pela relação que os narradores desenvolveram ao reativar essas memórias.



Pallace Club

A imagem como objeto de memória traz a tona experiências e espaços que não estão nela representados, reativa a memória para os costumes de Sobral, na década de 1940, época em que os espaços de sociabilidade eram divididos por leis nunca instauradas, mais conhecida por todos os habitantes da cidade. Essa capacidade da imagem de revelar o não representado na imagem é a riqueza oferecida pelo cruzamento entre imagem e memória.

A relação, entre as imagens e memória, nos conduz a saberes sobre a cidade, não revelados na memória oficial da história. Assim como Xerez apresenta a cidade e seus clubes a partir das relações que construiu com eles, Zuleica Viana nos apresenta suas narrativas sobre o mesmo espaço, no entanto apontando para outras curiosidades, ou seja, a importância desses espaços, para seu lugar social.

Zuleica Viana¹⁷⁴ nasceu em Sobral, pertencente a ‘elite de Sobral’, como a mesma afirma, passou a infância em meio as convenções sociais que a cidade lhe permitia. Participava da vida social e cultural da cidade ativamente, fez teatro, freqüentou os cinemas e as praças mais em voga no período, além de freqüentar as festas no Pallace Club. Como funcionária da prefeitura e depois concursada do Banco Comercial, considerava-se privilegiada, pois tivera acesso a uma boa educação e a melhores condições de trabalho, em uma cidade onde a pobreza não foi excluída pelo decantado progresso.

Suas narrativas sobre a cidade apontam para o saudosismo de uma “idade de ouro” por que a cidade passou, em suas narrativas parece reviver aqueles momentos de glória que costuma narrar, deixando nítido em suas falas a diferenciação dos espaços e das classes que os ocupavam.

No meu tempo, as festas no Pallace era um acontecimento, havia uma entrada assim, com umas cordas por onde as pessoas entravam, vinham todas de vestidos lindos, com luva e perfume francês. O povo se vestia muito bem, tudo era importado, tinha dinheiro e mandava vir de fora! As festas lá no Pallace eram só pra quem era sócio, mesmo que tivesse dinheiro, não entrava!¹⁷⁵

Para a narradora, a cidade era o espaço da riqueza e da diversão, o povo só aparece como espectador das ações dos “brancos”, o requinte e o luxo são as marcas que mais ficaram em sua memória. Das lembranças dos bailes que frequentava, ainda é capaz de sentir o cheiro do perfume francês que as mulheres usavam, gostava de vislumbrar a vida na cidade, como enfatiza em suas narrativas. É capaz de lembrar situações que talvez passassem despercebidas por outrem, mas para ela que estavam imersas do sentido de orgulho e de sobralidade, ainda são fragmentos nítidos na memória, que marca o real sentido, das relações de poder mantidas naquele espaço.

¹⁷⁴ Narrativa de Zuleica Viana, secretária. Entrevista realizada em fevereiro de 2010, sobral.

¹⁷⁵ Narrativa de Zuleica Viana, secretária. Entrevista realizada em fevereiro de 2010, Sobral.

Uma vez uma moça negra mesmo, o pai dela tendo dinheiro, ela era doida pra ir pras festas lá, mais não podia só podia quem era sócio, ela decidiu que ia, se arrumou toda, com jóias e vestido, botou perfume francês e entrou! Quando ela tava lá no meio do salão vieram os segurança e levaram ela pra fora! O clube dos pobres, era o clube dos vinte, depois passou a ser o clube dos artistas, lá ia o povo que não podia freqüentar as Festas no Pallace.(...) Do lado de fora ficava muita gente, eles ficavam no sereno, era assim que era chamado quem não entrava na festa, ficavam vendo a gente entrar, todos muito bem vestidos (...) Naquele tempo não vendiam bebida do lado de fora não, depois foi que apareceu as bancas de café! Ficava muita gente lá fora, ouvindo as músicas e olhando a gente entrar (...) depois o Pallace fechou e as festas passaram a ser no Derby e na AABB, nas festa do carnaval, tinha o baile tradicional, nesse dia todos iam de mascara e fantasia, ai as mulheres de vida fácil que moravam ali na beira do rio, se vestiam todas e entravam escondidas, ninguém as reconhecia (...) Sobral era uma sociedade muito granfina, muito fechada, era por isso que Fortaleza tinha tanta raiva da gente...¹⁷⁶

A referência a temporalidade, feita pela narradora, leva-nos a refletir sobre a atualização da memória realizada por ela. Atualmente a cidade para ela não apresenta mais o esplendor e a glória que tinha durante a sua juventude, “eu não reconheço mais Sobral”, com essa fala a autora inicia uma narrativa sobre as atuais realidades da cidade, onde não mas existem os grupos e espaços fechados, mas sim uma rede de relações que ultrapassam as convenções sociais e promovem uma interação entre as diversas classes sociais.¹⁷⁷

Eu não conheço mais Sobral, antigamente o carnaval aqui era uma beleza, sabe a Nice, ela era linda! Ela e o marido dela saiam fantasiados no bloco dos sujos, era uma lindeza só, todo mundo brincando, se divertindo. Os pais nem se preocupavam porque era tudo gente boa, que só saia pra brincadeiras! Esse ano fui olhar ali da calçada o bloco dos sujos, mais que coisa horrível, hoje tá tudo misturado, não há mais diferença, ninguém sabe o que é brincar! As mulheres vestida de homem e os homens vestido de mulher, é uma bagunça só! Nem se compara com antigamente(...)¹⁷⁸

Foi a visualização da imagem acima reproduzida que manifestou na narradora essa evocação do passado e a construção dessa relação passado/presente. Ela reativa seus sentidos e evoca emocionalmente uma cidade que era desejada por seu lugar social, uma cidade que

¹⁷⁶ Narrativa de Zuleica Viana, secretária. Entrevista realizada em fevereiro de 2010, Sobral.

¹⁷⁷ Cabe ressaltar que hoje a cidade é compreendida como uma cidade universitária, devido a isso tem uma população heterogênea, de pessoas oriundas das regiões vizinhas e mesmo devido à Empresa Grendene, que contribuiu para a migração de rio grandenses para a cidade.

¹⁷⁸ Narrativa de Zuleica Viana, secretária. Entrevista realizada em fevereiro de 2010, Sobral.

buscava o progresso e a modernização, que por seus costumes ‘elitizados’ atraía a raiva da capital, que achava a cidade um espaço fechado.

Pensar as lembranças da narradora requer a nós observarmos como esta reproduz os ideais de uma cidade moderna e civilizada, onde devemos considerar que para ela naquele tempo não havia os ‘mal fasejo’ nem mesmo havia a quebra da ordem estabelecida pelo poder público. Talvez ela idealizasse a cidade, pois era lugar comum nos jornais locais, colunas e às vezes notas denunciando abusos por parte da população menos favorecida, com o barulho de suas rodas de samba, ou mesmo com seus costumes destoante da cidade moderna que se instituía discursivamente.

Deparar-se hoje com a coletividade, com o uso aberto dos espaços sociais, com a livre circulação pelas ruas da cidade, gera na depoente a sensação de está fora de seu espaço social, a mesma coloca essa situação como consequência da presença de forasteiros na cidade.

Pensar sobre o passado leva a depoente a caracterizar o crescimento da cidade como amortecimento do sentimento de sobralidade, chegando ela a conclusão que os forasteiros invadem não apenas os espaços sociais mas até mesmo os espaços antes reservados aos sobralenses naturais, ou seja os altos cargos de trabalho. Naquela época, as funções privilegiadas eram exclusivas de membros das melhores famílias locais. Para a narradora a modernidade apresenta-se como algo bom, porém ela ressalta a importância maior da manutenção da tradição e dos costumes. “Tá certo, o modernismo é uma beleza, ninguém pode fugir, ave Maria graças a Deus que as coisas estão se modernizando e é muito bom, mas se tratando de um prédio histórico eu acho que devia ser conservado”.

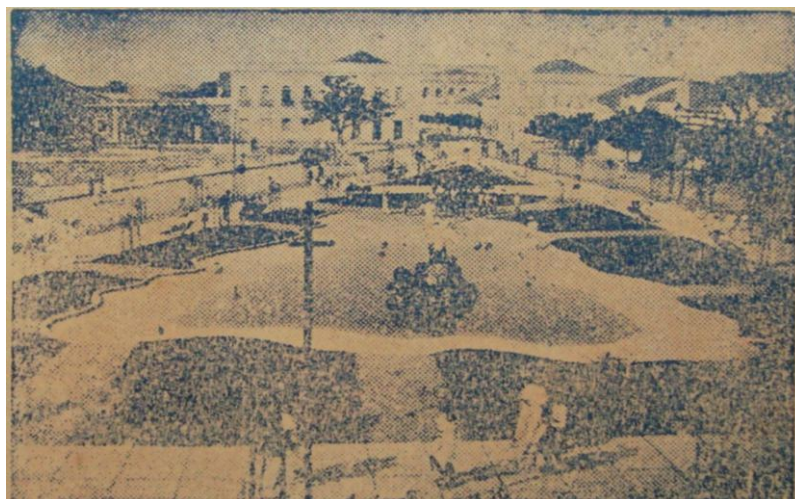
Ao falar sobre a manutenção da tradição, a narradora destaca a importância da preservação dos casarões antigos, dos prédios e mesmo de alguns costumes sociais, que para ela hoje estão sendo demolidas pela modernidade. Ao falar sobre as residências antigas que foram destruídas, como a do Craveiro Filho, a narradora aponta para a falta de senso dos

herdeiros que segundo ela, “destruíram o casarão e fizeram aquele prédio, onde funciona o Yazigy, hoje! Era uma casa linda, uma das mais bonitas da cidade!”.

A revitalização das memórias traz, a partir da utilização dos objetos como as fotografias, sentimentos e emoções que não estão representados no enquadramento feito pelo fotógrafo, mas que se encontram submersos nas memórias daqueles a quem estas imagens estão ligados, nesse sentido, compreendemos a variedade de informações que nos são oferecidas, pelo trabalho que explora as imagens na reconstituição de saberes históricos.

As lembranças trazidas a tona por Dona Zuleica foram desencadeadas pelo contato com as imagens do álbum do centenário, seus olhos brilhavam, ao ver ali, fragmentos fixados de suas experiências pela cidade, sobre cada espaço representado. Havia histórias ou curiosidades a serem lembradas, contadas e (re)avivadas tanto pelas emoções ativadas, como pelo encantamento e saudosismo desencadeado por esse contato com parte de sua trajetória na cidade de Sobral.

Enlaçado em meio a estas reflexões, fomos percorrendo a cidade e seus espaços mais significativos para os entrevistados, que seja por recordações próprias ou por aquelas que lhes embalaram a infância, em forma de narrativas sobre a cidade. Narrativas que eram contadas por suas mães ou avós e que levavam a imaginação a voar solta por entre ruas e praças da cidade, que entrava nos casarões sem pedir licença e flutuava por entre seus quartos e salas, ativando a imaginação e fazendo sonhar com as festas que não podiam frequentar ou mesmo em quebrar as regras locais, que permitiriam andar livremente por entre as praças e ruas da cidade, sem preocupar-se com as convenções ou com as normas não estabelecidas, porém conhecidas por todos, como um pacto silencioso, quando não se usam palavras ou leis, apenas sentidos sociais.



Praça São João

Paulo José Souza nasceu em Sobral no ano de 1930, na rua da Estação. Como ele nos conta, sua mãe era dona de casa e seu pai era pedreiro. Era o sexto filho de onze, no meio dos quais havia apenas três mulheres. Não teve grandes avanços na escola. Afinal, tinha que trabalhar para ajudar em casa, ou seja, “os filhos home logo que iam ficando durinho ia aprender o ofício com o pai, a gente tinha que ajudar pra mode botar comida na mesa”, ficando a escola para depois, quando as coisas ficassem melhores. O pai ensinou a profissão a todos os filhos, e trabalhavam muito e pesado para poderem sobreviver em meio as agruras de uma família grande e carente de bens.

Devido a isso Paulo¹⁷⁹ cresceu com uma idéia, “eu num queria ter uma vida tão dura quanto a do meu pai! Então quando fiquei rapazinho, lá pros ano de cinqüenta comecei a procurar outros trabalho”, iria arranjar uma outra profissão e ter uma vida menos difícil, isso levou Paulo para Santarém, onde encontrou a oportunidade que a cidade não lhe oferecia, partiu de Sobral no ano de sessenta e quatro, periodicamente vinha visitar a cidade, os amigos e a família. O norte não lhe deu a prosperidade que buscava, mas mesmo assim lá casou e teve um único filho, viveu com uma idéia fixa na cabeça “quando tiver velho e me aposentar, volto

¹⁷⁹ Narrativa de Paulo José Souza, 76 anos, comerciante. Entrevista realizada em Setembro de 2009, Sobral.

pra minha cidade”, e assim fez há mais ou menos catorze anos voltou para a cidade, sem mulher e sem o filho que não quiseram acompanhá-lo.

Olha, a gente era menino e brincava lá na rua mesmo, jogava bola, soltava pião! Quando a gente ficou rapazinho íamos passear pela cidade. Víamos a corrida de cavalo (...) O teatro são João funcionava como cinema, e a gente as vezes ia pra lá! Lá era o lugar das famílias, dos brancos e dos pobres! A gente pagava e ficava na geral! Os brancos sentavam na frente ou nas casinhas, depois as pessoas iam passear na praça, eu não gostava de ficar lá, porque a gente ficava do outro lado! Depois o falb botou lá uma radiadora, e as vezes eu ficava pra ouvir musica!(...) não eu num lembro de nenhuma musica não, mais lembro que eles butavam mensagem e fazia reclame também(...) ¹⁸⁰

A praça São João pode ser entendida como o espaço que mostrava os enfrentamentos das forças sociais. Então devido a esses confrontos silenciosos de forças, nos remetemos a Foucault ¹⁸¹“As forças que se encontram em jogo na história não obedecem nem a uma destinação, nem a uma mecânica, mas ao acaso da luta”. Era o espaço onde as forças eram mediadas por ambos os lados. Talvez por isso as lembranças sobre esse espaço sejam mais fortes e significativas para os depoentes, que apontam em suas narrativas a separação entre as classes sociais, da mesma forma que abordam as diferenças entre o vestir, e os lugares reservados a cada um deles.

Ao falar sobre a geral, o lugar destinado aos pobres no teatro, mais tarde no cinema, seu Paulo aponta para as especificidades de ser jovem em Sobral, sobre o peso que o trabalho impunha a um jovem que além de passar por dificuldades financeiras, ainda acabava sendo observador das diferenças sociais que tanto o incomodavam, talvez por isso não gostasse de freqüentar a Praça.

As narrativas de Paulo nos levam a refletir sobre como se desenvolviam as relações sociais nesse período, pois o cinema era freqüentado pela elite e pelo povo, com suas diferenciações e regras de conduta. No entanto, observamos o lado emocional desses

¹⁸⁰ Narrativa de Paulo José Souza, 76 anos, comerciante. Entrevista realizada em Setembro de 2009, Sobral.

¹⁸¹ FOUCAULT, Michel. **A microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979, p.28.

narradores que preferiam aceitar aquelas diferenças como naturais, do que reagir a elas. Talvez, por isso todos eles, façam coro ao falar que naquela época não havia marginal.

A ausência da violência é outro ponto que permeia as narrativas dos depoentes. Embalados por suas lembranças, eles não conseguem refletir sobre a existência de malfeitores na sociedade, construindo um ideal de tempos de ouro, apesar das dificuldades que alguns enfrentavam.

Ao observar a fotografia da praça São João, seu Paulo¹⁸² logo questionou a ausência do Teatro: “por que o teatro não tá aqui?”, Era o seu ponto de referência, tanto emocional como narrativo. No espaço cristalizado pela câmera, passam todos pelo Teatro, sendo a praça apenas um objeto complementar. É curioso perceber como analisa a imagem, procurando vestígios de suas experiências na mesma, fala detalhadamente sobre os bancos, sobre a radiadora, mais especialmente sobre os filmes que assistia no teatro.

Eu adorava cinema, assisti lá os filme do “buc Jones”, “últimos dias de Pompéia”, ah tinha também os seriados que passavam lá! Todo dia tinha cinema, mais eu só ia às vezes (...) depois abriram um cinema novo, o cine Alvorada, ali bem pertinho da Igreja do Rosário você sabe onde é? (...) Pois é, então todo o povo branco passou pra lá, os filme passava primeiro lá e depois vinha pro são João (...) O povo todo ia pra lá assistir lá, mas depois vinha passear aqui na Praça (...) Aqui oh, desse lado que eles ficavam (...) ¹⁸³

As memórias de Paulo refletem seus sentimentos quanto ao espaço, um espaço que ganha materialidade em suas narrativas ao procurar na imagem, os vestígios de sua vida ali passados. Lembra detalhadamente os bancos, a posição deles, fala sobre a radiadora e até sobre os filmes que assistia, aponta para a imagem como se estivesse ali, naquele exato momento, vivenciando o tempo em que frequentava o cine e sonhava em prosperar na vida. Por uns instantes parece deslocar-se temporalmente.

¹⁸² Narrativa de Paulo José Souza, 76 anos, comerciante. Entrevista realizada em Setembro de 2009, Sobral.

¹⁸³ Narrativa de Paulo José Souza, 76 anos, comerciante. Entrevista realizada em Setembro de 2009, Sobral.

A chegada do Cine Teatro Rangel, uma instituição moderna e com os últimos lançamentos do cinema, fez com que o cine Teatro São João perdesse parte de seu público, pois aqueles que detinham melhores condições financeiras foram assistir aos filmes no novo cinema. A presença desse novo cine modificou a atividade cultural do Teatro, pois os lançamentos eram exibidos primeiro no Alvorada e depois no São João, onde havia alguns cortes realizados nas fitas, deixando o seu público em desvantagem.

No entanto, é importante verificar que mesmo com a mudança espacial do “ponto de encontro das famílias sobralenses”, a praça continuou sendo o espaço comum de sociabilidades, como nos referencia seu Paulo em sua narrativa que se coaduna com as afirmações de Dona Zuleica¹⁸⁴.

O espaço noturno era no teatro São João, nessa avenida ai em frente. Agente ia para o cinema, ou mesmo no São João que era cine teatro e quando saia ficava andando pela avenida, namorando passeando. Era uma beleza, ficava assim de gente . Depois mesmo quando o cinema ai ficou ruim e inauguraram o cine Teatro Rangel, e vinha passear ai. Tinham muitos bancos era aprazível, muito gosto, agente sentava nos bancos e ficava conversando. Era uma beleza. Não vínhamos todas as noites não porque a gente estudava a noite, e quem não estudava não podia sair toda noite né, ficava a noite em casa, quem tinha piano ficava tocando piano, ficava em casa lendo, a maioria das casas tinha roda de calçada, as rodas de calçada era muito boas, ave Maria.

A importância de não sair todos os dias de casa justificava-se não apenas pelas obrigações como o estudo, mas também como necessidade de preservar a imagem da mulher honesta e dócil, que era pregada pela ordem da “Moral e dos Bons Costumes” da cidade. Enquanto algumas moças ficavam em casa, tocando piano ou mesmo nas rodas de calçada, algumas não freqüentavam esses espaços de lazer, devido as questões sociais de trabalho ou mesmo de falta de dinheiro.

O lazer era algo admitido aos finais de semana, quando do trabalho descansavam e aproveitavam para gastar as parcas economias nas diversões oferecidas pela cidade. As rodas

¹⁸⁴ Narrativa de Zuleica Viana, secretaria. Entrevista realizada em fevereiro de 2010, Sobral.

de calçada eram costume nas ruas de Sobral, onde durante as noites reuniam-se as famílias. Enquanto os adultos trocavam informações sobre o dia-a-dia e a cidade, as crianças brincavam livremente pelas ruas. Segundo Antonio Torres¹⁸⁵:

No meu tempo todo mundo ficava na calçada, as vezes vinha os amigos de outras ruas para conversar, e a gente corria solto pelas ruas, era muito bom! Num tinha violência, então num tinha preocupação de brincar na rua. Hoje em dia você só ver gente na calçada nus bairro e é cedo! No Centro quase num tem mais nem casa, só os prédio (...) Tudo é perigoso hoje, num se confia em ninguém! Também Sobral cresceu demais, eu nunca acreditei que fosse ficar assim tão grande(...)

As relações construídas com a cidade e com os vizinhos eram símbolo de tranquilidade e segurança que rodeavam os espaços de Sobral. Enquanto os carros aparecem como raros e ocasionais, contrastando com as idéias de progresso almejadas pelos ordenadores da cidade, que buscavam a modernização e as transformações dos costumes de Sobral.

Nesse período, década de quarenta, emergiam na cidade as várias transformações e reformas das ruas, principalmente, as ruas do Centro da cidade. As reformas transformavam a cidade provinciana, numa cidade moderna, com o alargamento das ruas e arborização, além das modificações realizadas nas praças e espaços sociais, como no caso do Mercado, e da construção da Praça Coluna da Hora.

A narrativa de João Torres fala sobre as transformações que a cidade sofreu. A modernidade, tão almejada pelos ordenadores da cidade chegava, mas assustava aqueles que nunca imaginaram o impacto da transformação. A modernidade talvez não fosse pensada por todos na cidade, principalmente por homens e mulheres como Antonio Torres, Paulo e Ana Ferreira. Pessoas simples que viam a cidade como espaço de regras e conflitos pessoais, que buscavam uma vida mais amena, ou seja, em que não sofressem tantas privações materiais, ocasionadas pelas poucas oportunidades.

¹⁸⁵ Entrevista realizada com Antonio Torres, 96 anos, carpinteiro Setembro de 2009, Sobral.

Ana Ferreira¹⁸⁶, costureira de oitenta e seis anos, nasceu em Tianguá, casara-se aos dezesseis anos e veio morar em Sobral com o marido. Enquanto o marido trabalhava com agricultura e outros trabalhos que aparecessem ela costurava pra ajudar nas despesas domésticas. Apesar de não ter tido filhos, com exceção de uma criança com problemas mentais que criou, levava uma vida regrada, repleta de dores ocasionadas por perdas, além de doenças na família. Enquanto era jovem nunca pôde conhecer a cidade como espaço de lazer, devido a filha pequena e as dificuldades de locomoção, pois a mesma morava do outro lado do Rio, um bairro que crescia desordenadamente, assim como crescem as ervas. Segundo ela:

Oia, eu nunca fui de sair de casa não! Aqui nunca fui a praça, nunca fui a festa, nunca fui nada! Só ia mesmo pra missa, pois missa é obrigação, desde piquena meu pai dizia tem de ir a missa! Então eu ia muito pra igreja. Aqui, só saía mesmo pra isso, a menina era doente, num podia viver por ai, o marido trabalhava demais, e num dava pra nada pois tinha muito dispesa com ela, e comigo que depois adoeci, nunca mais fiquei boa na vida. Minha vida aqui é só de infelicidade, meu marido morreu, eu era nova, tinha quarenta e seis, quarenta e cinco ano, essa menina doente até hoje! Só saía mesmo pra trabalho, pra doutor e pra missa(...)As pessoas parece tinha medo dela, ela é muito nervosa, só fica conversando e as vezes grita e sai por ai andando na rua. Hoje a gente vive aqui nu abrigo, graça a deus nós mora aqui, porque eu num agüentava mais sofrer tanto lá na casa sozinha com ela. Num tenho vontade de sair daqui não, tenho é medo porque vive dizendo que vai fechar e ai pra onde eu vou?

A narração de dona Ana fala de um sentimento de ausência da cidade, ausência sentida pelas experiências não vivenciadas na cidade, devido as supresas nem agradáveis da vida. Seu único contato com a cidade parece reverenciar apenas a igreja, espaço que apreende como obrigação e não de lazer. Ao ser questionada sobre a praça São João, ou mesmo sobre o Pallace Club, afirmou:

num existia praça não minha fia, aqui num tinha nada não, só tinha mesmo era sofrimento, sempre quis voltar pra perto da minha família, mais o homem num queria, dizia que as coisa is melhorar, e só piorava!(...) Esse de palacio ai eu num sei si existia não, nunca vi dizer dele não(...) ¹⁸⁷

¹⁸⁶ Narrativa de Ana Ferreira, 86 anos, costureira. Entrevista realizada em outubro de 2009, Sobral.

¹⁸⁷ Narrativa de Ana Ferreira, 86 anos, costureira. Entrevista realizada em outubro de 2009, sobral.

O que interessa da narrativa de dona Ana é a tensão entre a ausência de conhecimento sobre a cidade, apesar de estar inserida morar nela. O que poderia ocasionar esse silenciamento, ou melhor, esquecimento sobre as transformações que a cidade sofria? Pois mesmo não tendo um cotidiano de freqüentar os espaços sociais da cidade a mesma vivia em um bairro movimentado pela vizinhança, com a qual mantinha contatos diários e sabia notícias sobre o que acontecia em Sobral.

Pensando esse silenciamento da memória de Dona Ana podemos nos remeter a Ricoeur¹⁸⁸, com a discussão sobre “esquecimento e memória”, aqui entendido pelo viés, em que o narrador inconscientemente prefere esquecer os momentos difíceis da sua trajetória a reativá-los, através das lembranças atualizadas ao momento presente. No caso de Dona Ana, a sua vida sofrida e cheia de abnegações faz com que a mesma prefira não falar sobre suas experiências em Sobral, já que a mesma não vivenciava momentos de lazer, ou, como podemos entender não percebia que estes existissem em seu cotidiano devido as atribulações da falta de dinheiro e saúde.

A esse propósito, Todorov afirma que "A memória não se opõe absolutamente ao esquecimento."¹⁸⁹ Ou seja que ambos interligam-se construindo uma narrativa para presente, a partir da coletividade. Como podemos perceber durante os capítulos anteriores ‘a cidade’ constrói representações sobre si partindo de uma classe social em particular, a elite, e sobre a cidade moderna e ausente de problemas sociais, fato que nos leva a pensar sobre os sentimentos de não pertencimento de Dona Ana a esse espaço social, o qual é representado pra ela como um espaço de perdas, a perda do marido, e de dificuldades, tanto financeiras quanto de saúde. Esses fatos podem interferir na suas memórias sobre a cidade, fazendo com

¹⁸⁸ RICCEUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

¹⁸⁹ TODOROV, Tzevtan. Os abusos da memória. P.16

que não fale sobre elas para não (re)ativar os sentimentos sobre o passado, que ela talvez prefira esquecer.

Enfim, o grande desafio da utilização das imagens como desencadeadoras da memória vem a ser transmitir os sentimentos inenarráveis, despertados pelo contato dos narradores com esses fragmentos do passado, as imagens, afinal, esses contatos propiciam o desvelamento de sentidos e possibilidades de perceber a cidade a partir da visão de seus consumidores, independente de que classe social estejam ligados.

3.2. Memórias do centenário: silêncios e fragmentos

As comemorações do centenário de Sobral já foram discutidas nos capítulos anteriores, em que as fontes pesquisadas, jornais e álbum do centenário nos deixaram cientes sobre estas, como parte da idealização de uma grupo de intelectuais de Sobral, não deixando claro a participação da população em geral, a não ser pelos anúncios da festa, assim como pelas solicitações realizadas pelo Bispo à população sobre como deviam se preparar para as festividades.

Percebendo a ausência do povo nas notas das festas de comemoração, utilizamos-nos das memórias dos velhos a identificar como as comemorações das festas do centenário ficaram marcadas nas memórias dos nossos depoentes.

Durante as visitas e conversas com os narradores, tentamos deixá-los a vontade quanto suas narrativas, e mesmo com relação ao contato com as imagens, não sentimos tanta necessidade de intervir nos primeiros momentos, ou seja em relação as memórias desencadeadas pelas fotografias, pois falavam livremente sobre os espaços, relatando curiosidades, algumas histórias ‘pitorescas’ sobre a cidade e alguns personagens, isso fez com que os encontros fossem prazerosos para ambos, narradores e entrevistadora.

Apesar dessa receptividade pela pesquisa fomos aos poucos percebendo que o álbum era objeto desconhecido para a grande maioria, apenas dois recordavam a sua existência. Isso nos levou a intervir nas narrativas para inferir sobre suas memórias das festas do centenário de Sobral, e qual não foi a surpresa ao percebermos que não são nítidas as memórias sobre as festas de comemoração do centenário, em meio a isso surgem questões tais como a confusão de lembranças entre a festa do centenário e a festa do Núncio apostólico do Bispo Dom José¹⁹⁰, que ocorreu juntamente com as comemorações do centenário da cidade.

Pensando estas imbricações das memórias em relação as festas, recorremos a Fentress, para entender essa problemática a qual nos leva a percepção de que “na memória, há sempre uma tendência para a simplificação e esquematização”¹⁹¹, ou seja devido as festividades terem ocorrido em continuidade, houve na memória uma simplificação das memórias, já que as comemorações ficaram restritas a apenas uma parte da sociedade, enquanto o encontro dos bispos, ampliou-se não apenas para a população da cidade, mas também para as cidades vizinhas.

Do aniversário da cidade eu num lembro de nada não, mais a mamãe contava, que em quarenta teve uma festa muito grande, a festa do Bispo, foi bem ali, na praça São Francisco(...) não naquele tempo o nome não era esse aí não! Era a praça avenidinha, construída pelas pessoas da sociedade que moravam ao redor, depois da festa do Bispo foi que fizeram a construção dessa igreja, a do São Francisco, antes era só uma capelazinha(...) Sim pois é, a mamãe contava que a festa foi linda, que

¹⁹⁰ Narrativa de Raimundo Xerez, 62 anos, comerciante. Entrevista realizada em janeiro de 2010, Sobral.

¹⁹¹ FENTRESS, *Op. cit.* p, 48.

tinha muita gente, veio gente de todo canto, que a praça estava cheia, todo mundo bem alinhado, porque todo mundo veio alinhado! (...) sim, participava todo mundo, tinha umas cadeiras pras pessoas mais importantes e o resto do povo assistia em pé! Foi uma festona mesmo, é só você ir lá na Praça que naquela coluna que tem bem no meio, tem as informações bem direitinho(...) do aniversário de cem anos eu num lembro de nada não!¹⁹²

O narrador ainda era uma criança no período em que ocorreram ambas as festividades, porém sua mãe falava sobre as festas ocorridas por ocasião do “núncio apostólico”, o que na sua memória ficou como uma grande festa, que ela gostava de contar para seu filho, Xerez, o qual possui uma pós-memória, oriunda das histórias que a sua mãe contava sobre a cidade.

A pós-memória pode ser compreendida como a memória dos pais que passa para os filhos, ou seja “a memória da geração seguinte àquela que sofreu ou protagonizou os acontecimentos”¹⁹³, dessa maneira, as memórias de seu Xerez foram transmitidas por sua mãe, sendo portanto mediadas a partir das experiências de outros, que viveram essas experiências, e as transmitiram.

A utilização da pós-memória do narrador justifica-se pelo fato de que, mesmo não tendo vivido experiências narrada, ele as adquiriu. Sua mãe lhe narrou as histórias da cidade, quando ele era criança, o que despertou nele uma curiosidade sobre as histórias de Sobral, e até mesmo um orgulho de pertencer a ela. A percepção desse interesse de Xerez sobre a cidade nos veio a partir da necessidade que, durante as entrevistas, o mesmo tinha de buscar fotografias antigas, tanto de sua família como de alguns espaços, as quais, acreditamos, surgiam como testemunhas de suas narrativas.

A fala do personagem nos mostra que as memórias sobre as comemorações do centenário da cidade ficaram imersas em relação a festa do núncio apostólico. Não existem fatos na fala do entrevistado que falem sobre nenhum dos eventos comemorativos sobre o

¹⁹² Narrativa de Raimundo Xerez, 62 anos, comerciante. Entrevista realizada em janeiro de 2010, Sobral.

¹⁹³ SARLO, Beatriz. **Tempo passado:** cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007. P.91.

aniversário de Sobral. Ao ser questionado sobre o “álbum do centenário”, Xerez¹⁹⁴ nos fala que nunca soube da sua existência, e nem lembra de ter ouvido sua mãe falar sobre a existência do mesmo.

Mamãe contava muitas histórias, ela gostava de contar, porque era professora, era uma das melhores professoras. Naquele tempo ela ensinava em casa, depois é que as crianças iam pra escola mesmo. E como professora ela gostava de contar as coisas da cidade, mais não lembro dela falar nada sobre esse álbum não!¹⁹⁵

Ele recorre a experiência da mãe como professora, o que nos parece uma forma de dá autoridade às experiências da sua mãe, a ausência de narrativas sobre as festas do centenário ou mesmo sobre o álbum, leva-nos a acreditar que sua importância na cidade foi restrita, ou talvez tenha ficado ‘esquecida’ frente a amplitude que as comemorações do nuncio tomaram na cidade.

Ainda sobre as memórias das comemorações do centenário, Dona Zuleica Viana nos sinaliza com fragmentos de suas lembranças, no entanto há momentos em que se torna perceptível a confusão que sua memória faz em relação ao período.

Eu sei que foi uma festa muito bonita, mais não me lembro muito não, eu era menina tinha uns dez anos! Ouvi falar do álbum mais não vi esse álbum não(...) Quem fez o álbum foi o Craveiro Filho que era jornalista(...) mais grande mesmo foi a festa de Encontro dos Bispos, uma festa grande(...) O prefeito, era o Antenor Ferreira Gomes, ele era muito bom, foi prefeito em Toda a Ditadura Vargas e fez muita coisa aqui! Lá na Praça Deputado Francisco Monte, antes era São Francisco, mais antes era Praça da Independência, Foi lá que foi feita as festas da visita do Nuncio, uma festa muito grande (...)¹⁹⁶

A fala da narradora apresenta fragmentos de todo o período que corresponde à época do centenário de Sobral. De forma geral ela fala sobre o poder político, sobre as comemorações e de suas extensões, no entanto são vazios de informações concretas sobre da festa, isso é algo corriqueiro quando trabalhamos com a memória, afinal a memória é uma extensão do corpo humano e como é normal, algumas informações vão sendo diluídas com o

¹⁹⁴ Narrativa de Raimundo Xerez, 62 anos, comerciante. Entrevista realizada em janeiro de 2010, Sobral.

¹⁹⁵ Narrativa de Raimundo Xerez, 62 anos, comerciante. Entrevista realizada em janeiro de 2010, Sobral.

¹⁹⁶ Narrativa de Zuleica Viana, secretária. Entrevista realizada em fevereiro de 2010, Sobral.

passar do tempo, e nos levando a refletir sobre a memória fragmentária, ou mesmo acerca de resquícios de memória.

A narrativa da depoente pode ser entendida como percepção construída a partir de saberes pré-estabelecidos do período ou mesmo como esquecimento, afinal esquecer não é mesmo diferente de não perceber. Contudo, os resquícios de memórias apresentadas nos apresenta são importantes, pois ajudam a construir perspectivas de entendimento sobre os fatos narrados, perspectivas que vão além do real, pois distorções ou generalizações sempre são apresentadas na recomposição do passado narrado. Nesse sentido Fentress afirma que “a nossa memória exprime a ligação do nosso espírito ao nosso corpo e do nosso corpo com o mundo social e natural que nos rodeia. No entanto essa continuidade é também fonte de esquecimento normal”.¹⁹⁷

Tal como cotidianamente esquecemos coisas importantes, ou não tão significativas, o processo de (re)memoração, está sujeito ao esquecimento; afinal não somos capazes de captar e lembrar todos os acontecimentos importantes de nossas vidas, com a riqueza de detalhes neles contidos. Isso decorre do fato de nossa memória está intimamente relacionada com as experiências e com os contatos sócios culturais que mantemos com o “evento” a ser lembrado ou esquecido.

O senhor Paulo, ao falar sobre o período das comemorações, diz não se lembrar de nenhum dos acontecimentos, nem do centenário, nem da festa do Núncio, chegando mesmo a afirmar que não foram da sua época.

Eu não lembro da festa, nem da visita desses bispos, acho que nessa época eu era muito pequeno(...) A gente trabalhava tudo com meu pai, e trabalhamos na construção da igreja São Francisco, foi muito tempo lá, antes era só uma capela pequenininha, lembro que na época meu irmão sofreu um acidente, lá! A gente fazia a construção com umas tabua, e amarrava pela cintura, era muito cansativo, porque ficava segurando a massa até ficar dura, e um dia ele caiu lá de cima! Foi horrível teve que deixar de trabalhar(...) nesse tempo chegou um casal de pintor, pra pintar o

¹⁹⁷ FENTRESS. *Op. Cit.* p.57.

teto da igreja, foi um comentário só, porque a pintora usava caça comprida e mulher naquele tempo se vestia feito mulher de saia e vistido(...) ¹⁹⁸

A narrativa de seu Paulo mostra uma ausência de memórias sobre as comemorações da cidade na década de 1940. Ele chega a falar que era muito criança e não se lembra desse período das festas. No entanto, a reforma da igreja, por ele narrada com detalhes, aconteceu logo em seguida às festas. O que ocorre é que o mesmo não reteve nem mesmo lembranças fragmentares da festa do centenário, nem mesmo da presença do núncio na cidade, o que nos leva a conclusão de que as comemorações das festas do centenário foram restritas a elite, ou seja, foram comemorações produzidas por e para uma classe específica, um grupo privilegiado que fazia parte das comemorações. Ainda nessa perspectiva, deparamo-nos com a narrativa de seu Antonio Torres, o qual apresenta o mesmo silenciamento sobre esse período:

Trabalhava com tudo que desse certo, nesse tempo, era tudo difícil e quando tinha muié e menino pra criar, então eu trabalhei em serraria, na serraria do seu Didi, fui lá que aprendi o ofício de carpinteiro, quando sai di lá fui trabalhar pro Dom José(...) era um homem muito bom até me deu um emprego lá no abrigo, trabalhei lá e ele disse que si mode eu quisesse podia ficar lá de vigia, mais ganhava pouco como vigia, e voltei a trabalhar noutra serraria(...) O Dom José eu conheci, mais num mi alembro dessa festa não! Hoje em dia é que os prefeito faz festa de aniversário da cidade, mais anti num tinha não(...)A festa do Dom José foi uma festança só, a cidade todinha foi, Eli tinha a mania de pedir ajuda pros branco pra mode fazer as coisa que Eli queria na cidade, e nessa festa todos o branco deram dinheiro(....) Tinha muita gente a cidade tava cheia, só pra essa festa(...) ¹⁹⁹

A presença do Bispo na vida de seu Antonio Torres representa a possibilidade de trabalhar e viver próximo de uma pessoa que, segundo ele, era um homem bom, que pedia contribuições aos brancos para a realização das obras que realizava na cidade. Segundo o depoente não havia festas durante o aniversário da cidade, somente nos dias atuais é que existem comemorações. Essa afirmação nos leva a refletir sobre as possibilidades levantadas, a partir das narrativas anteriores, ou seja, as comemorações do aniversário da cidade eram

¹⁹⁸ Narrativa de Paulo José Souza, 76 anos, comerciante. Entrevista realizada em Setembro de 2009, Sobral.

¹⁹⁹ Entrevista realizada com Antonio Torres, 96 anos, carpinteiro Setembro de 2009, Sobral.

solenidades realizadas para um grupo específico, talvez o grupo responsável por manter e construir a tradição sobre a cidade.

Esse grupo que desejava uma cidade moderna e, para tanto construiu representações que divulgavam suas transformações, com o intuito de que essas ganhassem eco pelos jornais da capital e do país. A tradição divulgada pretendia estabelecer como patrimônio da cidade um imaginário de progresso e modernização.

O caráter dado a esta comemoração, em especial a do primeiro centenário de Sobral, foi moldado para ecoar em outras cidades, quiçá no mundo. Afinal, a elite local orgulhava-se dos seus contatos diretos com a Europa e o sul do país. Entretanto, a memória social pouco guardou do grande feito pois em diferentes espaços da cidade, não mais se lembram ou não ouviram falar de tão significativa comemoração.

Compreender as memórias, a partir das imagens reproduzidas no álbum do centenário, fez-nos refletir sobre a construção narrativa diferenciada que se faz das experiências com o social. Por isso, devemos levar em consideração a generalização que os narradores fazem a partir de saberes pré-estabelecidos. Entretanto, é imprescindível a fragmentação dessa memória, ocasionada pelo esquecimento ou mesmo pela volatilidade dos contatos com esses acontecimentos, sem olvidar dos diferentes espaços, da multiplicidade dos diferentes espaços, locais que compõem a paisagem urbana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Talvez seja estranho alguém dedicar tanta atenção a um álbum de comemoração de uma cidade, mais ainda quando esta cidade já está a completar seus 237 anos de existência²⁰⁰. No entanto, para o historiador não é. Sabemos que o historiador tem como uma de suas escolhas, na profissão, construir temas a serem desvelados, retomados e repensados, a partir do momento atual, incentivado pelas inquietações do cotidiano, do seu tempo presente. Pesavento ressalta que o historiador, além do interesse pelo tema pesquisado, deve ter sempre questões a propor, idéias a construir e, mais que isso, uma diversidade de fontes a serem exploradas. Quando nos deparamos com o álbum do centenário, fomos tomados por um momento de encanto, seguido de inquietações.

Persuadida por estas inquietações, envolvi-me na busca de rastros e vestígios das comemorações do primeiro centenário da cidade. Os jornais apresentavam pequenas notas, notícias esparsas e alguns vestígios das comemorações e da participação popular. Os órgãos públicos não detinham mais o arquivo documental sobre o período, o qual seria capaz de nos proporcionar detalhes ou informações sobre os grupos envolvidos ou sobre os acordos estabelecidos, entre poder público e iniciativa privada, para a realização das festividades. Esses descontínuos de fontes e informações, ao invés de nos levarem a um esquecimento da

²⁰⁰ O primeiro centenário da cidade de Sobral, quando a antiga vila foi elevada a categoria de Cidade, 1841. Após essa comemoração, o aniversário da cidade passou a ser comemorado na data de elevação da Fazenda Caiçara a Vila, ou seja no ano de 1773. Data que até hoje é utilizada para as comemorações.

temática proposta, nos estimulavam mais e mais a continuar a desvelar esse evento e, mais que isso, perceber como ele havia ficado marcado no imaginário da cidade.

Partindo desses desafios iniciais e da curiosidade, às vezes ‘inoportuna’, da profissão de historiador, fomos sendo levados e incitados ao trabalho com as imagens, as quais já nos eram próximas, e que agora tornavam-se ainda mais instigantes. Afinal, inquietava-nos como, na década de quarenta do século passado, as pessoas percebiam a cidade que se instituía entre os poderes públicos e os ideais ultramontanos da igreja católica. A compreensão da fixação dessas imagens, que destacavam espaços, e representavam espaços idealizados, nos motivou a explorar as manifestações de sensibilidades diversificadas, no complexo xadrez do panorama urbano.

No início do século XX, a produção dos álbuns de vista estava em voga no país, que além do carácter de representação, estavam, também, acompanhados do sentido de divulgação das transformações e do progresso, atribuído à cidade. Nesse sentido, imaginamos como Sobral constituía-se nas representações socialmente produzidas, pela memória de seus habitantes e na produção da sua historiografia, da mesma maneira como pensamos que orgulho não sentiam os sobralenses, imbuídos do decantado sentimento de “sobralidade”, ao se depararem com um álbum de vistas da cidade. Talvez o orgulho e o sentido de pertencimento foram elevados ao máximo, como expressão das sensibilidades.

Analisar Sobral na década de quarenta, do século passado, tornou-se possível a partir do trabalho com as imagens reproduzidas no álbum do primeiro centenário, articuladas com as memórias dos velhos, desencadeadas a partir das fotografias que, aliadas ao jornal Correio da Semana, que tornaram possível compreender a cidade e os desejos dos ordenadores do espaço urbano, da mesma forma que perceber como as representações produzidas sobre Sobral, ficaram marcadas na memória de seus habitantes.

As fotografias foram analisadas ao mesmo tempo como ativadoras de emoções e, às vezes, de silenciamento por parte dos depoentes. No entanto, o sentido era de construção e destruição de espaços e experiências vivenciados. A observação de como a memória social reconstituía dois espaços e expressava seus sentimentos, contribuiu para a compreensão de como a cidade era pensada e produzida por grupos isolados e como essas produções eram absorvidas e experimentadas pela população.

As imagens e a memória, entendidas como fonte nessa pesquisa, foram “adquirindo, um peso e uma diversidade que levam a identificação do próprio mundo exterior”²⁰¹, ou seja, foram elas os guias que nos ajudaram a entender como a cidade era vivenciada pela população que não estava inserida no meio de seus ordenadores, entendendo dessa maneira como os espaços representados no álbum eram por eles praticados e pensados.

Assim, o universo dessas representações sofria apropriações e utilizações diversas, para aqueles que mesmo não sendo instigados a ‘desejar a cidade’, construíam suas próprias histórias e representações sobre a cidade. A interpretação dessas memórias, e às vezes, do silêncio dos depoentes, nos fizeram revelar a existência de múltiplas cidades, em uma única, o que não seria perceptível através, apenas dos documentos escritos.

Os trabalhos da memória são (re)elaborações sobre o passado, onde no momento da evocação são construídos a partir das experiências dos depoentes e dos sentidos por eles adquiridos com o tempo presente.²⁰²

O trabalho com o Jornal Correio da Semana nos levou a compreensão de que as festas de comemoração do Centenário foram organizadas e pensadas, a partir dos desejos de

²⁰¹ GUIMARÃES, Cesar. **Imagens da memória (entre o legível e o visível)**, Belo Horizonte:Editora da UFMG, 1997, p.11.

²⁰². AMADO, Janaina; Marieta de Moraes (orgs.). **Usos e Abusos da história oral**. 8ª ed.Rio de Janeiro: FGV, 2006.

transformação da cidade de um grupo particular, ligado ao poder público e à Igreja católica, ficando o povo restrito a uma representação mínima, coordenada pela associação dos trabalhadores do comércio.

A cidade era ordenada e transformada urbanisticamente pela Igreja, fruto das idéias ultramontanas defendidas e colocadas em prática pelo Bispo Dom José, que contava com o apoio do poder público. Ressaltamos que a modernidade e o progresso almejado pela igreja restringiam-se apenas ao ordenamento do espaço urbano, pois o comportamento social era rigidamente controlado pela igreja, tanto através das colunas do jornal como do discurso religioso.

As imagens, que compõem o álbum do centenário, nos levaram a compreender que eram produzidas como representação do progresso e da modernidade da cidade, revelando espaços que, ao serem fixados e escolhidos pelo organizador do álbum, tinham o intuito de socializar espaços de tradição na cidade. Sentimento que estava expresso, silenciosamente, nas páginas do álbum, da mesma forma que o organizador deixa expresso nas palavras finais do álbum: “que sejam parte importante para os historiadores do futuro”.

Essa mensagem nos leva a perceber o sentido subtendido da sua organização, ou seja, construir espaços de tradição e história, que viviam a constituir no imaginário da população a idéia de tradição e memória na cidade. A instituição de espaços de referência contribuía para o fortalecimento da idéia de pertencimento ao sentimento de sobralidade, uma estratégia de controle dos sentimentos e preservação das tradições idealizadas.

Ao utilizarmos as imagens como objetos de memória, fomos aos poucos percebendo que a população da cidade não guarda sentidos de afetividade com as comemorações do primeiro centenário, sendo os espaços, pelo álbum fixados, revitalizados através das ligações afetivas construídas com esses espaços, a partir das experiências vivenciadas pelos depoentes

com esses espaços. No entanto, percebemos a existência de outras possibilidades de pensar a cidade e os espaços que foram representados no imaginário local.

A compreensão de Sobral e da instituição de seu imaginário, acerca da cidade e de suas tradições, não são perceptíveis apenas com o estudo de um evento, em especial o centenário, mas possibilitaram perceber que existem várias formas de pensar a cidade. Formas estas que às vezes não estão impressas em documentos ou jornais, mas que encontram-se presentes na memória daqueles que são parte constituinte desses espaços.

FONTES

NARRATIVAS ORAIS:

- Antonio Torres, carpinteiro, 96 anos. Entrevista realizada em outubro de 2009, Sobral.
- Ana Ferreira, 86 anos, costureira. Entrevista realizada em outubro de 2009, Sobral.

- Paulo José Souza, 76 anos, comerciante. Entrevista realizada em Setembro de 2009, Sobral .
- Raimundo Xerez, 62 anos, comerciante. Entrevista realizada em janeiro de 2010, Sobral.
- Zuleica Viana, secretária. Entrevista realizada em setembro de 2008, Sobral.

FONTES ESCRITAS:

- CORREIO DA SEMANA (1935-1948). Disponível na Biblioteca Pública Menezes Pimentel em Fortaleza-Ce, no setor de microfilmagem.
- ÁLBUM DO CENTENÁRIO DE SOBRAL. Disponível na Biblioteca Pública Menezes Pimentel em Fortaleza-Ce – Acervo de Obras raras.
- FROTA, José Tupinambá da. **História de Sobral**. Fortaleza: Henriqueta Galeno, 1974.
- ***Veja**, São Paulo, v.42, n.2132. “The United States Of Sobral”, 30 de set. 2009.

REVISTA DO INSTITUTO DO CEARÁ:

HAGUETE, Tereza Maria Frota. As elites sobralenses na década de 40. IN: **Revista do Instituto do Ceará**. Fortaleza. Vol. 105, ano CV. 1991.p. 397.

FONTES IMAGÉTICAS:

CRAVEIRO FILHO, Antonino. **Álbum do centenário de Sobral**. Sobral, S.d, 1941.

DISSERTAÇÕES:

- SANTOS. Chrislene Carvalho dos, **A construção social do corpo feminino** Sobral 1920-1925. Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal do Pernambuco-UFPE, Recife, 2000.
- SILVA JÚNIOR. Agenor Soares. **A cidade disciplinada: a igreja católica e os trabalhadores urbanos em Sobral- Ceará (1920-1925)**. Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal do Pernambuco-UFPE, Recife, 2002.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU. J. C. de. **Capítulos da História Colonial do Ceará (1500-1800)**. 4 ed. Rio de Janeiro: Livraria Broguet, 1954.

ALBERTI. Verena, Tradição oral e usos da memória: o caso do tribunal Waitanqi, Nova Zelândia. In: **Revista Anos 90**, Porto Alegre, v.26, p.17-39.

_____. Histórias dentro da história. IN: PINSK. Carla Bessanezi. (org.) **Fontes Históricas**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2006, p.156-202.

_____. **Ouvir e Contar Textos em história oral: proximidades e fronteiras**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

AMADO, Janaina; Marieta de Moraes (orgs.). **Usos e Abusos da história oral**. 8ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

ANDRADE, Plácido Marinho. **Sobral, humor e prosa**. Fortaleza, Editora, 1992.

ARAÚJO, Francisco Sadoc. **História da Cultura sobralense**. Sobral, Imprensa Universitária – UVA, 1978.

_____. **Cronologia Sobralense**. (Volumes I, II, III, IV). Sobral: Imprensa Universitária – UVA, 1979.

_____. **Ceará, homens e livros**. Fortaleza, Grecel, 1981.

_____. **Traços Biográficos de D. José Tupinambá da Frota**. Fortaleza, Academia Cearense de Letras, 1982.

_____. **Raízes Portuguesas do Vale do Acaraú**. Sobral: Gráfica Editorial Cearense Ltda., 1ª ed. 1991, v.2.

ARAÚJO, Fernandes. Maria Paula & Tânia Maria. O dialogo da história oral com a historiografia contemporânea. IN: VISCARDI. Cláudia M. R. **História oral: teoria educação e sociedade**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2006.

BARBOSA. Marialva. **História cultural da Imprensa: Brasil, 1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BARROS. José D'Assunção, **Cidade e História**. Petrópolis: Vozes, 2007.

BARROSO. Gustavo. **Terra do Sol**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1962.

BENJAMIN, Walter. 1975. **Sobre alguns temas em Baudelaire**. IN: Benjamin, Walter; et AL. São Paulo, abril. Coleção OS Pensadores.

_____. **Pequena História da Fotografia**. IN: KOTHE, Flávio R. (org.), Walter Benjamin. São Paulo, Ática (Coleção Grandes Cientistas Sociais, n. 50) p. 219-240.

BERMAN. **Marshall, Tudo que é sólido desmancha no ar:** as aventuras da modernidade.

São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BEZERRA, Antonio. **Notas de Viagem.** Fortaleza, Imprensa Universitária, 1965.

BOSI. Ecléa. **A substância social da memória:** ensaios de psicologia social. São Paulo:

Ateliê editorial, 2003.

_____. **Memória e Sociedade:** Lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras,

1994.

BRESCIANNI, Maria Stella M, História e historiografia das cidades, um percurso. IN:

FREITAS. Marcos Cesar (org.) **Historiografia brasileira em perspectiva.** 2. ed. São Paulo:

Contexto, 1998.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular** – história e imagem. Bauru, SP; EDUSC, 2004.

_____. **Variedades de História cultural.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira,

2006.

_____. **História e Teoria Social.** São Paulo: UNESP, 2002.

_____. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro; Zahar, 2005.

CABRAL FILHO. Severino. Da fotografia e da lembrança de velhos: a cidade revelada. IN:

SAECULUM- Revista de História (18); João Pessoa, jan/jun. 2008.

CALVINO, Ítalo. **Cidades Invisíveis.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAPELLATO, Maria Helena. Populismo na Imprensa: UH e NP. IN: MELO, José Marques

de (org.) **Populismo e Comunicação.** São Paulo: Cortez, 1981, p.118.

_____. **A imprensa no Brasil.** 2 ed. São Paulo: Contexto/EDUSP:1994.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CASTRO, j. Liberal de. **Pequena Informação relativa à arquitetura antiga no Ceará**. Fortaleza: imprensa universitária Federal do Ceará, 1977.

CATROGA, Fernando. **Memória, História e Historiografia**. Lisboa, Ed. Quarteto.

CERTEAU, Michel. A operação historiográfica. IN; CERTEAU. Michel de, **A escrita da história**. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

_____. **A invenção do cotidiano: a arte de fazer**. Petropolis: Vozes, 2002, v.1.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural** – Entre práticas e representações. Rio de Janeiro. Editora Bertrand Brasil, 1988.

_____. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2009.

CHIAPPINI, Ligia; BRESCIANI, Stella. **Literatura e Cultura no Brasil: identidades e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2002.

CONNERTON. Paul, Cerimônias Comemorativas. IN: **Como as sociedades recordam**. Oleiras: Celta, 1993.

COSTA, Antonio Carlos Campelo; CRUZ, Andrea Nóbrega da; ALVES, Maria do Carmo. **SOBRAL**, a preservação do sítio histórico a partir do seu tombamento. Sobral: Sobral Gráfica e Editora Ltda, 2008.

_____; ROCHA, Herbert de Vasconcelos. **Sobral da origem dos distritos**. Sobral: Sobral gráfica e Editora Ltda, 2008.

CRAVEIRO FILHO, Antonino. **Álbum Histórico** comemorativo do centenário da cidade de Sobral. S/E. Sobral, 1941.

COUTO. Mia, **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra**. São Paulo: Companhia das letras, 2003.

D'ALÉSIO, Márcia Mansor. Intervenções da memória na historiografia: identidades, subjetividades, fragmentos, poderes. IN: **Projeto História**, São Paulo, 17.

DAMATA. Roberto da. **A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DELGADO. Lucilia de Almeida Neves, **História oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autentica, 2006.

DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joazeiro**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

DRAAISMA, Douwe. **Metáforas da memória: uma história das idéias sobre a mente**. Bauru, SP: Edusc, 2005.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. 7. ed. Campinas, SP: Papirus, 2003.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

_____. **A sociedade da corte**. Lisboa: Stampa, 1987.

_____. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 1998.

FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tânia Maria; ALBERTI, Verena (Orgs.). **História oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ; Casa de O. Cruz; CEPDOC; FGV, 2000, p. 47-65.

FOUCAULT, Michel. **A microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FREITAS, Nilson Almino de. **Sobral Oculência e Tradição**. Sobral: UVA, 2000.

FRENTRESS, James. **Memória Social**: Novas perspectivas sobre o passado. Ed. Teorema, Lisboa, 1992.

FROTA, José Tupinambá da. **História de Sobral**. Fortaleza: Henriqueta Galeno, 1974.

GUIMARÃES. Manoel Luiz Salgado, Escrever a história, domesticar o passado. IN: PESAVENTO. Sandra Jathay, (org.) **História e Linguagens**: texto, imagem, oralidade e representações. Rio de Janeiro: 7letras, 2006.

GUIMARÃES, César. **Imagens da memória** (entre o legível e o visível). Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1997.

HAGUETE, Tereza Maria Frota. **As elites sobralenses na década de 40**. IN: Revista do Instituto do Ceará. Fortaleza. Vol. 105, ano CV. 1991.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória coletiva**. São Paulo: Vértice Editora, Revista dos Tribunais, 1990.

HOBBSBAWN. Eric, **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **A oralidade dos velhos na polifonia urbana**. Fortaleza: Imprensa universitária, 2003.

_____. As trilhas opcionais nos caminhos da história. In: VASCONCELOS, José Gerardo; MAGALHÃES JÚNIOR, Antonio Germano. (orgs.). **Memórias no plural**. Fortaleza: IMPRECE, 2003, p.11-17.

_____. O alcance da oralidade como opção metodológica. In: VASCONCELOS, José Gerardo; MAGALHÃES JÚNIOR, Antonio Germano. (orgs.). **Linguagens da História**. Fortaleza: LCR, 2001, p.22-32.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Campinas, SP: Papirus, 1996. (Coleção Ofício de arte e forma).

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 4 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

LEMENHE, M. Auxiliadora. **As razões de uma cidade**: conflitos de hegemonia. Fortaleza, Syllus Comunicações, 1991.

LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, S. Jatahy. **Discurso histórico e narrativa literária**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1998.

LIRA, João Mendes. **De Caiçara a Sobral**. Sobral, s/e, 1971.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1960.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. São Paulo; Ática, 1989.

_____. **Os tempos da fotografia**: o efêmero e o perpetuo. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.

KOURY, Mauro G. Pinheiro. **Fotografia como objeto de memória**: produto técnico e suporte ideológico na conformação do homem ocidental. In: Domínios da Imagem. Londrina, ano I, n.2, maio de 2008, p.101 – 106.

KUYUMIJIAN, Márcia de Melo Martins; MELO, Maria Tereza Negrão de. **Os espaços da história cultural**. Brasília: Paralelo 15, 2008.

LE GOFF. Jacques. **História e memória**. 4 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

LEFEBVRE. Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.

LOFEGO. Silvio Luiz, **IV Centenário da cidade de São Paulo**: uma cidade entre o passado e o futuro. São Paulo: Annablume, 2004.

MARTINS, Vicente. **Homens e Vultos de Sobral**. Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, Stylos Comunicações, 1989.

MAUAD, Ana Maria. Fotografia e História- possibilidade de análise. IN: CIAVATTA, Maria & Alves, Nilda. **A leitura de imagens na pesquisa social: história, comunicação e educação**. 2 ed. –São Paulo: Cortez, 2008.

MEHIY, Jo'se Carlos Sebe. B. (org.). **(RE)Introduzindo história oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1996.

MENEZES, Ulpiano T. A fotografia como documento – Robert capa e o miliciano abatido na Espanha: sugestões para um estudo histórico. **Revista Tempo**, Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, n.14

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História Oral e Memória**. São Paulo: Contexto, 1992.

_____.**História oral e memória: a cultura popular revisitada**. São Paulo:Contexto, 1994.

_____; REZENDE, A. Paulo; GUIMARÃESNETO, Regina Beatriz et all. **História: Cultura e sentimento, outras histórias do Brasil**. Recife: Ed. Universitária da UFPE; Cuiabá: Ed. Da UFMT, 2008.

MUMFORD. Lewis. **A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

NORA, Pierre. **O lugar da memória**. Paris: Gallimard, 1984.

_____.Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **Projeto História**. São Paulo, n.10, p.7-28, 1993.

ONG. Walter.**Oralidade e Cultura escrita**. Campinas: PAPIRUS, 2008.

ORTIZ, Renato, **A moderna tradição brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

PAIVA, Eduardo França. **História e imagens**. Belo Horizonte: Autentica 2002. (Coleção História & Reflexões).

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano** – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. 2. Ed. – Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

_____; ALENCAR, Maria Amélia G.; SERPA, Élio C.; **Sensibilidades e Sociabilidades: perspectivas de pesquisa**. Goiânia: Ed. UCG, 2008.

_____. **Um novo olhar sobre a cidade: a nova história cultural e as representações do urbano**. In: MAUCH, C. ET AL. (orgs). Porto Alegre na virada do século 19, cultura e sociedade. Porto Alegre, Canoas, São Leopoldo: Editoras da UFRGS, Ulbra e Unisinos, 1994.

_____; SANTOS, Nadia Maria Weber et all. **Narrativas, imagens e práticas sociais: percursos em história cultural**. Porto Alegre, RS: Asterisco, 2008.

_____. **História, memória e centralidades urbana**. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, Debates, 2007, [En línea], Puesto en línea el 05 janvier 2007. URL: <http://nuevomundo.revues.org/index3212.html>. Consultado el 13 abril 2008.

_____. **Escrita, linguagem, objetos: Leituras de História cultural**. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. IN: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p.200 - 212.

PORTELLI, A. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História oral. **Projeto História: Ética e História Oral**, 15.

QUINTANA, Mário. **Quintana de bolso**. Porto Alegre: L&PMPocket, 2009.

RAMOS, Alcides; PATRIOTA, Rosangela et all. **Imagens na História**. São Paulo: Aderaldo e Rothschild, 2008.

REZENDE, Antônio Paulo, **(Des)encantos modernos**: história da cidade do Recife na década de vinte. Recife: FUNDARPE, 1997.

RICCEUR, Paul. **A memória a história e o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

ROCHA, Herbet, **O lado esquerdo do Rio**. São Paulo: Hucitec: Secretaria de desenvolvimento e do turismo, Sobral: Escola de formação da Saúde e da família Visconde de Sabogosa, 2003.

SANTOS, Chrislene Carvalho dos. **Sentimentos no sertão republicano**: imprensa, conflitos e morte – a experiência política de Deolindo Barreto (Sobral 1908-1924) / Campinas, SP : [s. n.], 2005.

SANTOS, Nádia Maria Weber, **Histórias de vidas ausentes**: a tênue fronteira entre a saúde e a doença mental. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2005.

SARLO, Beatriz. **Tempo Passado**: Cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das letras; Belo Horizonte, UFMG, 2007.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 2ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SOARES, Maria Norma Maia. **Eclipse de 1919**: múltiplas visões. Sobral: Ed. UVA, 1999.

_____. **Sobral: História e vida**. Sobral: Edições UVA, 1997.

SONTAG. Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das letras, 2004.

THOMPSON. Paul. **A voz do passado**: história oral. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VEYNE. Paul, **Como se escreve a história**, e Foucault revoluciona a história. 4ª ed. Brasília: UNB, 1998.

VELLOSO. Mônica Pimenta. Come. Mora? Descobrimento, comemoração e nacionalidades nas revistas humorísticas ilustradas. IN: **Sentidos da comemoração**. São Paulo: Projeto História/PUC-SP, 2000.

VENEU, Marcos Guedes. **O Flaneur e a vertigem**: metrópole e subjetividade na obra de João do Rio. IN: Estudos históricos, Rio de Janeiro, vol.3, n. 6, 1999, p. 229-243.